A Vida Além do Véu

Mensagens de Espíritos
recebidas e ordenadas por

Reverendo George Vale Owen

LIVRO 1

Os Planos Inferiores do Céu

Conteúdo resumido

Esta obra faz parte de uma série de obras intitulada “A Vida Além do Véu”, relacionadas logo em seguida a este resumo.

No todo elas constituem uma descrição da vida no mundo espiritual, além de mensagens e conselhos, ditados por diferentes Espíritos. Seus principais colaboradores do plano espiritual são sua mãe e o seu guia espiritual.

O autor narra as condições da vida no além, as diversas atividades dos seres libertos do corpo material, a evolução do Espírito na erraticidade, a assistência aos Espíritos que vivem nos planos inferiores, as diferentes esferas espirituais, os trabalhos dos abnegados missionários dos planos superiores, entre outros.

O objetivo da obra é demonstrar a realidade da vida além-túmulo, provando a imortalidade da alma e a comunicabilidade dos Espíritos com o nosso plano de existência física.

* * *

Os Escritos de Vale Owen foram publicados em cinco volumes, sob o título genérico de “A Vida Além do Véu”.

Os livros que compõem esta série se denominam:

1 – “Os Planos Inferiores do Céu”
2 – “Os Altos Planos do Céu”
3 – “O Ministério do Céu”
4 – “Os Batalhões do Céu”
5 – “As Crianças do Céu” e
”Os Planos Exteriores do Céu”

O quinto volume, *As Crianças do Céu* e *Os Planos Exteriores do Céu*, publicado posteriormente e assumido por uma casa editora diferente daquela dos outros quatro, e por outro editor, foi omitido nas reedições subseqüentes dos Escritos, permanecendo, assim, destacado da série.

Sumário

Notas Preliminares

(Texto comum aos cinco livros da série)

A Associação Mundo Maior empreendeu a reedição dos quatro volumes que compreendem os iluminados escritos recebidos através da mediunidade do Rev G. Vale Owen. Foi uma grande perda para o Movimento que estes escritos tenham estado sem reimpressão por tanto tempo, pois é de concordância geral que nenhuma outra comunicação da Esfera Espiritual teve tão amplo interesse no mundo em geral. Isto é devido em parte, sabemos, à extensiva publicidade que lhes foi dada pelo grande jornalista Lord Northcliffe que, ignorando o preconceito geral e o cinismo, olhando para as possibilidades de tais comunicações, publicou-as em série no "The Weekly Dispatch" em 1920-21, e gastou muito dinheiro para sua divulgação.

É natural a pergunta: *"Como estas mensagens espirituais foram recebidas?"* A resposta é dada pelo próprio Vale Owen adiante, no tópico "Como vieram as mensagens".

Aí vem a próxima pergunta: *"Como era este clérigo?"* Aqueles que não conheceram Vale Owen podem bem achá-lo um sonhador, um homem apartado das coisas comuns da vida diária – um santo ou um asceta. Mas embora todos os que conheceram Vale Owen pessoalmente não tivessem dúvida de sua espiritualidade, não concordariam com que alguém dissesse que "vivia nas nuvens"; ao contrário, ele foi alguém que precisava de amor humano e da alegria da vida física.

Estamos muito gratos, portanto, ao Reverendo G. Eustace Owen por dar-nos os poucos detalhes sobre seu pai, os quais mostram que ele foi um homem prático, com senso de humor e uma grande tolerância pelas fraquezas dos outros, o que significa que ele foi tanto um bom companheiro quanto um bom cristão.

O Reverendo Eustace Owen escreve:

"Em seu livro *Com Northcliffe na Rua Fleet*, J. A Hammerton alude ao Reverendo Vale Owen como "aquele visionário típico

do tipo meio cristão, meio espiritualista”. Esta visão é comum a muitos dos quais o conheceram através de seus escritos; mas não é um retrato verdadeiro. Meu pai foi um visionário sem ser excêntrico. Embora tivesse uma visão clara da base espiritual da vida, ele foi em geral prático e metódico em todo seu modo de ser.

“Eu me lembro de quão gentilmente ele se relacionava com outros, de quão franco era em argumentar, de sua tolerância com os oponentes, e de como suportava as perseguições com imensa paciência. Muitas vezes a espada de um oponente era neutralizada por sua compreensão a respeito daquele que a manejava! Entretanto ele podia ser severo quando necessário. Qualquer forma de crueldade despertava sua indignação. Aos fanfarrões e intrigantes, ele transformou-se em um verdadeiro Elias!

“Jamais conheci alguém mais direto em seus pensamentos e palavras, ou alguém que detestasse impostores mais que ele. Sob sua suavidade repousava a dureza de um bom soldado da Cruz. Ele agüentou sem vacilar o desprezo e as perseguições. A quietude às vezes encobre uma rara coragem.

“No livro *Ele riu na Rua Fleet*, Bernard Falk descreve um encontro entre Lord Northcliffe e meu pai, no escritório do “The Times”, quando aquele lhe ofereceu para que aceitasse mil libras pela publicação de extrato dos Escritos no “Weekly Dispatch.”

Ele continua:

“Vale Owen balançou sua cabeça. Por esta parte de seus escritos, dizia ele, não poderia aceitar nenhum dinheiro. Ele foi bem pago pela publicidade que lhe foi dirigida, e por ser capaz de cumprir a sagrada tarefa de expor suas revelações diante do mundo. Conhecendo bem a pobreza de Vale Owen, fiquei genuinamente triste ao vê-lo recusar pagamento, mas nada o dissuadiu...”

Reverendo G. Eustace Owen acrescenta:

“Toda nossa família está satisfeita por não terem deixado os Escritos permanecerem em esquecimento. A nova geração precisa, particularmente, do conforto e da luz de sua mensagem.

Estamos muito felizes por *O Mundo Maior* ter empreendido esta reedição tão compreensiva e corajosamente. Possa tal confiança ser justificada e seu trabalho abençoado!”

Uma apreciação de Lord Northcliffe

(Texto comum aos cinco livros da série)

Não tive oportunidade de ler *A Vida além do Véu* por inteiro, mas dentre as passagens em que percorri os olhos, muitas são de grande beleza.

Parece-me que a personalidade do Reverendo G. Vale Owen é assunto de profunda importância e deve ser considerada em conexão com estes documentos tão marcantes. Durante o breve encontro que tivemos, senti que estava na presença de um homem com sinceridade e convicção. Não clamava por nenhuma retribuição material. Expressou o desejo de que a publicidade fosse a menor possível, e declinou qualquer emolumento que pudesse receber como resultado do enorme interesse alcançado pelo público por estes Escritos, no mundo inteiro.

Northcliffe

Prefácio

(Texto comum aos cinco livros da série)

Estes Escritos – transmitidos por escrita automática ou, mais corretamente, por escrita inspirada – apresenta quatro partes distintas, todas, entretanto, formando um todo progressivo. Foi, bem evidentemente, tudo planejado anteriormente por aqueles que se incumbiram de sua transmissão.

O elo entre mãe e filho foi, sem dúvida, considerado como a via mais desejada pela qual se abririam as comunicações em primeira instância. Foram, portanto, minha mãe e um grupo de amigos que me transmitiram a primeira parte.

Em se provando que o experimento foi um sucesso, apresentou-se outro professor, chamado Astriel, um dos de maior graduação, de pensamento mais filosófico e melhor dicção. As mensagens transmitidas pelo grupo de minha mãe e Astriel formam o primeiro livro dos Escritos, *Os Planos Inferiores do Céu.*

Tendo passado por este teste, fui guiado por Zabdiel, cujas mensagens estão num nível superior àquelas narrativas simples de minha mãe. Estas formam *Os Altos Planos do Céu.*

A fase seguinte foi *O Ministério do Céu*, transmitido por aquele que identificou a si próprio como Líder, e seu grupo. Subseqüentemente, ele parece ter assumido, mais ou menos, o controle exclusivo da comunicação. Aí, ele fala de si mesmo como sendo "Arnel". Sob este nome, sua narrativa, a qual forma o quarto livro, *Os Batalhões do Céu,* é o clímax do todo. Suas mensagens são de uma natureza mais intensa que qualquer outra precedente, as quais foram, evidentemente, preparatórias.

Será óbvio que, para se obter a verdadeira perspectiva, os livros devam ser lidos na seqüência dada acima. De outro modo, algumas das referências nos volumes posteriores aos incidentes narrados anteriormente podem não ficar bem claros.

No que concerne aos personagens na transmissão das mensagens: minha mãe passou para a vida maior em 1909, com 63 anos de idade. Astriel foi Diretor de uma escola em Warwick nos meados do século XVIII. Da vida terrestre de Zabdiel, sei pouco e nada certo. Arnel dá alguma explicação dele mesmo nos textos. Kathleen, que atuou como amanuense no lado espiritual, viveu em Anfield, Liverpool. Ela foi costureira e morreu com a idade de 28 anos, aproximadamente 3 anos antes de minha filha Ruby, a qual é mencionada no texto e que passou para o outro lado em 1896, com a idade de 15 meses.

Outubro, 1925
G. Vale Owen

Como vieram as mensagens

(Texto comum aos cinco livros da série)

Há uma opinião generalizada de que os clérigos sejam pessoas muito crédulas. Mas nosso treino no exercício das faculdades críticas coloca-nos entre os mais difíceis de se convencer quando alguma nova verdade está em questão. Levou um quarto de século para que me convencessem: dez anos de que as comunicações espirituais eram um fato, e quinze de que o fato era legítimo e bom.

Desde o momento em que tomei esta decisão, a resposta começou a aparecer. Primeiro, minha esposa desenvolveu a capacidade da escrita automática. Aí, através dela, recebi ordens de que deveria sentar silenciosamente, lápis na mão, e externar quaisquer pensamentos que parecessem vir à minha mente, projetados ali por alguma personalidade exterior, e não conseqüentes do exercício de minha própria mente. A relutância retardou tudo por um longo tempo, mas finalmente senti que amigos estavam perto, e que queriam, muito seriamente, falar comigo. De nenhum forma sobrepuseram ou compeliram minha vontade – isto teria resolvido o assunto rapidamente, tanto quanto posso compreender –, mas suas vontades eram mais claras ainda.

Senti finalmente que deveria dar-lhes uma oportunidade, porque estava tomado pelo sentimento de que a influência era boa, portanto, enfim, muito cheio de dúvida, decidi me sentar em minha batina, na sacristia, depois das vésperas.

As primeiras quatro ou cinco mensagens vagaram, sem rumo certo, de um assunto a outro. Mas gradualmente as sentenças começaram a tomar forma consecutiva, e finalmente obtive algumas que eram compreensíveis. Daquele tempo em diante, a desenvoltura melhorou com a prática. O leitor encontrará o resultado nas páginas seguintes.

Outono, 1925
G. Vale Owen

* * *

Antes de começar a escrever, o senhor Vale Owen numerava uma quantidade de folhas de papel, que colocava diante dele, na mesa da sacristia. Então, usando uma pálida luz de vela para iluminar a primeira folha de papel, ele esperava, com o lápis em sua mão, até sentir as influências que o faziam escrever. Uma vez começada, a influência mantinha-se ininterrupta até que a mensagem daquela noite fosse concluída pelo comunicador. As palavras da mensagem vinham numa corrente que fluía e eram postas juntas como se o escritor estivesse tentando acompanhar o ritmo da comunicação que estava sendo impressa na mente dele. Uma reprodução de uma página dos escritos foi dada no volume I de "A Vida Além do Véu", que é *Os Planos Inferiores do Céu*.

H.W.E.

Introdução

por Sir Arthur Conan Doyle

(Texto comum aos cinco livros da série)

A longa batalha está próxima do fim. O futuro pode ser sondado. Pode ser retardado a muitos, e a muitos ser um desapontamento, mas o fim é certo.

Sempre pareceu certo àqueles que estão em contato com a verdade que, se os documentos inspirados das novas revelações realmente chegasse às mãos do público em massa, todos teriam ainda mais certeza, por sua beleza inata e pela racionalidade que varre para longe todas as dúvidas e todos os preconceitos.

Agora a publicidade mundial já os está levando a todos, tendo sido selecionados dentre eles os mais puros, os mais elevados, os mais completos, os mais dignos provindos da fonte. Verdadeiramente, a mão de Deus está aqui!

A narrativa está à sua frente, e pronta para falar por si própria. Não a julgue meramente pelo folhear das páginas, arrogantemente como isso poderia ser, mas note cada beleza que flui da narrativa e firmemente vai tomando volume até alcançar um nível de grandeza substancial.

Não censure por detalhes ínfimos, mas julgue-a pela impressão geral. Evite encarar algo indevidamente por ser tudo novo ou estranho.

Lembre-se de que não há narrativa na Terra, nem mesmo a mais sagrada de todas, que não deixaria de tornar-se ridícula pela extração de passagens de seu contexto e por se adensar o que é imaterial. O efeito total em sua mente e em sua alma é o único parâmetro para se julgar o alcance e poder desta revelação.

Por que Deus teria selado as fontes de inspiração de dois mil anos atrás? Que garantia temos nós, em qualquer lugar, para uma convicção tão sobrenatural?

Não é infinitamente mais razoável que um Deus vivo continuasse mostrando uma força atuante, e aquele saudável socorro e a sabedoria que emanam d'Ele para fomentar a evolução e o poder, aumentados em compreensão por uma natureza humana mais receptiva, agora purificada pelo sofrimento?

Todas estas maravilhas e prodígios, estes acontecimentos sobrenaturais dos últimos 70 anos, tão óbvios e notórios que somente olhos fechados não os veriam, são triviais por si próprias, mas são sinais que chamaram à atenção nossas mentes materialistas e direcionaram-nas a estas mensagens, das quais estes escritos em particular podem ser tidos como sendo o mais completo exemplo.

Há muitas outras, variando em detalhes, de acordo com a esfera descrita ou a opacidade de seu transmissor, pois cada um dá toques de luz para maior ou menor intensidade, conforme vai passando a mensagem. Somente com espírito puro será possível que os ensinamentos sejam recebidos absolutamente puros, e então esta história de Céu deverá estar, podemos pensar, tão próxima a isto quanto a nossa condição de mortais permite.

E são subversivos às velhas crenças? Milhares de vezes **Não**! Ampliam-nas definindo-as, embelezando-as, completando os vazios que sempre nos desnortearam, mas também, exceto aos pedantes de mente estreita para palavras esclarecedoras e que perderam o contato com o espiritual, são infinitamente renovadores e iluminados.

Quantas frases efêmeras das Velhas Escrituras têm agora sentido e formato palpável? Não começamos a entender aquela "Casa com muitas moradas" e perceber de Paulo "a Casa que não é feita por mãos", mesmo quando captamos algumas fugazes percepções daquela glória que a mente humana não concebeu nem sua boca pronunciou?

Tudo isto cessa de ser uma visão longínqua e torna-se real, sólida, garantida, uma luz à frente enquanto singramos as águas escuras do Tempo, acrescentando uma alegria profunda a nossas horas de tristeza e secando a lágrima do pranto de dor ao

assegurar-nos de que não há palavras que expressam a alegria que nos espera se formos apenas verdadeiros perante a Lei de Deus e nossos maiores instintos.

Aqueles que interpretam mal as palavras usadas dirão que Mr. Vale Owen obteve tudo de seu subconsciente. Podem tais pessoas explicar por que tantos outros tiveram a mesma experiência, num grau menos elevado?

Eu mesmo sintetizei em dois pequenos volumes a descrição geral do outro mundo, delineada por um grande número de fontes. Foi feita tão independentemente da narrativa de Mr.Vale Owen quanto sua narrativa foi independente da minha. Nenhum teve acesso possível ao outro. E ainda agora, enquanto leio esta, de concepção maior e mais detalhada, não encontro nem um simples ponto relevante no qual eu tenha cometido alguma incorreção.

Como, então, esta concordância é possível se o esquema geral não estiver baseado numa verdade inspirada?

O mundo precisa de uma força condutora mais poderosa. Tem sido regido por velhas inspirações da mesma forma que um trem anda quando a sua máquina é removida. É necessário um novo impulso. Se a religião tem sido um fator impulsor, então ela própria deveria ter se imposto no maior assunto de todos – os relacionamentos entre as nações, e a recente guerra teria sido impossível. Qual igreja há que se saia bem neste supremo teste? Não está manifesto que as coisas do espírito precisam ser restabelecidas e religadas aos fatos da vida?

Uma nova era está começando. Aqueles que estejam trabalhando por isto podem ser desculpados se sentirem alguma sensação de satisfação reverente à medida que vêem as verdades pelas quais trabalharam e testificaram ganhando atenção mais ampla no mundo. Não é ocasião para uma autodeclaração, pois cada homem ou mulher que foi honrado por ter sido permitido a eles trabalharem por tal causa é bem consciente de que ele ou ela é nada mais que um agente nas mãos das invisíveis mas muito reais, amplas e dominadoras forças. E ainda, não seríamos humanos se não ficássemos aliviados ao vermos novas fontes de

poder, e ao percebermos que a toda-preciosa embarcação está segura, mais firme do que nunca, em seu curso.

Arthur Conan Doyle

Os Planos Inferiores do Céu

Capítulo I
Os Planos Inferiores do Céu

Terça, 23 de setembro de 1913.

Quem está aí? [1]

Mamãe e outros amigos que vieram ajudar. Estamos progredindo muito bem, mas não podemos transmitir-lhe todas as palavras que gostaríamos ainda, pois sua mente não está relaxada e passiva como gostaríamos.

Diga-me alguma coisa sobre seu lar e sua ocupação.

Nossa ocupação varia de acordo com a necessidade daqueles a quem auxiliamos. É variado, mas dirigido para a elevação dos que ainda estão na vida terrena. Por exemplo, fomos nós que sugerimos a Rose a criação de um grupo de pessoas para virem auxiliá-la no caso de ela sentir qualquer perigo quando estivesse no quarto escrevendo enquanto movíamos sua mão, e este grupo está agora encarregado do caso dela. Ela não sente, às vezes, a presença deles próximos a ela? Ela deveria, porque eles estão sempre alerta ao seu chamado.

Sobre nosso lar. É muito brilhante e lindo, e nossos companheiros das esferas mais altas têm sempre vindo a nós para nos animarem a seguirmos em nosso caminho para frente.

Ocorreu um pensamento em minha mente. Eles podem ver estes seres dos planos mais altos, ou acontece a eles o mesmo que conosco? Posso dizer que aqui e ali, ao longo destes registros, o leitor chegará a passagens que são obviamente respostas para meus pensamentos não expressos, usualmente começando com "Sim" ou "Não". Ficando isso entendido, não

haverá necessidade para que eu as indique, a menos que alguma ilustração em particular requeira.

Sim, podemos vê-los quando desejam que assim aconteça, mas depende do estado de nossa evolução e do próprio poder deles de servir a nós.

Poderia agora, por favor, descrever a sua casa – paisagens, etc.?

A terra aperfeiçoada. Mas é claro que realmente existe aqui o que chamam de quarta dimensão, de certa forma, e que nos impede descrevê-la adequadamente. Temos colinas, rios e lindas florestas, e casas também, e todo o trabalho daqueles que vieram para cá antes de nós, para deixarem tudo pronto. Estamos agora a trabalho, na nossa vez, construindo e arrumando para aqueles que ainda devem continuar sua batalha na terra, e quando vierem para cá encontrarão todas as coisas prontas e a festa preparada.

Contaremos a você uma cena que presenciamos não faz muito tempo. Sim, uma cena em nosso plano. Avisaram-nos que uma cerimônia iria acontecer numa certa planície não muito longe de casa, à qual deveríamos estar presentes. Era a cerimônia de iniciação de alguém que havia atravessado o portal do que chamamos preconceito, isto é, do preconceito contra aqueles que não eram de seu próprio modo de entendimento, e que estava para seguir para uma esfera mais ampla e plena de benefícios.

Fomos para lá, conforme o convite, e encontramos multidões chegando de todas os lados. Alguns vieram em... por que hesita? Estamos descrevendo literalmente o que vimos – carruagens; chame-as de outra forma, se quiser. Elas eram puxadas por cavalos, e seus condutores pareciam saber exatamente o que dizer a eles, já que não eram guiados com arreios como são na terra, mas pareciam ir para onde os condutores desejavam. Alguns chegaram a pé e alguns através do espaço por vôo aéreo. Não, sem asas, que não são necessárias.

Quando estavam todos reunidos, formou-se um círculo; usavam roupagem de cor laranja, mas brilhante, não como aquele que se adiantou, o que estava para ser iniciado, ele usou a cor como você a conhece; nenhuma de nossas cores é conhecida,

mas temos que lhe contar em nossa antiga linguagem. Aquele que havia sido seu guardião, então, levou-o pelas mãos e colocou-o num outeiro verde no meio do espaço aberto, e orou. E então uma coisa linda aconteceu.

O céu pareceu ter intensificado sua cor – principalmente azul e dourado – e de fora dele desceu uma nuvem semelhante a um véu, mas que parecia ser feito de uma fina renda, e as figuras dominantes eram pássaros e flores – não brancos, mas todos dourados e irradiantes. Isto lentamente se expandiu e desceu sobre os dois, e eles pareceram se tornar parte dele, e ele deles, e, à medida que esvaneceu lentamente, deixou ambos mais belos que anteriormente – permanentemente belos, porque ambos haviam sido elevados para uma esfera mais alta de luz.

Então começamos a cantar, e, apesar de que não podíamos ver instrumentos, mesmo assim a música instrumental misturou-se com nosso canto e uniu-se a ele. Foi muito bonito, e serviu tanto para galardão aos que mereceram, como também um estímulo para os que ainda devem marchar no caminho que estes dois já marcharam. A música, como mais tarde descobri, vinha de um templo instalado fora do círculo, mas sem dúvida não parecia vir de nenhum ponto. Esta é uma qualidade da música por aqui. Freqüentemente parece fazer parte da atmosfera.

Nem a jóia faltou. Quando a nuvem saiu, ou dissolveu, nós a vimos na testa do iniciado, dourada e vermelha, e seu guia, que já tinha uma, usava a dele em seu ombro – ombro esquerdo – e percebemos que havia aumentado de tamanho e em brilho. Não sei como isso acontece, mas faço uma idéia, não o suficientemente definida para lhe contar, entretanto, e é difícil de explicar o que nós entendemos por nós mesmos. Quando a cerimônia acabou, todos nós nos separamos, indo para os nossos trabalhos novamente. Foi mais longa do que lhe descrevi, e teve um efeito muito encorajador em todos nós

Acima da colina, no lado mais distante da planície onde estávamos, percebi uma luz intensificar-se e apareceu-nos um contorno lindo de uma forma humana. Não penso que tenha sido uma aparição de nosso Senhor, mas de algum grande Anjo Mestre que veio para nos dar forças, e para cumprir Sua vontade.

Sem dúvida alguns ali puderam ver mais claramente que eu, porque conseguiam ver, e também entender, na proporção do estágio de evolução de cada um.

Não, meu menino, apenas pense por um momento. É de sua mente ou através dela, como dizem vocês? Quando você se sentou para escrever, como sabe, nada estava mais longe de seus pensamentos que isso, porque tivemos o cuidado de não o impressionar, e mesmo assim você saiu rapidamente com a hipótese de que nós o influenciamos. Não foi assim?

Sim, admito-o fracamente.

Muito bem. E agora sairemos... mas não o deixaremos, já que estamos sempre com você, de uma forma que não pode compreender – mas deixaremos esta escrita, com nossa oração e bênçãos sobre você e os seus. Boa noite e até logo, até amanhã.

Quarta, 24 de setembro de 1913.

Suponha que quiséssemos pedir-lhe para olhar um pouco adiante, e tentasse imaginar o efeito de nossas comunicações, vistas a partir de seu atual estado mental. Pense, então, qual teria sido o resultado dos acontecimentos, se vistos de nossa esfera no mundo espiritual? Seria algo parecido com o efeito da luz do sol quando é projetada na bruma marítima, que gradualmente se esvai e a cena que ela envolvia torna-se mais clara à visão, e mais bela do que era quando foi sombriamente discernida através da bruma envolvente.

Assim é que nós vemos suas mentes e, mesmo quando o sol fugazmente ofusca e confunde mais do que clareia a visão, você sabe que no final será mesmo a luz, e no fim de tudo, a Luz em Quem não há escuridão jamais. Mas a luz nem sempre conduz à paz, porém em sua passagem freqüentemente cria uma série de vibrações que trazem destruição àquelas espécies de criaturas viventes que não foram criadas para sobreviverem à luz do sol. Deixe-as irem e, por você, siga em frente, e enquanto seguir, seus olhos vão tornar acostumados à luz mais intensa, à beleza maior do Amor de Deus, à verdadeira intensidade dela que,

misturada como está, com a Sabedoria infinita, confunde os que não estão pertinentes a ela.

Agora, querido filho, escute enquanto contamos a você mais uma cena que muito nos alegrou aqui, nestas regiões da luz de Deus.

Estávamos passeando, pouco tempo atrás, num local bonito, numa floresta; e enquanto andávamos conversávamos um pouquinho, nada mais que um pouquinho, por causa da sensação musical que parecia absorver tudo o mais em seu sacro silêncio. Então, num caminho diante de nós, estava aquele que pudemos interpretar como sendo um anjo das esferas mais altas. Ele ali estava olhando para nós com um sorriso na face, mas nada dizia, então ficamos esperando que ele entregasse alguma mensagem para algum de nós em especial. Era isso mesmo, já que quando paramos e ficamos ali na expectativa, ele veio em nossa direção e, levantando o manto que usava – era da cor do âmbar – colocou seu braço e rodeou meu ombro e, colocando sua face em meu cabelo – já que ele era muito mais alto que eu – disse suavemente, “Minha criança, fui enviado a você por seu Mestre, em Quem você aprendeu a crer, e a estrada à sua frente é vista por Ele, mas não por você. A você serão dadas as forças necessárias para o que tiver que fazer; e você foi escolhida para uma missão que lhe é nova, em seu serviço aqui. Você poderá, claro, visitar estes seus amigos se desejar, mas agora deve deixá-los por um tempo, e eu lhe mostrarei sua nova moradia e as novas incumbências.”

Então os outros se aproximaram em torno de mim, beijaram-me e seguraram minha mão na deles. Estavam tão contentes quanto eu – apesar de que não seja a melhor palavra para ser usada em meu caso, não contém a paz suficiente. Depois de um tempo, depois que ele nos deixou falar e imaginar o que a mensagem significaria, veio em nossa direção mais uma vez e desta vez tomou-me pela mão e guiou-me para fora dali.

Andamos por um tempo e então senti meus pés deixarem o chão e seguimos pelo ar. Não estava com medo, pois era passado a mim um pouco de seu poder. Passamos por cima de uma alta montanha onda havia muitas localidades, e finalmente, depois de

uma jornada bem longa, descemos numa cidade onde jamais tinha estado antes.

A luz não era ofuscante, mas meus olhos não estavam acostumados a tal grau de brilho. Entretanto, logo percebi que estávamos num jardim que cercava um amplo edifício, com degraus em toda sua frente, até ele que estava no topo de uma espécie de terraço. O prédio parecia todo de uma só peça de um material de vários matizes – rosa, azul, vermelho e amarelo – que brilhava como ouro, mas suavemente. Subimos, e na enorme portaria, sem nenhuma porta nela, encontramos uma linda senhora, elegante, porém não orgulhosa. Ela era o Anjo da Casa da Tristeza. Você cogita sobre a palavra usada neste contexto. Significa isso:

A tristeza não é dos que habitam aqui, este é o local dos que os auxiliam. Os tristes são os que estão na terra, e o encargo dos residentes nesta Casa é mandar a eles vibrações que terão o efeito de neutralizar as vibrações dos corações entristecidos na terra. Você deve entender que aqui temos que alcançar a profundidade das coisas e aprender as causas de tudo, e é um estudo muito profundo, aprendido apenas em estágios graduais, passo a passo. Eu, portanto, falo das causas das coisas quando uso a palavra "vibrações", como sendo a palavra que você melhor compreenderá.

Ela me recebeu muito gentilmente e levou-me para dentro, onde mostrou-me cada parte do lugar. Tudo era bem diferente de qualquer coisa da terra, por isso é bastante difícil de descrever. Mas posso dizer que toda a Casa parecia vibrar com vida e responder às nossas vontades e nossa vitalidade.

Esta é, então, minha atual e recente fase de serviço, e muito promissora para mim. Mas apenas acabei de começar a entender que as orações que são trazidas a nós aqui e registradas, e temos as visões dos que estão em problemas – ou melhor, elas também são registradas, e nós as vemos ou sentimos, como aconteceram, e enviamos nossas vibrações em retorno. Isso com o tempo torna-se involuntário, mas requer um grande esforço no início. Penso que é assim. Mas mesmo o esforço tem um abençoado reflexo sobre os que trabalham desta forma.

Há muitos lugares por aqui, como aprendi, todos em contato com a terra, o que para mim pareceria impossível, só que, como os efeitos são também registrados e retornam a nós, fico sabendo de quanto conforto e ajuda enviamos. Fico em serviço pouco tempo de cada vez, e então saio e vejo as vistas da cidade e sua vizinhança. E toda ela é muito gloriosa, mais bela ainda que minha antiga esfera, a qual também volto a visitar, para rever meus amigos. Por isso você pode imaginar as conversas que temos quando nos encontramos. Dá quase que a mesma alegria que o trabalho em si. A Paz de Jesus nosso Senhor é a atmosfera em torno de nós. E esta é a terra onde não há escuridão, e quando a treva estiver no passado, querido, você virá para cá, e vou mostrar-lhe tudo isso – ou talvez possa tomar-me pela mão, como ele fez, e levar-me para ver o trabalho em sua própria esfera. Você está pensando que sou ambiciosa por você, querido rapaz. Bem, sou mesmo, e esta é a maternal... fraqueza, eu diria, ou até mesmo uma bênção?

Até logo, meu querido. Seu próprio coração é testemunha de que tudo isso é real, pois posso vê-lo brilhando feliz, e isso também é alegria para mim, sua mãe, meu querido filho. Boa noite então, e Deus manterá você e os seus em paz.

Quinta, 25 de setembro de 1913.

O que mais queremos lhe dizer esta noite é para ser entendido como uma tentativa imperfeita de transmitir-lhe do que é o significado daquela passagem da qual você sempre se lembra, onde nosso Senhor diz a São Pedro que ele é um adversário d’Ele. Ele, como você se recordará, estava a caminho da Cidade Santa, e esteve dizendo a Seus Apóstolos que seria assassinado ali. Agora, o que Ele evidentemente queria passar a eles era o fato de que, apesar de que para os homens Sua missão parecesse terminar em falha, ainda assim aos olhos que pudessem ver, como Ele faria que os deles vissem, Seu fim era apenas o começo de uma evolução muito mais poderosa e gloriosa da missão que lhe foi confiada pelo Pai, para a elevação do mundo.

Pedro, por sua atitude, mostrou que não entendera isso. Está tudo claro e simples o suficiente, pelo menos, para ser entendido.

Mas o que está freqüentemente fora da visão é o fato de que o Cristo estava seguindo uma linha reta de progresso, e Sua morte foi apenas um incidente em sua estrada progressiva, e que aquela tristeza, como o mundo a entende, não é a antítese da alegria, mas pode ser parte dela, porque, se corretamente usada, torna-se o fulcro no qual a alavanca pode se apoiar para aliviar um peso para fora do coração daqueles que entendem que tudo é parte de um planejamento de Deus para o nosso bem. É somente conhecendo o real "valor" da tristeza que compreenderemos o quão limitada é em seu efeito, enquanto nos faz infelizes. Bem, Ele estava por infligir aos apóstolos a maior das tristezas que Ele poderia e, a menos que eles entendessem isso, seriam incapazes de usarem a tristeza para elevarem-se a si mesmos acima da turbulência do mundo, e portanto, incapazes de realizarem o trabalhão que Ele tinha para eles cumprirem. "Sua dor deve ser convertida em alegria," disse-lhes Ele, e assim aconteceu, mas apenas quando eles aprenderam o valor científico da tristeza – apesar de que numa medida limitada, entretanto razoável.

Tudo isso soa muito simples quando está escrito deste jeito, e sem dúvida é, de certa forma, porque todos os fundamentos da economia de Deus são simples. Mas para nós, e agora para mim, tem uma importância que pode não ser aparente a vocês. Pois o problema que é principalmente estudado na Casa na qual gasto a maior parte de meu tempo é este mesmo tema, isto é, transformar, ou converter, as vibrações de tristeza em vibrações que produzam alegria no coração humano. É um estudo maravilhoso, mas muitas dúvidas entram nele por causa das restrições impostas a nós pelo sagrado livre arbítrio. Nós não podemos derrogar o arbítrio de ninguém, mas temos que trabalhar através de suas vontades para produzirmos o efeito desejado e ainda deixá-los livres todo o tempo, e assim, irem merecendo, de uma forma e em certa medida, as bênçãos recebidas. Canso-me às vezes, mas passa, conforme vou me fortalecendo no trabalho. Qual é a sua pergunta? Penso que quer formular uma..

Não, obrigado. Não tenho nenhuma pergunta em particular em mente.

Não havia algo que queria perguntar sobre... algo a ver com o método pelo qual o impressionamos?

Realmente pensei em perguntar-lhe isso pela manhã. Mas havia esquecido. Suponho que não haja mais nada a ser esclarecido, não é? Eu chamaria de impressão mental.

Sim, é correto, tanto quanto alcance, mas não vai muito longe. Impressão mental é uma expressão que encobre muita coisa que não é compreendida. Nós impressionamos você através destas mesmas vibrações, algumas de natureza diversa das outras, todas direcionadas à sua vontade. Mas vejo que não está muito interessado neste tema agora. Retornaremos a ele, se quiser, em outra ocasião. Quero falar daquelas coisas que são de seu atual interesse.

Então conte-me mais sobre aquela sua Casa e sobre seu novo trabalho.

Então, muito bem, tentarei fazê-lo o melhor que puder. Ela é lindamente acabada, por dentro e por fora. Internamente temos banheiros e uma sala de música e o aparato que nos ajuda nos registros de nossos trabalhos. É um lugar bem amplo. Chamei de casa, mas realmente é uma série de casas, cada uma destinada a um certo tipo de trabalho, progressivos como numa série. Passamos de uma a outra conforme aprendemos tudo o que podemos de cada uma delas. Mas tudo é tão magnífico que as pessoas não entenderiam, nem acreditariam; portanto prefiro contar-lhe de coisas mais simples.

Os terrenos são bem amplos, e todos têm uma espécie de relação com os prédios, uma espécie de sensibilidade recíproca. Por exemplo, as árvores são árvores verdadeiras, e crescem mais que as árvores da terra, e têm um relacionamento com os prédios, e tipos diferentes de árvores respondem mais a uma casa que outros, e ajudam no efeito e no trabalho para os quais aquela casa em particular foi construída. Assim é também com grupos de árvores nos bosques, e as flores nos canteiros dos caminhos, e os arranjo dos regatos e cachoeiras que são encontrados em diversas partes do local. Tudo isso foi pensado com imensa sabedoria, e o efeito produzido é muito belo.

A mesma coisa se obtém na terra, mas as vibrações lá são tão pesadas, comparativamente, tanto dos que emitem quanto dos que recebem, que o efeito é quase invisível. Apesar disso, assim é. Por exemplo, você sabe que algumas pessoas conseguem plantar com sucesso mais flores e árvores que outras, e que as flores permanecem vivas mais tempo em algumas casas – e suas famílias – que em outras; quero dizer das flores colhidas. Tudo isso aqui é a mesma coisa, de uma forma geral. Aqui estas influências são mais potentes em suas ações, e também os receptores são mais sensíveis na percepção. E isso, veja, é uma das coisas que nos ajudam em diagnósticos acurados dos casos que são registrados aqui a fim de que sejam lidados por nós.

A atmosfera também é naturalmente afetada pela vegetação e pelas construções, já que, deixe-me repetir, estas casas não foram construídas meramente de forma mecânica, mas são o desenvolvimento – fruto, se preferir – da ação da vontade dos mais evoluídos na hierarquia destes reinos, e portanto de mais poderosa vontade criativa.

A atmosfera tem também um efeito em nossas vestimentas, e influencia as nossas próprias personalidades por seu efeito na textura e coloração. Desta forma, se fôssemos espiritualmente do mesmo grau, nossa roupagem seria da mesma cor e textura, por causa da influência atmosférica; de fato ela é modificada na mesma graduação em que nossas características diferem uns dos outros.

Também o matiz de nossas roupas muda de acordo com a parte do terreno em que estejamos. É muito interessante e instrutivo, e também muito bonito, vê-las variando de cor conforme percorremos uma estrada onde floresce vegetação diferente, ou onde o conjunto das várias espécies de plantas é diferente.

A água também é muito bonita. Vocês ouvem das ninfas das águas e sobre seres semelhantes, na vida terrena. Bem, posso dizer-lhe que, de certa forma, são reais. Todo o lugar é envolvido e interpenetrado com vida, o que significa criaturas viventes. Eu tinha alguma idéia disso na esfera de onde recentemente cheguei, mas aqui, assim que me acostumei a tudo que era estranho e

novo por aqui, vejo tudo mais amplamente e começo a imaginar o que haverá em algumas esferas adiante. Pois o que se imagina deste lugar parece ser o máximo que um lugar poderia conter.

Mas, deixe estar. Ele, que é Quem nos favorece em uma parte de Seu maravilhoso reino, favorecer-nos-á em outra. Isto é um conselho a você, meu filho querido, com o qual eu o deixo agora, com minhas bênçãos.

Nota de George Vale Owen:

Enquanto escrevia a primeira parte desta mensagem, não pude perceber a linha do argumento, que me parecia fraca e confusa. Ao lê-la por completo, entretanto, não posso mais dizer isso.

Tomando o que é dito das vibrações de tristeza como sendo meramente uma sugestão sobre os "fundamentos," e aplicando nisso alguns destes raciocínios como os da teoria que é aplicada na irradiação ondulatória de luz e calor, o resultado seria algo como:

Ao se lidar com aquela combinação de vibrações que causam tristeza, o método não é tanto o de substituição como o de reajuste. Ao direcionarmos à alma triste outras categorias de vibrações, aquelas de tristeza são, algumas delas, neutralizadas; e outras são modificadas e convertidas em outras vibrações, o efeito disso é alegria ou paz.

Vista dessa forma, a mensagem acima parece realmente ter significação, e pode talvez lançar alguma luz na forma pelos quais os problemas são realmente tratados na vida. Certamente parecem ser parte de um método divino, não que o aspecto exterior e as circunstâncias de tristeza devessem ser remediadas (exceto em casos extremamente raros), mas que outros elementos deveriam ser infundidos, os quais deveriam ter o efeito de converter a tristeza em alegria. Isto é apenas uma questão de observação diária. Para a mente não científica, parecerá que está se dando uma grande volta. A outros parecerá razoável sugerir que estas "outras vibrações" são vibrações reais de outra categoria ou "valores"

A passagem referida está em João, 16, 20: *"Eu vos afirmo, e esta é verdade: chorareis e gemereis, enquanto o mundo se alegrará. Vós estareis na tristeza; mas vossa tristeza se converterá em alegria."*

Sexta, 26 de setembro de 1913.

Nossa última afirmação foi dada em resposta a um pedido de alguém de nosso grupo, para que tentássemos impressioná-lo numa forma mais profunda que antes, mas conseguimos apenas começar, como aconteceu, e não acabamos nossa explanação. Se a deseja, continuaremos no tema agora.

Sim, obrigado.

Então você deve, por uns momentos, tentar pensar conosco como se estivesse do nosso lado do Véu. As coisas, você deve entender, aqui tomam um aspecto muito diferente do que elas têm quando são vistas a partir do plano terrestre, e um aspecto, temo, que os que ainda na terra desejam, pelo menos em muitos casos, que é usar um semblante de irrealidade e romance. E as mínimas coisas aqui são forradas com tanta dúvida pelos que são recém chegados que, até que eles tenham perdido o hábito de pensar em termos tridimensionais, ficam impedidos de progredir para longe. E isso, creia-me, é assunto de muita dificuldade.

Agora, o termo "vibrações" deverá servir, mas está longe de ser adequado para as coisas materiais serem entendidas. Pois tais vibrações, como estas que mencionamos, não são meramente mecânicas quanto ao seu movimento e qualidade, mas têm nelas uma essência de vitalidade, e é dessa vitalidade que nos apropriamos e usamos. Esta é a ligação que conecta nossas vontades e a manifestação exterior em vibrações, já que é realmente isso que são todas elas. São apenas fenômenos da vida mais profunda que nos envolve e a todas as coisas. Com elas, como material básico, somos capazes de executar coisas, e construir coisas que têm uma durabilidade que o termo em si pareceria não corresponder.

Por exemplo, é por este método que a ponte sobre o abismo entre as esferas de luz e de trevas é construída, e aquela ponte

não é toda de uma cor só. No lado mais distante ela está imersa na escuridão e, conforme vai emergindo gradualmente, em direção à região de luz, assume um matiz cada vez mais brilhante, e, onde ela está assentada nas alturas em que começam os planos mais luminosos, é o matiz de cor de rosa e raios de luz que a envolvem como uma prata rara ou ainda o alabastro.

Sim, claro, há uma ponte sobre o abismo. De outra forma, como poderiam sair aqueles que venceram os caminhos acima, através da escuridão? Verdadeiramente – e eu havia esquecido isso – há alguns que vêm dos terríveis reinos da escuridão, e escalam as regiões deste lado do abismo. Mas estes são poucos, e são os obstinados que rejeitam ajuda e guia dos guardiães do caminho que ficam parados no lado mais distante, para mostrar a saída aos que se qualificaram a isso.

Também, devem saber, estes guardiães somente são visíveis a estas pobres pessoas na proporção em que a luz foi gerada em seus corações; e por isso uma certa cota de confiança é necessária se se entregarem à sua guarda. Esta confiança também acontece quando atingem uma mentalidade melhor, pela qual se tornaram, em certo grau, capazes de discernir entre luz e treva. Bem, as complicações do espírito humano são múltiplas e espantosas, portanto vamos a algo mais fácil de ser colocado em palavras. Eu acabo de chamar de ponte, mas.. eu deveria ter me referido a uma passagem, “A luz do corpo é o vosso olhar.” Leia isso ligando a tudo, e verá que faz parte do caso, não somente na terra, mas dos daqui também.

Eu chamei de ponte mas, de fato, tem pouco a ver com uma ponte na terra. Estas regiões são muitos vastas, e a ponte é mais uma variação do terreno que outra coisa a mais que eu pudesse pensar para expressar a você. E lembre-se de que eu apenas vi uma pequena parte destas esferas, e por isso conto a você da parte que conheço. Sem dúvida há outros abismos e pontes – provavelmente numerosos. Através do precipício, ou da ponte, então, aqueles que buscam a luz empreendem sua jornada, e a jornada é bem lenta, e há muitas casas de repouso onde eles podem descansar, de vez em quando, em sua viagem progressiva; mudam de um para outro grupo de anjos

mantenedores, até que o último estágio entregue-os aqui deste lado. Nosso trabalho na casa, ou colônia, à qual agora pertenço, é também direcionado a estes espíritos que progrediram até aqui, tanto quanto aos da terra. Mas este é um departamento diferente do meu, atualmente. Ainda não fui tão longe em meus estudos. É mais difícil, porque as influências em torno dos que estão nas trevas aqui são muito mais danosas que as influências na terra, onde boas influências estão sempre se mesclando com as más. Somente quando as pessoas carecentes e enfraquecidas chegam até aqui é que percebem a terrível tarefa diante delas, e este é o porquê de tantos permanecerem por tanto tempo numa condição de desesperança e desespero.

Quando estão a salvo sobre a ponte, eles são recebidos por esses nas encostas onde a grama e as árvores crescem, e ficam estupefatos pelo prazer, em vez de se prepararem gradualmente. Pois ainda não estão acostumados ao amor e sua doçura, depois das experiências adversas lá embaixo.

Eu disse que esta ponte se assentava nas alturas; falava comparativamente. O local da chegada é mais alto comparando com as regiões de escuridão lá embaixo. Mas, de fato, é região baixa; o plano mais baixo sem dúvida, da região celeste.

Você está pensando na “garganta profunda”, ou precipício, “descritos” na Parábola. Está quase de acordo com o que lhe descrevi, e você já teve esta explanação em outro local. Também a razão pela qual estes que chegam fazem isso, em vez de atingirem este lado por viagem aérea, ou “vôo”, como talvez você chamaria, é porque eles não são capazes de completar a jornada desta forma por causa de sua fraca espiritualidade. Se eles tentassem isso, cairiam no vale escuro, perdendo então seu caminho.

Não fui longe nestas regiões escuras, mas fiz uma pequena parte do percurso, e a miséria que vi foi mais que suficiente por bastante tempo. Quando eu progredir no atual trabalho, e tiver por algum tempo ajudado estas pobres almas lá do ponto avantajado daquela casa, e tiver permissão, e provavelmente terei, irei mais adiante entre eles. Mas não é para agora.

Uma coisa mais eu posso dizer – já que por agora devemos parar. Quando eles surgem e chegam até a outra extremidade da ponte, devo dizer-lhe que o barulho que é ouvido, vindo por detrás deles, é horrível, e fagulhas vermelhas incandescentes são vistas. O que causa isso, não sou capaz de explicar claramente, mas nos dizem que os gritos, uivos e lamentações, e também as fagulhas, são enviadas por aqueles que ficaram para trás, que ficam enraivecidos por sua impotência de recapturar o fugitivo, ou de retê-lo em sua fuga; porque o mal é sempre impotente diante do bem, mesmo que o bem seja bem pequeno ao final das contas. Mas não devo continuar mais por agora, e o que estou dizendo agora não é o que vi pessoalmente, mas ouvi dizer, que quer dizer, foi dado a você de segunda mão, mas é verdadeiro, apesar de tudo.

Boa noite, meu querido filho, e possa o Pai de Todos cobrir com Sua luz e paz a você e aos seus. Possa você ver luz na Sua luz, e o brilho daquela luz seja de uma aurora de paz.

Sábado, 27 de setembro de 1913.

Eu pediria aos meus amigos para que tentassem impressionar-me mais vividamente...

Quase não é necessário que tenhamos o cuidado de impressioná-lo mais vividamente do que já fizemos, pois direcionamos as mensagens da forma como as desejamos para ajudá-lo a conceber alguma coisa de nossas vidas, das condições que por aqui prevalecem. Apenas acrescentaríamos algo que precisa estar bem claro a você: é que quando chegamos até aqui, não estamos em nosso elemento próprio, mas num elemento que é natural a você e bruma para nós, e é através dela temos que trabalhar o melhor que podemos.

Vocês podem me ver enquanto estou aqui sentado escrevendo?

Realmente vemos você, mas com olhos diferentes dos seus. Nossos olhos não estão acostumados ao efeito da luz que vocês têm na terra. Nossa luz é de um tipo diferente, uma espécie de elemento interpenetrante pelo qual somos capazes de discernir o

mais íntimo de sua mente, e é por ela que conversamos – com você mesmo, e não, é claro, com os seus ouvidos exteriores. Por isso é você mesmo que vemos, e não seu corpo material, o qual é apenas uma vestimenta envolvente. Quando o tocamos, entretanto, você não sente o toque fisicamente, mas espiritualmente, e se deseja apreender nosso toque, terá que mantê-lo na mente e olhar mais profundamente que o corpo e o cérebro mecânico dele.

Você gostaria de saber algo mais sobre a forma que trabalhamos aqui e as condições em que usamos nossa vida. Não são todos os que vêm para cá que podem entender uma das verdades elementares que é necessário assimilar para se progredir: que Deus não é mais visível aqui do que na vida terrena. Esperam encontrá-Lo pessoalmente, e ficam muito desapontados quando lhes contam que esta é uma idéia errônea sobre a forma com que Ele age sobre nós. A vida e a beleza d'Ele são quase aparentes na terra para aqueles que conseguem olhar mais profundo que a aparência externa. Assim é aqui também, com esta modificação: a vida aqui é mais tangível, e mais fácil de ser percebida e usada por aqueles que estudam sua natureza, e em tudo em torno de nós ela palpita, e nós, estando num estado mais sensível, podemos senti-la mais que quando estivemos na vida da terra. Ainda mais, tendo dito isso de forma genérica, é verdadeiro dizer que, de vez em quando, manifestações da Presença Divina nos são dadas, quando por algum propósito em particular se faz necessário; e uma dessas, passo a contar-lhe agora.

Fomos chamados a uma parte desta região onde muitas pessoas deveriam estar reunidas, de diferentes credos, crenças e localidades. Quando chegamos, vimos que um grupo de espíritos missionários havia retornado de seu período de compromissos numa região fronteiriça da esfera terrestre, onde estiveram trabalhando com almas recém chegadas que não percebiam que haviam atravessado a linha demarcatória entre a terra e o mundo espiritual. Muitos eram luminosos, mas foram trazidos ao local para que se encontrassem conosco numa ação de graças, antes de seguirem aos seus próprios planos. Eram de idade variada, já que

os velhos não haviam progredido ainda para tornarem-se jovens e vigorosos novamente; os jovens não haviam atingido a idade plena. Todos estavam reunidos com muita expectativa, e, conforme os grupos destes novos companheiros nesta vida chegavam uns após outros, eles observavam maravilhados suas faces e as diferentes cores de roupagens usadas pelas várias ordens e hierarquias.

Aos poucos, ficamos todos reunidos e então ouvimos um acorde de música que pareceu nos invadir a todos, unindo toda esta multidão em uma só grande família. Então vimos uma grande cruz de luz aparecer. Parecia estar apoiada na encosta da grande montanha que delineava a planície e, enquanto a observávamos, ela começou a se desmanchar em centelhas de luz brilhante, e em pouco tempo percebemos que era uma enorme falange de anjos de uma esfera mais alta que ficou ali, formando uma cruz perto da montanha; tudo em torno deles cintilava em dourado, e podíamos sentir, mesmo à distância, suas cálidas emanações amorosas.

Gradualmente eles foram ficando mais nítidos para a nossa visão, conforme tornaram-se mais presentes neste ambiente inferior ao deles, e então vimos, parado na parte onde está o cruzamento dos dois braços da cruz, um Ser maior. Parecia que instintivamente todos sabíamos que era Ele. Era uma manifestação do Cristo naquilo que conhecem como Forma Presente.

Ele ficou ali, silencioso e estático, por algum tempo, e então levantou Sua mão direita ao alto, e vimos uma coluna de luz descer e ficar ali enquanto Ele ali a mantinha. A coluna era um caminho, e nele vimos outra falange descendo e, quando chegaram até o braço levantado, ali pararam e ficaram silentes com suas mãos cruzadas sobre o peito e cabeças inclinadas. Então a mão moveu-se até que tivesse rodeado tudo até embaixo, os dedos apontando a planície, e vimos a coluna estender-se em nossa direção a meia altura, até que ligou o espaço entre a montanha e a planície, e a extremidade dela ficou sobre a multidão agrupada ali.

Ao longo desta coluna caminhou a falange que se tornara visível por último, e pairaram sobre nós. Abriram seus braços então, e todos vagarosamente voltaram-se em direção à montanha, e suavemente ouvimos suavemente suas vozes, uma parte declamando e outra cantando um hino de devoção a Ele Que ali estava, tudo tão belo e tão sagrado que primeiramente ficamos em silêncio. Mas depois nós também aprendemos suas palavras e cantamos, ou declamamos com eles; já que, evidentemente, era esse o propósito deles ao virem até nós. Enquanto cantávamos, elevou-se entre nós e a montanha uma neblina de matiz azulado que tinha um efeito muito curioso. Parecia agir como uma lente telescópica, trazendo a visão d'Ele para mais perto, até que pudemos ver a expressão de Sua face. Aquilo agia assim também nas formas daqueles que ficaram bem abaixo d'Ele. Mas nós não tínhamos olhos para eles, somente para a Sua face e forma, tão graciosas. Não posso descrever a expressão. Era um misto de coisas que as palavras não traduzem, a não ser em pequena parte. Havia mesclados o amor, a piedade, a alegria e a majestade, e eu senti que a vida era uma coisa muito sagrada, quando unia a Ele e a nós em um só laço. Penso que os outros sentiram a mesma coisa também, mas não nos falávamos, estando toda a nossa atenção voltada para a visão d'Ele.

Então, lentamente a neblina esvaneceu na atmosfera, e vimos a cruz na montanha e Ele como antes, apenas visto com mais dificuldade; e os anjos que haviam se aproximado de nós foram em embora, pairando agora sobre Ele. Então, gradualmente tudo sumiu. Mas o efeito foi um sentimento muito definido de Sua Presença muito atuante e perpétua. Talvez tenha sido esse o objetivo desta visão ser oferecida aos recém chegados que, apesar de não poderem ver tão claramente como nós que estávamos aqui há mais tempo, mesmo assim puderam ver o suficiente para que os encorajasse e lhes desse paz.

Ficamos por ali por mais algum tempo, e então, silenciosamente, seguimos nosso caminho, não conversando muito porque estávamos impressionados com o que havíamos testemunhado. E também, depois de todas estas Manifestações sempre havia muito em que pensar. É tão glorioso que ninguém

pode captar todo seu significado enquanto ela esteja acontecendo. Deve-se pensar sobre ela gradualmente; e conversamos entre nós sobre tudo, cada um dando suas impressões, e agrupando todas, descobrimos que uma revelação havia sido feita, sobre algo que não entendíamos muito bem. Naquele momento o que mais parecia haver nos impressionado foi o poder que Ele tinha de falar a nós silenciosamente. Não pronunciara uma só palavra, mas nos pareceu estarmos ouvindo Sua voz conversando conosco a cada movimento que fizesse, e entendemos muito bem o que a voz dizia, apesar de que realmente nada falara.

Isso é tudo o que lhe posso contar por agora, portanto, adeus, querido filho, e possa você ver, como realmente verá, um dia, o que nosso Senhor, tem guardado para aqueles que O amam.

Segunda, 29 de setembro de 1913.

A idéia de ver as coisas do ponto de vista de uma esfera mais elevada que a sua, é para que se dê o verdadeiro valor quando se lê o que acabamos de escrever. De outra forma, você estará sempre enganado pela aparência de incongruência na associação das idéias que temos lhe passado. A nós é perfeitamente normal unir a chegada de nosso Senhor com o outro evento da formação daquela ponte que é a expansão da grande região do precipício. O que lá é visto concretamente – isto é, claro, concretamente para nós aqui – é apenas um fenômeno do mesmo poder invisível pelo qual o Senhor e suas legiões angélicas cobriram a abóbada celeste entre a esfera na qual agora nos movemos e aquelas de onde vieram eles.

Você compreenderá que aquela Manifestação foi, para nós, muito mais que uma materialização é, para vocês. Foi a ligação entre dois estados do Reino do Pai pela união no espaço através das vibrações mais elevadas do que as que podemos usar nestas esferas mais baixas. Como tudo acontece, nós apenas podemos imaginar, mas, ao passarmos de sua esfera terrestre para esta, a conexão entre esta e a próxima não parece estranha.

Desejamos que você pudesse ser melhor esclarecido ao observar algumas das maravilhas de nosso plano, pois então tudo

lhe pareceria mais natural, tanto em sua jornada na terra, quanto também quando vier para cá e nada soar estranho em sua mente. A primeira coisa que veria é que a terra é o embrião do céu, e que o céu é apenas a terra purgada e aperfeiçoada; e em seguida veria que as razões são bem óbvias.

Para ajudá-lo neste assunto, portanto, tentaremos contar-lhe de um sistema que temos aqui para separar e discernir entre as coisas que importam e as de menor importância. Quando estamos com alguma dúvida – e falo apenas de nosso círculo imediato – vamos ao topo de algum edifício, ou montanha, ou algum lugar elevado de onde possamos avistar as terras distantes que nos cercam. Então, expomos nossas dificuldades, e quando acabamos de completar o raciocínio, ficamos em silêncio por um tempo, esforçando-nos por retratar tudo dentro de nós, da forma como as coisas são. Depois de algum tempo começamos a ver e ouvir algum lugar mais alto que o nosso, e vemos que as coisas importantes são as que nos mostram, pela visão e audição, que ainda persistem naquele plano mais elevado, naquelas esferas mais altas. Mas não ouvimos ou vemos as coisas que não importam tanto, e é desta forma conseguimos separar uma categoria de outra.

Parece tudo certo, querida, mas poderia dar-me um caso mais específico, a fim de exemplificar?

Penso que sim. Tivemos que lidar com uma dúvida, e não sabíamos como agir da melhor forma. Foi sobre uma mulher que estava aqui por um bom tempo e não parecia capaz de progredir muito. Não era má pessoa, mas parecia ser insegura a respeito de si mesma e de todos os que a cercavam. Sua principal dúvida era sobre os anjos – se eles eram todos de luz e bondade, ou se alguns eram de um estado angelical e outros da escuridão. Por algum tempo não conseguimos ver o porquê disto estar perturbando-a tanto, já que tudo por aqui parecia ser amoroso e brilhante. Mas descobrimos que ela tinha alguns parentes que haviam vindo para cá antes dela, e a quem ela não vira e não conseguia encontrar seu paradeiro. Quando descobrimos o principal problema dela, discutimos entre nós e fomos ao topo da colina, colocando nosso desejo de ajudá-la e pedindo que nos

fosse mostrada a melhor maneira. Uma coisa memorável aconteceu, tão inesperada quanto útil.

Quando ficamos ajoelhados ali, todo o topo da colina pareceu tornar-se transparente e, enquanto estávamos ajoelhados, com as cabeças inclinadas, enxergamos diretamente através dela, e uma parte das regiões abaixo foi trazida a nós muito nitidamente. A cena que vimos –e todos nós a vimos, portanto não poderia ser ilusão – era numa planície obscura, árida e nua, e, encostado numa rocha, estava um homem de alta estatura. Diante dele, ajoelhada no chão, com as faces cobertas pelas mãos, havia uma outra pessoa. Era um homem, e parecia estar implorando algo ao outro, que continuava ali, com aparência de estar em dúvida. Então, finalmente, num impulso súbito, ele se abaixou e levantou em suas costas aquele que estava ajoelhado e o conduziu pela planície, em direção ao horizonte onde refulgia a luz pálida do crepúsculo.

Ele andou uma longa jornada com aquela carga e então, quando chegaram a um lugar onde a luz era mais forte, ele o largou e apontou um caminho a ele; então vimos que este agradeceu muito e muito, então voltou-se e correu rumo à luz. Nós o seguimos com nossos olhos, e então vimos que lhe havia sido apontado o caminho da ponte, da qual já lhe falei – na extremidade que está no outro lado do precipício. Ainda não entendíamos por que esta visão estava sendo mostrada a nós, e continuamos seguindo o homem até que ele alcançou o enorme prédio que está no começo da ponte – não para guardá-la, mas para auxiliar os que chegam até ali, necessitando de descanso e ajuda.

Vimos que o homem havia sido observado pelo guardião, pois um facho de luz sinalizou-o aos que estavam embaixo, mostrando-o ao guardião seguinte, ao longo da ponte.

E então a colina reassumiu seu aspecto normal de novo, e nada mais foi visto por nós.

Estávamos perplexos, mais que antes, e estávamos descendo a colina quando nossa Senhora Diretora veio ao nosso encontro, e em sua companhia estava alguém que parecia um alto servidor

de alguma parte de nossa esfera, mas que não havíamos conhecido ainda. Ela disse que ele veio para nos explicar a instrução que acabáramos de receber. Aquele homem menor era o marido da mulher a quem estávamos tentando ajudar, e deveríamos dizer a ela que fosse até a ponte pois lhe seria dado alojamento ali, onde então poderia esperar até que seu querido chegasse. O homem mais alto que vimos era o que a mulher chamou de anjo das trevas, já que ele era um dos mais poderosos espíritos nos planos trevosos. Mas, conforme observamos, ele era capaz de uma boa ação. Por que, então, perguntamos, ele ainda estava nas regiões de trevas?

O servidor sorriu e respondeu, "Meus queridos amigos, o Reino de Deus Nosso Pai é um lugar muito mais maravilhoso do que podem imaginar. Vocês jamais se defrontaram ainda com um reino ou esfera que fosse completo por si mesmo, independente e separado dos demais. Nem há nenhum assim. Aquele anjo trevoso mescla, em si, muitas esferas de conhecimento, bondade e maldade. Ele permanece onde está, primeiro por causa da maldade remanescente nele, que o incapacita para as regiões de luz. Ele permanece ali também porque ele poderia progredir se quisesse, mas mesmo assim ele não o deseja por enquanto, em parte por causa de sua obstinação, e parte porque ele ainda odeia a luz, e acha que os que partem para a horrível montanha são loucos, pois a dor e as agonias são mais intensas ali, em razão do contraste com o que vêem entre a luz e a escuridão. Então ele fica, e há multidões como ele, a quem uma espécie de desespero embrutecedor e estonteante impede de seguirem adiante. Também em suas horas de raiva e loucura, ele é cruel. Ele torturou e maltratou algumas vezes este mesmo homem a quem vocês viram com ele, e o fez com a crueldade de um fanfarrão covarde. Mas, como viram, isto foi superado e quando o homem implorou nesta última vez, alguma corda sensível no coração do outro vibrou um pouquinho só, e, num impulso, temendo uma reversão em suas intenções, liberou sua vítima que desejou empreender a jornada, e apontou-lhe o caminho, sem dúvida pensando em seu coração no quanto ele era

estúpido e contudo, talvez, um estúpido mais inteligente que ele, afinal de contas.”

Isso era novidade para nós. Não percebêramos antes que havia bondade naquelas regiões de trevas; mas agora vimos que era natural que assim fosse, ou, se todos ali fossem totalmente ruins, nenhum deles jamais desejaria estar conosco deste lado.”

Mas o que tem a ver tudo isso com o discernimento entre as coisas que importam e as que têm menor importância?

Tudo que é do bem é de Deus, e a luz e a treva, quando aplicadas aos Seus filhos, não são, e não podem ser, absolutas. Elas devem ser entendidas como relativas. Há, como sabemos, muitos “anjos das trevas” que estão na escuridão por causa de algum desvio em seu comportamento, algum traço de obstinação que os previne contra o que é bom dentro deles, fazendo esse efeito. E estes, um dia, podem nos ultrapassar na estrada das eras, e, no Reino dos Céus, tornarem-se maiores que nós, que hoje somos mais abençoados que eles.

Boa noite, meu querido filho. Pense sobre o que escrevemos. Tem sido uma lição proveitosa a nós, e seria bom que muitos em sua vida atual pudessem aprendê-la.

Capítulo II
Cenas mais brilhantes

Terça, 30 de setembro de 1913.

Dificilmente você compreenderia tudo o que sentimos quando chegamos à terra desta maneira, comungando com alguém que ainda caminha em sua estrada através do vale. Sentimos que somos mais privilegiados pois, uma vez que sejamos capazes de convencer as pessoas do quanto têm em suas mãos para usarem na evolução da raça, parece não haver fronteiras para as possibilidades do bem e da ilustração. Apesar disso, somos capazes de fazer pouco, e devemos ficar felizes até que outros venham cooperar conosco, como você fez, sem medo, sabendo que nenhum mal pode sobrevir àqueles que amam a Deus, e servem-No por Seu Filho, nosso Senhor Redentor.

Para ajudar aqueles que ainda duvidam de nós, de nossa mensagem e missão, deixe-me dizer que não saímos de nossas lindas casas para descer para as brumas que envolvem a terra por nada. Temos uma missão e um trabalho em curso, e alguém deve cumpri-la, e nos alegramos por fazê-lo.

Há pouco tempo atrás – se usarmos a linguagem da terra – fomos mandados a uma região onde as águas eram captadas num grande lago, ou bacia, e em torno do lago, à alguma distância de cada lado, foram erigidos alguns prédios enormes com torres. Eles eram de arquitetura e projetos variados, e não eram construídos com apenas um material. Jardins espaçosos e bosques circundavam-nos, alguns deles de milhas de extensão, e plenos de lindas flora e fauna, a maioria com espécies conhecidas na terra, mas também com o que seria estranho a vocês agora, apesar de que acho que uma parte deles já viveu um dia na terra. Isso são detalhes. O que quer explicar-lhe é o propósito destas colônias.

Elas são para nada mais que a composição de músicas e manufatura de instrumentos. Os que vivem ali entregam-se aos estudos da música e suas combinações e efeitos, e não somente

ao que você conhece como som, mas também em outras conexões. Visitamos várias das casas maiores, e encontramos faces sorridentes e felizes a nos cumprimentar e nos mostrar o lugar; e também para nos explicar o que somos capazes de entender, e francamente confesso que não era muito. Aquilo que eu pessoalmente entendi, tentarei explicar a você.

Uma casa – ou colégio, já que eles eram mais colégios que fábricas, pelo que vi – era devotada ao estudo do melhor método de inspiração musical infundida aos que, na terra, tinham o talento para a composição; e outra casa dava mais atenção aos que eram aptos à música tocada, e outras à cantada, e ainda outros faziam um estudo especial da música sacra, e outros de concertos, e outros de composição de óperas, e assim por diante.

Os resultados de seus estudos eram tabulados, e ali suas funções acabam. Estes resultados são estudados de novo por outra classe, que considerará o melhor método de comunicá-los aos compositores musicais em geral, e então outro corpo fará o real trabalho da transmissão, através do Véu, para a esfera da terra. Aqui são apontados a eles os objetivos de seus esforços, isto é, os que provam estar mais prontos para corresponderem à sua inspiração. Estes foram cuidadosamente selecionados por outros que são treinados para esta seleção. Tudo está em perfeita ordem; dos colégios em torno do lago até a igreja, ou o hall de concertos, ou a casa de óperas na terra, há uma corrente de trabalhadores treinados que estão constantemente ativos, dando à terra um pequeno presente de sua música celestial. E é assim que todas as suas melhores músicas chegam até vocês... Sim, você está bem certo. Muito de suas músicas não é nosso, e muito é alterado em sua passagem. Mas isso não é culpa dos trabalhadores destas esferas, mas fica na porta dos que estão do seu lado do Véu, é destes deste lado que são de regiões escuras, a quem o caráter do compositor lhes permite obscurecer aquilo que vem de nós aqui.

Para que serviam as torres?

Eu já ia lhe explicar isso.

O lago é muito extenso, e os prédios estão a alguma distância dele, por todos os lados. Mas algumas vezes, previamente combinados, os trabalhadores de alguns destes colégios, alternadamente, mandam certos conjuntos para o alto da torre e, quando estão reunidos, então um concerto, literalmente digno do nome, acontece. Eles todos ensaiam alguma coisa já previamente combinada entre eles. Em uma torre estarão os instrumentos de uma categoria; em outra delas, outra categoria, e na terceira, os vocalistas; e em outra, outra classe de vocalistas; pois há muitos tipos, não somente quatro, como é usual a vocês, mas muitos tons de vozes. E outras torres são destinadas a outros trabalhadores cujas funções reais não pude entender. Pelo que percebi, alguns deles eram especialistas em harmonizar o todo, ou partes, do volume do som combinado das diferentes torres.

Mas quero continuar na descrição do fato em si – o concerto ou festival, ou seja lá o nome que queira dar. Fomos levados a uma ilha no meio, e ali, numa linda paisagem de árvores, gramado e flores, terraços e bosquetes de árvores, pequenos recantos e bancos de madeira ou pedra, ali ouvimos o festival.

Inicialmente veio um acorde, longo e sustentado, ficando cada vez mais intenso, até que pareceu invadir toda a paisagem e as águas, e cada folha de cada uma das árvores. Era o tom dado aos músicos das várias torres. Tudo ficou imerso em silêncio e parecia estático. Então, gradualmente, ouvimos a orquestra. Vinha de muitas torres, mas não podíamos reparar em nenhuma parte em separado. Estava em harmonia perfeita, e o equilíbrio era sublime.

Então os cantores iniciaram sua parte. Nem vou tentar descrever esta música das esferas celestiais na linguagem terrena, mas posso talvez ser capaz de dar-lhe alguma idéia do efeito. Resumidamente, tudo se fez mais pleno de amor – não só de beleza, mas de amor também – pois há uma diferença entre estas duas palavras conforme as uso aqui. Todas as nossas faces tomaram uma expressão e matizes de um amor maior, e as árvores ficaram com as cores mais profundas, e a atmosfera lentamente ficou como num vapor de tonalidades, como um arco íris. Mas este vapor nada escondia, em vez disso parecia

aproximar tudo. A água refletia as tonalidades do arco íris, e nossa roupagem também intensificou-se em suas cores. Além disso, os animais e os pássaros sobre nós correspondiam. Lembro-me especialmente de um pássaro branco. Suas peninhas leitosas ficaram cada vez mais brilhantes e, quando o vi pela última vez antes que voasse para um cantinho, brilhava como ouro cintilante, como uma luz transparente, ou fogo. Então, quando esta neblina esvaneceu vagarosamente, todos nós, e tudo, voltamos ao normal mais uma vez. Mas o efeito perdurou, e se eu pudesse dar um nome a ele, eu diria “paz”.

Esta, então, é uma pequena experiência que tive na Casa da Música. Aquilo que ouvimos será novamente discutido de novo, e de novo, por conselhos de pessoas experientes, um pouquinho alterado aqui, um pouquinho alterado ali, e então será dado um uso àquela peça; talvez em algum recital de ação de graças por aqui, ou alguma recepção de espíritos chegados da vida terrestre, ou alguma outra função. A música entra em muitas fases de nossa vida aqui e, na verdade, tudo parece musical nestas esferas de luz – música e cores misturadas e beleza, tudo exalando amor entre todos, e a Ele Que nos ama de uma forma que não somos capazes de amar. Mas Seu amor nos leva adiante e, conforme seguimos, ele está em tudo em torno de nós, e devemos inspirá-lo na respiração, assim como a beleza de Sua Presença. Não temos outra escolha, já que Ele é Tudo em Tudo por aqui, e amar traz um deleite que só entenderá quando estiver onde estamos, e ouvir o que ouvimos, e tiver visto a beleza de Sua Presença, suspirando e cintilando em tudo em volta, e atrás, quando aprendemos um pouquinho mais de Seu amor.

Seja forte e viva a valente vida, já que no final valerá a pena, conforme já soubemos.

Boa noite, querido rapaz, e lembre-se que, algumas vezes, durante seu sono nós poderemos fazer-lhe lembrar, nem que seja um leve eco, daquela música pelo seu ambiente espiritual, e não ficará sem o efeito na sensação de sua mente em seu dia seguinte, na vida e no trabalho.

Quarta, 1 de outubro de 1913.

O que dissemos na última noite, relativo à Casa de Música, foi apenas um esboço de tudo o que ouvimos e vimos; e fomos apenas em partes da localidade. Fomos informados, entretanto, de que tem uma extensão maior do que imaginamos naquela ocasião, e estende-se distante, do lago até as montanhas que cortam a planície onde está o lago. Nestas montanhas há outros colégios, tudo interligado com aqueles que vimos através de uma telefonia sem fio, e continuamente há um trabalho em cooperativa.

Em nosso caminho de volta às nossas casas, voltamo-nos para observar outra novidade. Era uma plantação de árvores muito grandes, dentre elas fora construída uma outra torre, não uma simples coluna, mas uma série de salas e saguões, com pináculos, torres e cúpulas de variadas colorações. Tudo isto estava em um edifício apenas, que era muito alto e espaçoso. Foi-nos mostrado com muita cortesia e bondade por um habitante dali, e a primeira coisa que nos chamou à atenção foi o aspecto curioso das paredes. O que havia do lado de fora que aparecia opaco, do lado de dentro era translúcido e, conforme andamos de aposento a aposento, de saguão em saguão, percebemos que a luz que havia em cada um era levemente diferente no matiz do anterior – não de uma cor diferente, já que a variação não era tão marcante, porém apenas uma suave nuance mais profunda ou mais iluminada.

Na maior parte dos compartimentos menores, a luz era de um matiz definido e delicado, mas de vez em quando, depois de passarmos por um conjunto completo de compartimentos, chegávamos a um enorme saguão e, nele, as colorações das salas em torno agregavam-se ali. Não estou certa se sou exatamente correta ao dizer que todos os aqueles laboratórios menores apenas emanavam uma coloração, mas conto-lhe tão próximo quanto possível do que me lembro. Foi tanta coisa que vimos que é difícil separar em detalhes, e foi a minha primeira visita. Por isso não me permito nada mais que uma real descrição do plano geral.

Um destes grandes saguões era o Saguão Laranja, e nele estavam todas as graduações daquela cor primária, desde o mais esmaecido dourado ao mais profundo tom da cor de laranja profundo. Outro era o Saguão Vermelho, onde os matizes estavam nos ambientes em torno de nós, desde o cor de rosa pálido ao carmim das rosas e das dálias. Outro, o Violeta, era radiante em suas tonalidades que iam do mais delicado heliótropo, ou ametista, ao rico matiz escuro do amor perfeito. E agora devo dizer-lhe que não haviam alguns mais, mas muitos mais destes salões dedicados a estas tonalidades que vocês nem conhecem, mas chamam de ultravioleta e infravermelho, e quão lindas são...

Estas irradiações não se mesclam em apenas uma só cor, mas cada tonalidade ficava distinta em sua graduação, apesar de harmonizada maravilhosa e lindamente.

Você está conjeturando a respeito do propósito destes prédios de cristal. Eles estão ali para se estudar o efeito das cores quando aplicadas aos diferentes departamentos da vida animal, vegetal e mesmo na vida mineral, mas principalmente as duas primeiras, juntamente com as coberturas. Pois tanto a textura como o matiz de nossas vestimentas adquirem suas qualidades do estado espiritual e do caráter daquele que a usa. Nosso ambiente é parte de nós, assim como de vocês, e a luz é um componente, e muito importante, de nosso ambiente. Portanto é muito poderoso em seu uso, sob certas condições, como vimos nestes painéis.

Dizem-me que os resultados destes estudos são levados aos que são encarregados das árvores e outras partes da vida vegetal, da terra e de outros planetas. Mas há outros resultados que são de tipo refinado demais para tais aplicações no ambiente como um todo na terra e em outro planeta, por isso, claro, somente uma parte muito pequena destes estudos são enviados para vocês.

Sinto só poder falar muito pouco mais, em parte por causa destas mesmas limitações, e em parte porque é muito científico e fora de meu alcance. Mas posso acrescentar isso, que perguntei enquanto estive lá: Eles não agrupam as cores primárias em um salão, naquela colônia. Não sei o porquê. Pode ser, como pensam alguns amigos meus, que entendem destes assuntos mais que eu,

que a força gerada por tal combinação seria coletivamente tremenda demais para aquele prédio e requereria uma construção especial, e esta, provavelmente, em alguma montanha distante, se fosse possível, disseram-me eles, pois nenhuma vegetação cresceria no raio de uma longa distância dali. Disseram ainda que eles duvidavam que pessoas do grau em que nos encontramos pudessem controlar com segurança as forças que seriam geradas deste modo. Eles acham que para isso é necessário que sejam pessoas de grau e hierarquia mais elevados. Mas longe daqui, em outra esfera mais alta pode ser, e provavelmente é, o lugar onde isso é realizado, e o lugar está em contato com o que vimos. Julgando pela forma que as coisas são ordenadas aqui, isso é quase certeza.

Deixamos a colônia, ou universidade, como poderia ser chamada, e quando estávamos já a alguma distância na planície, onde poderíamos ver a cúpula central sobre as árvores, nosso guia, que tinha vindo conosco para nos encaminhar, pediu-nos que parássemos e víssemos uma pequena surpresa de despedida que o Diretor havia prometido nos fazer. Observamos e nada vimos, e, depois de momentos, olhamos para o nosso guia, questionando. Ele sorriu, e nós olhamos de novo.

Naquela hora um do nosso grupo disse: “De que cor era a cúpula quando paramos aqui?” Alguém disse, “Acho que era vermelho.” Mas ninguém tinha certeza. De qualquer forma, estava tinta de dourado, então dissemos que iríamos observar. Logo ficou verde, e não havíamos percebido a mudança, tão gradual e suave era a passagem feita de uma cor a outra. Isso aconteceu por algum tempo, e foi extremamente lindo.

Então, subitamente a cúpula desapareceu. Nosso guia disse-nos que ainda estava lá no mesmo lugar, mas o desaparecimento era um dos fatos que conduziram a que acontecesse, pela combinação de certos elementos da luz dos vários saguões. Então, sobre a cúpula e as árvores – estando a cúpula ainda invisível – apareceu uma enorme rosa cor de rosa, que lentamente tornou-se carmim, e por entre todas as suas pétalas apareceram formas de crianças brincando, e homens e mulheres em pé, ou andando e conversando juntos, belos, lindos e felizes;

e faunos, antílopes e pássaros, correndo, voando ou deitados entre as pétalas, cujas formas ondulavam como colinas, montes e paisagens. Sobre estas ondulações, as crianças brincavam com os animais, saltitando divertida e alegremente. E então, todos eles lentamente desapareceram, e tudo ficou vazio. Mostraram-nos vários destes quadros enquanto estivemos lá.

Outro era uma coluna de uma luz que brilhava verticalmente de onde sabíamos que estava a cúpula, e permanecia ereta nos céus. Era de uma luz branca a mais límpida, e tão intensa que parecia sólida. Então saiu um raio de um dos saguões e, obliquamente, alcançou suavemente o lado da coluna. Então veio de outro saguão outro raio, de uma cor diferente – vermelho, azul, verde, violeta, laranja; iluminado, sombreado ou profundo, de todas as cores que você conhece, e algumas que não são conhecidas de vocês – e todas ela foram lançadas sobre a coluna branca, bem no meio do céu.

Então vimos as linhas oblíquas de luz tomando forma, e elas lentamente tornaram-se cada uma avenida com casas, edifícios, castelos, palácios, bosques de árvores, templos e todas as variações disto, tudo ao longo dos amplos caminhos. E por eles vieram multidões de pessoas, algumas a pé, algumas a cavalo, e outras conduzindo carruagens. Todos em um raio de luz estavam com uma cor única, mas em múltiplos matizes dela. Era maravilhoso vê-los. Eles se aproximaram da coluna e permaneceram a uma pequena distância em torno dela.

Então, o topo da coluna lentamente foi se abrindo, como um lindo lírio branco, e as pétalas começaram a se enrolar sobre si mesmas, e mais baixo, cada vez mais baixo, até que se espalharam pelo espaço entre as pessoas e a coluna. Então a base da coluna começou a fazer o mesmo, até que formou uma plataforma de forma circular, da coluna até os lugares distantes que as ruas onde estavam as pessoas alcançavam.

Aí eles puderam mover-se adiante. Mas agora mesclaram-se, e seus cavalos e equipamentos, cada um retendo sua própria cor e tonalidade, mas misturados ao resto. Então percebemos que estávamos observando para uma grande multidão de pessoas felizes e amáveis, reunidas como para uma festa ou um festival,

num enorme pavilhão de luzes multicoloridas. Seus matizes estavam agora refletidos contra o teto e o chão, ou pavimento, e o mais bonito era a irradiação de tudo aquilo. Eles se acomodaram lentamente em grupos, e percebemos que o centro da coluna foi transformado em colunas de um enorme órgão, e entendemos o que devíamos esperar.

E tudo começou logo mais – um grande acorde musical, vocal e instrumental, um grande *Gloria in excelsis* a Ele Que habita na luz que é como escuridão a Seus filhos, da mesma forma que nossa escuridão fica como luz quando Ele nos envia uma raio do Seu poder presente; porque Onipotente é o Rei Cuja Luz é vida a Seus filhos, e Cuja glória está refletida na luz que pudermos suportar. Cantavam algo como isso, e então também tudo aquilo sumiu. Eu esperava que eles voltassem sobre seus passos ao longo dos caminhos, mas estes foram retirados, e aparentemente não eram mais necessários.

Seu tempo está esgotado, querido filho, assim, com pena, devemos parar, com nosso amor de sempre a você, meu querido, e aos que o amam e aos seus, como os amamos. Deus esteja com você, Aquele Que é Luz, e em Quem a escuridão não encontra espaço para ficar.

Quinta, 2 de outubro de 1913.

"Digam aos filhos de Israel que eles sigam em frente." Esta é a mensagem que colocaríamos a você agora. Não fique para trás no caminho, porque a luz é projetada ao longo dela para lhe mostrar o caminho e, se se mantiver firme em sua fé no Pai de Todos e em Seu querido Filhos, nosso Senhor, não deverá temer desvios.

Escrevemos isso por conta de certas dúvidas ainda pendentes em você. Você sente a nossa presença, sabemos, mas nossas mensagens ganharam tal complexidade que parecem mais contos de fada do que reais. Saiba, então, que nenhum conto de fada jamais escrito poderá igualar as maravilhas destes Reinos Celestes, ou as belezas neles contidas. Além disso, muitas das descrições que você lê nos livros de contos, sobre os cenários e construções, não são diferentes de muitas coisas que vimos por

aqui nestas paragens maravilhosas. Só pudemos aprender muito pouco, mas, por esse pouco, ficamos convencidos de que nada que esteja na imaginação criativa de um homem, enquanto estiver na vida terrena, pode se igualar às glórias que esperam por seu intelecto imaginativo quando ele largar seu corpo terrestre, com suas limitações, e encontrar-se livre sob a luz do Mundo Espiritual.

Agora, o que tentamos contar-lhe esta noite difere de nossas primeiras mensagens, e tem mais ligação com a natureza essencial das coisas que com os fenômenos da vida, conforme nos são expostos para nossa instrução e prazer.

Se um homem pudesse se postar aqui, em cima de algum dos picos elevados que povoam nossa paisagem, ele teria visões bem estranhas e desconhecidas. Por exemplo, ele provavelmente observaria primeiramente que o ar é límpido, e que a distância tem um aspecto diferente do que tem na terra. Nada pareceria longe do mesmo jeito pois, se ele desejasse deixar o pico no qual estava, para ir a algum ponto próximo do horizonte, ou mesmo além, ele o faria através de sua vontade, e isso dependeria da qualidade daquela sua vontade, ou de sua natureza, se ele iria rapidamente ou não; e também de quão distante ele poderia penetrar nas regiões que estejam além das várias cordilheiras e cuja atmosfera -suponho que devamos usar a palavra- é de qualidade mais rarefeita que aquela na qual ele atualmente habita.

É por conta disso que nós nem sempre vemos aqueles mensageiros que vêm até nós, vindos das altas esferas. Eles são mais vistos por alguns que por outros, e somente ficam realmente e definitivamente visíveis quando eles condicionam seus corpos para emergirem para a visibilidade. Agora, se andarmos bastante na direção deles –isto é, na direção de suas casas- sentiremos uma exaustão que nos desgasta ao penetrarmos muito, apesar de que alguns podem ir mais adiante que outros.

Agora, estando naquele pico, o observador perceberia que o firmamento não é exatamente opaco à visão, mas com uma certa espécie de luz, porém luz de uma qualidade que se intensifica conforme a distância da superfície da paisagem aumenta. Alguns

conseguem ver mais longe que outros para dentro desta luz; e vêem ali seres e cenas acontecendo que outros menos evoluídos não conseguem.

Também ele veria, em torno dele, habitações e edifícios de espécies variadas, alguns dos quais descrevi. Mas, para ele, esses prédios não são meramente casas, ou locais de trabalho, ou colégios. Em cada estrutura ele perceberia nem tanto o caráter dela, mas o caráter dos que a construíram e dos que ali habitam. São permanentes, mas não com a permanência cansativa da terra. Podem ser reformados, modificados e adaptados, em suas cores, forma e material, conforme as necessidades requererem. Elas não precisam ser demolidas para então o material poder ser usado na reconstrução. Lida-se com o material enquanto o edifício está em pé. O tempo não faz efeito em nossas construções. Elas não ficam decrépitas ou decaídas. A sua durabilidade depende simplesmente das vontades de seus donos e, portanto, tanto quanto eles desejem, o prédio ficará em pé, e será alterado conforme sua vontade.

Outra coisa que notaríamos seria bandos de aves vindos de longa distância, e indo, com precisão perfeita, a algum lugar particular. Há pássaros mensageiros treinados na terra, mas não como esses são treinados. Em primeiro lugar, eles jamais são mortos ou atacados, eles não têm medo de nós. Estes pássaros são um dos meios que usamos para enviarmos mensagens de uma colônia a outra. Eles não são realmente necessários, já que temos meios mais rápidos e mais adequados de comunicação. Usamo-los mais como uma bela forma de enfeite, da mesma forma que usamos cores e ornamentos a fim de nos embelezarmos algumas vezes. Estes pássaros estão sempre voando, e são criaturas queridas e amáveis. Parecem saber qual é a sua obrigação, e amam fazer isso.

Por aqui há uma lenda que diz que uma vez uma destes pássaros, em sua ânsia de sobrepujar seus companheiros, ultrapassou os outros e se projetou na esfera terrestre. Ali ele foi visto por um clarividente que o alvejou, e ele ficou tão transtornado – não pelo tiro, mas pela sensação que sentiu vinda dos pensamentos do homem –, que ele percebeu de alguma

forma que não estava em seu elemento certo, e tão logo percebeu isso, estava aqui de volta. O que ele sentiu, vindo do cérebro do homem, foi a resolução e o desejo de matar e, apesar de saber que isso era sinistro, quando tentou contar aos seus amigos pássaros perdeu seu tempo, porque nada disso é conhecido por aqui, e ele não conseguiu descrever, da mesma forma que uma ave deste reino não poderia descrever sua vida a uma ave da terra. Por isso outras aves disseram que, se ele tinha uma historia a contar e não conseguia, que voltasse e encontrasse o homem e perguntasse a ele qual palavra ele poderia usar.

Ele assim fez, e o homem, que era fazendeiro, disse que "torta de pombo" seria a melhor palavra para descrever a idéia dele. O pássaro retornou e, como eles não puderam traduzir a palavra em sua linguagem, ou tirar qualquer significado daquilo, deram uma solução para quando alguém desejasse visitar a terra no futuro: deveria colocar-se em guarda até perguntar se estava em sua esfera ou não.

A moral dessa história é: Mantenha-se em sua própria tarefa, a qual você compreenderá e onde você será entendido por aqueles que também são servos, companheiros seus de trabalho; e não almeje lançar-se demais à frente de onde tem certeza de que é seu chão, ou "atmosfera", ou, pensando que está seguindo em frente, você pode se encontrar num plano que está abaixo daquele de onde você saiu e onde os seres mais elevados dali são menos evoluídos, de várias formas, que o mais baixo de seu próprio plano, e muito piores como companhia.

Bem, esta é uma pequena história, como um pequeno interlúdio, e servirá para mostrar-lhe que podemos rir aqui, e ser sabiamente tolos, e tolamente sábios às vezes, e que não somos muito maduros em algumas coisas desde que deixamos a terra e viemos para cá.

Até logo, querido; mantenha seu coração feliz.

Sexta, 3 de outubro de 1913.

Quando você estiver com qualquer dúvida sobre a veracidade da comunicação espiritual, pense nas mensagens que já recebeu e

verá que em tudo que escrevemos, nós mantivemos nelas um propósito bem claro. É o propósito de que podemos ajudá-lo, e através de você, a outros também, a entender como tudo é natural por aqui, senão maravilhoso. Algumas vezes, quando olhamos para trás, para nossas vidas na terra, sentimos um desejo de fazer mais clara a estrada dos que ainda estão aí, e mais brilhante do que foi a nossa, quanto aos nossos pensamentos em direção à vida futura. Nada entendíamos, e assim viemos com uma incerteza sobre o que nos aguardava. Muitos, pelo que sabemos, dizem que isso é bom, mas, conforme vemos as coisas de nosso atual ponto de vista, não podemos concordar que a incerteza seja boa quando uma meta definitiva deve ser atingida. Segurança, por outro lado, dá decisão e conduz a ações corajosas, e se a nós foi permitido infundir, aos peregrinos da terra, a certeza da vida e do brilho daqui para aqueles que lutam bem a boa luta, estaremos amplamente contemplados pelas nossas jornadas até aqui, vindos de nossas próprias casas cintilantes em luz.

Agora vejamos se podemos passar-lhe umas poucas palavras sobre as condições que encontramos quando chegamos aqui –as condições, quero dizer, daqueles que chegam aqui pela primeira vez. Eles não estão num grau igual de evolução espiritual, claro, e portanto requerem tratamento diferenciado. Muitos, como você sabe, não percebem por algum tempo o fato de estarem *mortos*, como vocês chamariam, porque encontram-se vivos e com um corpo, e suas vagas noções anteriores do estado de após-morte não são, por isso, descartadas totalmente.

A primeira coisa a ser feita com eles, então, é ajudá-los a perceberem o fato de que não estão mais na vida terrena e, para isso, empregamos vários métodos.

Um deles é perguntar-lhes se lembram de algum amigo ou parente, e, quando respondem que sim, mas que estes estão mortos, tentamos este encontro para que vejam aquele espírito em particular que, aparecendo vivo, convenceria o duvidoso de que ele realmente passou para o lado de cá. Mas não é sempre esse o caso, pois as ilusões cravadas são obstinadas, assim tentamos outro método.

Nós o levamos a alguma localidade da terra que lhe é familiar, e mostramos a ele aqueles que ele deixou para trás e a diferença de estado entre ele e os seus. Se isso falhar, fazemo-lo reviver as últimas experiências passadas antes da passagem para cá, e lentamente o levamos ao momento em que ele se sentiu sonolento, e tentamos unir esse momento com seu despertar por aqui.

Todas estas tentativas freqüentemente falham –mais freqüentemente que você imagina- já que o caráter é moldado ano após ano, e as idéias que concorrem para esta construção tornam-se firmemente imbuídas em seu caráter. Também temos que ser muito cuidadosos para não sobrecarregá-lo, pois retardaria sua instrução. Algumas vezes, entretanto, no caso dos que são mais esclarecidos, estes percebem imediatamente que passaram para o mundo espiritual, e então nosso trabalho fica fácil.

Uma vez fomos enviados para uma grande cidade onde deveríamos encontrar outros socorristas num hospital, a fim de receber o espírito de uma mulher que estava chegando. Estes outros estiveram observando-a durante sua doença, e deviam ajudá-la a sair e ter conosco. Encontramos muitos amigos em torno de sua cama na enfermaria, e eles estavam com rostos que expressavam desgosto, como se algum desastre estivesse por acontecer à sua amiga doente. Parecia tão estranho, já que ela era uma boa mulher, e estava por ser conduzida para a luz, saída de uma vida de labuta e tristezas, e, ultimamente, de muito sofrimento na carne.

Ela se sentiu sonolenta, e o cordão vital foi cortado por nossos atentos amigos, e então, suavemente, eles a acordaram e ela abriu os olhos e sorriu muito docemente para a face bondosa que estava inclinada sobre ela. Ficou ali, muito feliz e contente, até que começou a pensar no porquê destes rostos estranhos a ela estarem em torno dela, no lugar das enfermeiras e amigos que ela ultimamente estava vendo. Perguntou onde estava e, quando lhe foi dito, um olhar assustado e temeroso cobriu sua face, e ela pediu se poderia ver os amigos que deixara.

Isto lhe foi permitido, e ela os viu através do Véu e balançou tristemente a cabeça, “Se eles pudessem saber”, disse ela, “quão livre da dor estou agora, e confortável. Não poderiam dizer a eles?” Tentamos fazer isso, mas apenas um deles nos ouviu, penso eu, e apenas imperfeitamente, e logo afastou a idéia como se fora imaginação.

Nós a levamos daquele lugar, e, depois de ela ter adquirido forças, foi levada a uma escola infantil onde seu filhinho estava e, quando ela o viu, sua alegria foi grande demais para ser colocada em palavras. Ele havia passado para cá alguns anos antes, e foi posto nesta escola onde vivia desde então. Então, a criança passou a ser o instrutor de sua mãe, e esta cena era digna de ser vista. Ele a levou pela escola e pelos campos, e mostrou-lhe os diferentes lugares e seus colegas de escola, e, todo o tempo, sua face brilhava de alegria, assim como a da mãe.

Nós a deixamos por um pouco, e então, quando retornamos, encontramos aqueles dois sentados num bosque, e ela estava contando a ele sobre os que havia deixado para trás, e ele estava dizendo a ela sobre os que vieram para cá antes, e a quem ele encontrara, e de sua vida na escola, e fizemos muito para tirá-la de lá, prometendo-lhe que retornaria logo e sempre, para rever seu menino.

Este é um dos melhores casos, e há muitos outros iguais, mas outros são bem diferentes.

Enquanto esperávamos pela mãezinha que conversava com seu filho, passeamos pelo local e vimos as várias formas de se ensinar a crianças. Uma, em especial, chamou minha atenção. Era um enorme globo de vidro, de seis ou sete pés de diâmetro, mais ou menos. Ficava no cruzamento de dois caminhos, e os refletia. Mas, à medida que você olhava dentro dele, podia ver não somente as flores, árvores e plantas que ali cresciam, mas também as diferentes ordens das quais derivaram em tempos passados. Era muito mais uma aula de botânica adiantada, como as que devem ser dadas na terra e deduzidas das plantas fossilizadas da geologia. Mas aqui víamos as mesmas plantas vivas e crescendo, e todas as espécies vindas delas, do mesmo ramo original até o atual representante da mesma família.

Aprendemos que a tarefa colocada para as crianças era: considerar este avanço progressivo nesta planta ou árvore ou flor, crescendo de forma real naquele jardim e refletida naquele globo, e então tentar construir em suas mentes a evolução para adiante das mesmas espécies. Este é um excelente treino para suas faculdades mentais, mas os resultados são freqüentemente divertidos. É o mesmo estudo em que os mais adiantados se empenham em outros departamentos aqui, mas foi proposto por eles uma finalidade prática. Um deles pensou que seria um método útil ajudar as crianças a usarem suas próprias mentes, e assim construiu a bola para este uso especial. Quando acabam de raciocinar sobre as conclusões deles, eles devem fazer um modelo da planta da forma em que ela aparecerá depois de outro período evolutivo, e alguns destes modelos são temerários e espantosos, e tão impossíveis quanto estranhos.

Não devo me alongar com você, por isso continuaremos quando puder escrever novamente. Deus o abençoe e aos seus. Boa noite.

Segunda, 6 de outubro de 1913.

Bem, querido, você teve uma feliz festa pela “Ação de Graças pela Colheita”, e estivemos com você, apesar de que não nos viu, e esteve ocupado demais para pensar em nós. Amamos vir e estar com seus companheiros de culto ainda encarnados, e também darmos o que podemos de ajuda em seus cultos. Pode surpreendê-lo saber que aqui nestes reinos de Luz, nós também, de vez em quando, fazemos tais reuniões, e nos agrupamos em agradecimento a nosso Pai pela colheita abundante. Fazemos isso para a complementação da ação de graças de nossos companheiros na terra, e também para nossa elevação. Não temos aqui tais colheitas como as de vocês, mas temos reuniões para rendermos graças por outras bênçãos que são, para nós, o que as colheitas são, para vocês.

Por exemplo, nós agradecemos a Ele pela beleza em torno de nós e todas as glórias de luz e amor que nos sustentam em vigor para nosso trabalho e progresso, e temos ações para rendermos graças por tais bênçãos como estas. Em tais ocasiões usualmente

nos são dadas algumas Manifestações vindas das mais Altas esferas, uma delas vou contar-lhe agora.

Celebrávamos nossa Eucaristia num vale, onde duas colinas elevadas ficavam um pouco à parte, uma de cada lado, numa das extremidades do vale. Oferecêramos nossas preces e adoração, e estávamos com as cabeças abaixadas, aguardando, naquele silêncio da paz que sempre nos preenche por estas ocasiões, pela palavra de Bênção daquele que havia sido o ministrante principal. Ele ficou um pouco mais no alto na colina, mas não falava, e ficamos pensando no porquê.

Depois de instantes, todos nós elevamos nossas cabeças lentamente, como se alguém consentisse e nos impelisse através de uma voz interior, e vimos que a colina na qual ele estava foi coberta com uma luz dourada que parecia repousar sobre ela como um véu. Isto logo se encolheu e se concentrou em torno da forma do Pastor, que estava ali, parecendo alheio a tudo em torno dele. Então, pareceu voltar a si novamente e, saindo da nuvem, andou em direção a nós, dizendo-nos que deveríamos esperar um pouquinho até que pudéssemos ver um plano mais alto, de onde certos anjos de lá desceram e estavam presentes. Assim, esperamos, felizes, já que aprendemos que quando tais ordenanças nos são dadas, tudo será justificado.

A nuvem então se elevou e espalhou-se sobre o vale, cada vez mais distante, até que cobriu todo o céu sobre nós, e então gradualmente desceu e nos envolveu, e estávamos num mar de luz muito mais brilhante que a luz de nossa própria esfera. Não ofuscava nossos olhos, já que era suave e doce. Aos poucos pudemos ver mais, por causa dela, e então tivemos a visão preparada para nós.

As duas colinas no final do vale brilharam como fogo, e cada uma era a lateral ou os braços de um Trono, e sobre este trono, todas as cores do arco íris estavam ali, iridescentes, parecendo bastante com a cena que você leu no Livro de Isaías e no Livro das Revelações. Mas nós não vimos Aquele Que estava no Trono, pelo menos não na forma de um corpo. O que nós vimos foi a manifestação d’Ele em Sua Paternidade. No terraço, que agora era o assento do Trono, vimos uma enorme falange de

anjos, todos reverentes em adoração a um berço. No berço vimos uma criança que lhes sorria, e finalmente ergueu os braços em direção ao espaço aberto sobre ele, onde uma luz parecia descer de cima.

Então, um globo desceu de lá para as suas mãos, e ele se ergueu e o segurou com a mão esquerda. Parecia vivo com o brilho da vida, e cintilava, e brilhava, e ficou mais e mais iluminado, até que mal podíamos perceber nada mais a não ser a bola e a criança que a segurava, cujo corpo parecia irradiar de si sua luz vívida. Então ele a tomou em suas duas mãos e a abriu em duas metades, e levantou-as, mostrando para nós os círculos abertos. Um estava pleno de irradiação rosa, e o outro de azul. Na primeira vimos os reinos espirituais dispostos em círculos concêntricos, cada círculo repleto dos seres lindos e gloriosos daqueles reinos. Mas os círculos externos não eram tão brilhantes quanto os mais internos, apesar de ali podermos ver mais claramente seus habitantes, porque estavam mais próximos de nosso próprio plano que os outros. À medida que nos aproximávamos dos mais internos, a luz tornava-se intensa demais para se ver claramente o que continham. Mas o mais externo reconhecemos como sendo o nosso.

A outra bola de luz rósea era diferente. Não havia círculos aparentes nele. Mas, mesmo assim, em perfeita ordem, vimos todas as diferentes espécies de vida animal e vegetal, na forma em que se apresentam nos planetas, inclusive na Terra. Mas nós não os vimos na forma em que se apresentam entre vocês, mas na forma perfeita, desde o homem até a mais baixa forma da vida animal, e desde a maior árvore e a mais suculenta fruta, até a menor semente que germina. Quando acabamos de ver estas cenas, a criança gentilmente ajuntou as duas metades, os Céus Gloriosos e a perfeita Criação Material, e quando ele as agrupou já não era possível ver as marcas da junção, nem dizer qual era uma metade e qual a outra.

Mas enquanto observávamos as metades da bola unidas, vimos que ela aumentou e, finalmente, flutuou, saindo das mãos da criança, e elevou-se espaço acima, e ficou lá, pairando, uma linda bola de luz. Então ali, gradualmente apareceu, em pé na

esfera, a figura do Cristo Que, em Sua mão esquerda segurava uma cruz, cuja base repousava no globo e o topo ficava um pouquinho acima de Seus ombros. Em Sua direita, Ele segurava a criança, em cuja testa notamos um círculo dourado usado como um diadema em sua cabeça, e em cima de seu peito uma jóia como um grande rubi. Então o globo começou a subir lentamente aos céus, e quanto mais alto subia, mais pequenino se tornava à nossa visão, até que sumiu na distância no espaço acima, entre as duas colinas.

Então voltamos à nossa forma antiga, e nos sentamos para pensarmos no que acabáramos de ver, e o significado de tudo. Mas apesar de que alguém parecesse ter um leve relance quanto ao entendimento de tudo, ninguém o esclareceu. Então nos lembramos de nosso ministrante, que primeiramente havia recebido o batismo vindo da nuvem, e, como nos pareceu, em grau mais intenso que para o resto de nós. Nós o encontramos sentado ali naquela rocha, com um cálido sorriso em sua face, como se soubesse viríamos até ele no final, e estava esperando que nos lembrássemos dele. Ele nos convidou a nos sentarmos novamente e, ainda sentado na rocha onde podíamos vê-lo bem, falou-nos sobre a Visão.

Foi-lhe explicado em seus significados mais óbvios, e estes ele era capaz de nos transmitir, levando-nos a pensar em tudo e trabalhar nossas mentes pelo ensinamento mais profundo e elevado, cada qual com seu grau de elevação atingido. Isso é o que usualmente se faz, percebi, quando ensinamentos nos são dados por este caminho.

O hemisfério rosa representava a Criação que era inferior à nossa esfera, e o azul o nosso plano e os superiores a nós. Mas não havia duas Criações, apenas uma; não havia descontinuidade entre esses dois hemisférios ou qualquer um de seus departamentos. A criança era a representação do começo, progresso e final, o qual não tinha fim – nosso caminho para adiante. O rubi representa o sacrifício, e o diadema a realização, e a ascensão do globo e do Cristo e a criança guiaram nossas aspirações aos reinos que atualmente estão além de nosso alcance.

Mas, é claro, havia em tudo muito mais que este mero esboço, e temos que, como já disse, interpretar por nós mesmos. Isto, de acordo com nossos costumes, conseguiremos, e, em futuras reuniões, tiraremos nossas conclusões de vez em quando, e elas serão discutidas.

Obrigado. Posso fazer-lhe uma pergunta que gostariam que lhes colocasse?

Não há necessidade de colocá-la em palavras. Podemos lê-la em sua mente, e sabíamos dela antes que escrevesse.[2] A pombinha que a senhorita E. viu acima do altar de sua igreja foi uma Manifestação, em forma presente, tal qual esta que acabei de relatar. Era para a sua congregação invisível, e simboliza, de uma forma que eles rapidamente entenderiam, a simplicidade das presenças sobre o altar, que realmente estavam ali com amor, e prontos para ajudarem os que desejam receber seu auxílio, e, como uma lembrança de sua gentileza, uma pomba foi vista pairando perto deles e sem medo; um estado mental que os que não são muito evoluídos não podem manter na presença dos de plano mais elevado, cujo brilho da santidade algumas vezes, nas mentes dos que não conseguem julgar proporcionalmente, por causa de suas ligações ainda imperfeitas, eclipsa suas outras virtudes e fazem os pobres duvidosos ficarem temerosos.

Quarta, 8 de outubro de 1913.

Por causa de certos assuntos que são importantes aos que entenderão o que dizemos em seu sentido mais íntimo, nesta noite decidimos nos empenhar em transmitir-lhe certas instruções que serão muito úteis e direcionais quando lidarem com o que está abaixo da superfície das coisas, e que geralmente não são levadas em conta pelas mentes comuns.

Uma delas é o aspecto que os pensamentos tomam quando projetados desde a sua esfera, até aqui a nossa. Os pensamentos que são bons aparecem com uma luminosidade que não há nos de menor santidade. Esta luz é emitida pela forma de pensamento daquele que pensa e, através das múltiplas irradiações de cores subdivididas, podemos chegar ao conhecimento de seu estado espiritual, não somente se seu plano

é o de luz ou trevas, e qual seria o grau de luz, mas também os pontos nos quais ele se supera ou tem menor alcance, em qualquer que seja a direção. É através disso que podemos colocar-lhe os guardiães que melhor podem ajudá-lo a fomentar o que já é bom nele, e eliminar o que não é bom ou desejável. Através de uma espécie de um sistema prismático, nós o classificamos subdividindo suas características, e desta forma chegamos a nossas conclusões que são baseadas nos resultados.

Na vida daqui, um método como esse não é necessário, já que ele é concernente ao corpo espiritual, e aqui, claro, este corpo é patente a todos, e, sendo um perfeito relato do espírito, demonstra suas características. Apenas posso dizer que as cores das quais falei aqui se apresentam, em forma graduada, em nossa roupagem, e as que dominam sobre outras servem para nos classificar dentro das mais variadas esferas e graus. Mas os pensamentos, que são o efeito da ação do espírito, são vistos pelo efeito que, por sua vez, produzem no ambiente daquele que pensa, e não são apenas vistos, mas também sentidos, ou sensibilizados, por nós de uma forma mais acurada e intensa do que entre vocês.

Seguindo esta linha de raciocínio, naturalmente você verá que, quando pensamos qualquer coisa muito intensamente, nossos desejos podem produzir uma manifestação exterior que realmente é objetiva aos que a contemplam. Desta maneira são produzidos muitos efeitos maravilhosos.

Pode me dar um exemplo para ilustrar?

Sim; vai ajudá-lo a perceber o que queremos dizer.

Um grupo de amigos meus e eu, que havíamos sido instruídos neste conhecimento, encontramo-nos para vermos o quanto havíamos progredido, e resolvemos fazer uma experiência para isso. Selecionamos um bosque no meio de uma linda floresta, e, como teste, todos decidimos desejar uma coisa em particular, para vermos se seríamos competentes. O que escolhemos foi a produção de um fenômeno em campo aberto, que deveria ser sólido e permanente para que pudéssemos examinar o resultado depois. Deveria ser uma estátua de um animal como um elefante,

mas um pouco diferente; um animal que temos por aqui, mas que não habita mais na terra.

Todos nós nos sentamos em torno do espaço aberto e concentramos nossas vontades no objeto a ser produzido. Este apareceu bem rapidamente e ficou ali diante de nós. Ficamos muito surpresos pela rapidez do resultado. Mas, do nosso ponto de vista, havia dois defeitos. Era grande demais, já que falhamos em não regular a combinação de nossas vontades numa proporção correta. Também ele parecia muito mais um animal vivo que uma estátua, já que muitos de nós puseram em suas mentes um animal vivo com sua coloração, e então a mistura final resultou em algo entre pedra e carne. Também muitos pontos ficaram desproporcionais – a cabeça grande demais e o corpo pequeno demais, e assim por diante, mostrando que poder demais havia sido concentrado em algumas partes, e de menos em outras. E assim percebemos nossas imperfeições e aprendemos a remediá-las, em todos os nossos estudos. Experimentamos, e então examinamos o resultado, e tentamos de novo. Fizemos isso nesta hora.

Tirando nossos pensamentos da estátua produzida desta forma e conversando juntos, ela gradualmente desapareceu. E então estávamos prontos e ajustados para nossa nova tentativa. Decidimos não selecionar o mesmo modelo de antes, ou nossas mentes provavelmente iriam em direção a aproximadamente o mesmo local. Escolhemos, desta vez, uma árvore com frutas – algo parecido com uma laranjeira, mas não ela em si.

Tivemos mais sucesso desta vez. Os principais pontos de falha foram que algumas frutas estavam maduras e outras ainda não. E as folhas não estavam da cor correta, nem os galhos corretamente proporcionais. E portanto tentamos uma coisa após outra, e nos púnhamos cada vez mais capazes a cada tentativa. Você pode imaginar a festa em um estudo desse, e as risadas e o bom humor que vinha dos nossos erros. Estes, que estão próximos a você e que pensam que nesta vida de cá jamais fazemos piadas, e que nem mesmo rimos, um dia terão que revisar suas idéias, ou estranharão nossas companhias – ou talvez, nós os estranharemos. Mas logo eles aprenderão sobre o

amor destas paragens, onde podemos ser perfeitamente naturais e irrestritos, e sem dúvida somos compelidos a isso, se quisermos ser aceitos em grupos respeitáveis, como diriam vocês. Temo que seja o contrário do que acontece na terra, não é? Bem, vivendo e aprendendo, e os que vivem nesta vida – e não meramente existindo, ou pior – aprendem bem rapidamente. Quanto mais aprendemos, mais nos maravilhamos com as forças a nosso comando.

Astriel,[3] *que veio ontem – está aqui agora?*

Não esta noite. Mas estará, sem dúvida, aqui de novo, se assim o desejar.

Obrigado. Mas espero que vocês venham e escrevam também.

Ah, sim, faremos isso, já que é prática tanto para nós quanto para você já que, ao impressionarmos você, estamos aprendendo a usar nossas vontades e poderes numa maneira similar àquela que acabei de descrever. Você não vê as imagens do que estamos contando em sua mente?

Sim, algumas vezes bem vívida, mas não tinha pensado nisso.

Ah, bem, meu menino, você vê agora, não é, que temos um objetivo ao escrevermos o que decidimos? Todo o tempo você esteve pensando que era bem inconsistente (e talvez o fosse – não diremos o contrário), e estava imaginando para que lado tenderia, e, mentalmente, ficou um pouquinho aborrecido. Diga-me, não ficou, querido? Bem, estivemos sorrindo todo o tempo, e agora você entenderá que esteve interpretando nossos pensamentos, mais ou menos, enquanto os enviávamos a você, e o objetivo era explicar-lhe como estas cenas apareciam diante de você tão vívidas e reais, como as descreveu.

Até logo, querido filho, e Deus o abençoe e aos seus, agora e sempre.

Capítulo III
Da treva para a luz

Sexta, 10 de outubro de 1913.

Se estivéssemos compelindo-o a escrever sobre temas que são do nosso dia a dia, você talvez os compararia com a sua própria vida diária, e perceberia então que todos, nós e vocês, estamos na escola, e que a escola é enorme, com muitas matérias, muitos instrutores, mas com um único esquema vigorando através do curso de instrução, e que há unidade de progresso do simples ao complexo, e que a complexidade não quer dizer dificuldade, pois, enquanto aprendemos mais sobre a Inteligência do Divino Autor de tudo, vemos quão maravilhosamente composto é o reino no qual Ele emana Sua Vontade de Amor para que possamos, pela nossa alegria pelo conhecimento, prestar homenagens à Glória d'Aquele Que sustenta todas as coisas na palma de Sua Mão.

E assim, querido filho, mais uma vez retomaremos nosso tema, e contaremos de nossos afazeres daqui destes reinos de luz, e de como o amor do Pai abrange a nós todos como uma nuvem radiante, na qual todas as coisas aparecem mais plenas conforme progredimos em humildade e amor.

Uma das coisas que importam por aqui é que deve ser mantida uma devida proporção entre sabedoria e amor. Uma não é contrária à outra, mas são duas grandes fases de um grande princípio. O amor está para a sabedoria como a árvore está para as folhas, e se o amor atua e a sabedoria respira, então o fruto é saudável e são. Para ilustrar isso a você, nós daremos um exemplo concreto de como nos ensinam a considerar adequadamente tanto o amor quanto a sabedoria em nossos tratos ente nós e os outros a quem nos permitem auxiliar.

Deram-nos uma tarefa a cumprir, pouco tempo atrás, na qual um grupo nosso, de cinco pessoas, deveria ir a uma colônia em uma parte bem distante daqui, e ali perguntar a eles qual seria o melhor meio pelo qual a ajuda poderia ser dada aos da terra que

estivessem com dúvidas, ou assombrados quanto ao Amor de Deus. Ficamos muitas vezes embaraçados por nossa falta de experiência em tratar de tais casos que, como sabe, são muitos.

O Diretor do Colégio era um homem que na vida terrena havia sido um político de muita competência, mas sua fama não era tão grande, e foi somente quando ele veio para cá que ele achou lugar para seus poderes, e entendeu que a terra não era o único campo no qual o treinamento terrestre poderia ser posto em prática e efetivar-se no reino de Deus.

Apresentamos a ele o objetivo de nossa missão, e ele foi muito cortês e bondoso, apesar de seu cargo elevado. Suponho que vocês o chamariam de grande anjo, e de fato, se ele pudesse vir à terra assumindo visibilidade, seu brilho inspiraria devoção. Ele é muito bonito, tanto em aparência quanto sua face, radiante, brilhante e luminoso seria a melhor forma de descrevê-lo. Ele nos ouviu e nos encorajou, sempre, com sua palavra sutil, a encararmos nossas dificuldades, e nos esquecemos de que estávamos com alguém de tão alto plano e conversamos sem medo ou restrições. Então ele disse: "Bem, meus queridos alunos – já que são bons o bastante para o serem por um tempo –, o que me disseram é muito interessante, e também muito comum no trabalho em que estão se empenhando. Agora, se eu lhes resolvesse todos os problemas, voltariam ao seu trabalho com corações leves, mas achariam que a solução, quando tivessem que decidir por ela, estaria com muitas imperfeições na apresentação, porque justamente estes pontos que são mais necessários para serem lembrados são os pequeninos fatos que podem ser melhor aprendidos pela experiência; e a experiência é a única coisa que pode mostrar-lhes o quão grandiosas estas pequeninas coisas são. Venham, portanto, comigo, e vou ensiná-los o que é necessário para que aprendam da melhor maneira."

Assim fomos com ele, e ele nos levou para os campos que circundavam a casa, e ali vimos que havia jardineiros que cuidavam das frutas e das árvores frutíferas, fazendo o trabalho normal de um jardim. Ele nos levou longe pelos caminhos, parando aqui e ali, através da plantação de árvores e arbustos, onde pássaros cantavam e pequeninos animais peludos

brincavam por toda parte. Finalmente chegamos a um córrego, e ao lado havia um caramanchão de pedra que me fez lembrar uma miniatura de um templo do Egito, e ali entramos com ele. Sentamo-nos num local embaixo de um emaranhado de plantas floridas de diferentes cores, e ele sentou-se em outro banco, perpendicular ao nosso.

Desenhado no chão, em traços entalhados, havia uma planta, e ele apontou para ela dizendo, “Bem, esta é a planta de minha casa e destes campos por onde os conduzi até aqui. Aqui está marcado este pequeno lugar onde estamos sentados. Andamos, como podem ver, uma longa distância desde o portão onde os encontrei, e vocês todos estiveram falando tanto sobre as coisas lindas que viram enquanto caminhavam, que nenhum de vocês prestou atenção no caminho pelo qual vieram. Será de boa prática, por isso, e não faltará prazer apesar de tudo, que encontrem seu caminho de volta a mim, e, quando chegarem, talvez poderei dar-lhes alguma ajuda para instruí-los nas dificuldades que tiverem me apresentado.”

Dito isso, ele nos deixou, e ficamos nos olhando, uns aos outros, e então caímos na gargalhada, rindo de nós mesmos, por termos sido tão ingênuos em não nos questionarmos qual seria o propósito dele em nos trazer a este lugar, por caminhos tão tortuosos. Então examinamos a planta muitas vezes, e era toda de traços e triângulos e quadrados e círculos, e pouco podíamos fazer a princípio.

Gradualmente, entretanto, começamos a entender. Era o mapa de um estado, e a clareira estava no centro, ou perto dele, mas não mostrava a entrada, e como havia quatro caminhos levando a ela, não sabíamos qual deles tomar para voltarmos. Nós, de qualquer forma, raciocinamos que não importava muito (já que todos pareciam levar ao círculo exterior) porque havia muitos caminhos entre nós e lá, e eles se cruzavam, e cruzavam de novo, cada um deles. Não devo contar-lhe sobre todas as nossas tentativas de resolver este problema, já que levaria muito tempo.

Finalmente tive uma idéia, que considerei bem, e então, achando que poderia talvez ajudar, contei aos outros. Eles disseram que era o que eles estavam esperando, e que gostariam

de testar esta chave para o enigma. Não era nada demais, apenas seguir em frente e tomar cada caminho que levasse o mais direto desde onde partimos. Não está claro – o que quero dizer é isto: ir pelos caminhos que nos levassem na linha mais reta, desde o caramanchão, em qualquer direção. Então, quando alcançássemos o limite, que havíamos visto pela planta que era um círculo perfeito, poderíamos segui-lo e, inevitavelmente, chegaríamos ao portão, mais cedo ou mais tarde.

Partimos, e foi uma longa e prazerosa jornada, e também não foi sem aventuras, já que o local era amplo, com colinas, vales, florestas e rios, e tudo tão lindo que tínhamos que manter muito firme o nosso objetivo diante de nossa mente, ou nos esqueceríamos de escolher o caminho correto quando chegávamos a uma encruzilhada.

Alcançamos o limite mais externo, entretanto, apesar de que, penso eu, não pegamos a rota melhor e a mais direta. Esta fronteira, digo de passagem, era feita de um amplo campo gramado, e vimos, pelo formato de seu limite, que era circular, apesar de que não conseguíamos ver muito dele. Então voltamo-nos para a esquerda e então, quando seguimos, a volta da região circular pareceu sem fim. Mesmo assim continuamos, e eventualmente chegamos ao portão onde encontramos nosso instrutor pela primeira vez.

Ele nos cumprimentou encorajando, e fomos até um terraço diante da casa, e então contamos a ele nossas aventuras – muitas mais do que as que narrei a você – e ele nos escutou como da primeira vez, e então disse, "Bem, vocês não se saíram tão mal, já que atingiram seu objetivo, retornaram a este portão. E agora devo contar-lhes sobre a lição que aprenderam.

"Antes de tudo, o primeiro ponto é ter certeza da direção em que querem seguir; e então o ponto seguinte é pegar, não o caminho que pareça mais curto, mas o que pareça dar certeza de que levará vocês direto ao objetivo. O caminho nem sempre será o mais rápido, e poderá levá-los à região fronteiriça onde o infinito obscurece a visão do reino que conhecem. Ainda, quanto mais além das fronteiras estiverem, mais capazes de ver a extensão e os limites da região em que pisam, e como é apenas

uma questão de perseverança e paciência, a meta a que almejam é quase certo que seja atingida.

"Também, logo além dos limites entre o local e o infinito poderão ver que, apesar de conterem em si caminhos tortuosos e variados, e vales e bosques de onde não podem ver muito longe, mesmo assim, visto como um todo, é perfeitamente geométrico – de fato, um verdadeiro círculo, o qual, apesar de parecer um labirinto e ser confuso, mesmo assim, sendo círculo, contém em si uma entidade geométrica perfeita, simples por si mesma, considerada como uma unidade de um ponto de vista mais amplo; espantoso quando se ultrapassa sua linha limítrofe em direção aos seus caminhos internos.

"Também perceberam que, enquanto seguiam pela curva no lado mais externo, foram capazes de ver somente uma pequena porção dela de uma só vez. Ainda, sabendo que por seu formato ela os levaria ao local que buscavam, ficaram contentes ao seguirem por ela, numa fé baseada em conclusões raciocinadas, e, suficientemente verdadeiras. Aqui estão vocês, provando por sua presença que seu raciocínio foi, pelo menos no principal, seguro.

"Agora, eu poderia seguir neste tema consideravelmente mais longe, mas tenho que levá-los agora até alguns de meus amigos que estão aqui comigo e que me ajudam no trabalho, e eles vão lhes mostrar mais de nosso lar e seus arredores, e, se quiserem, ficarão felizes em acompanhá-los pelos campos afora, já que por lá há muito de seu interesse para ser mostrado. Também poderão falar com eles sobre as lições que fiquei feliz em poder lhes passar, e entre vocês, verão, sem dúvida, que haverá algo mais a contarem e a perguntarem para mim quando nos encontrarmos logo mais."

Desta forma ele se despediu de nós, e um grupo de pessoas alegres veio da casa e nos levou dali. Mas, como o tempo está esgotado para que você vá para seus outros compromissos, devemos parar por agora, com nosso amor e a certeza de nosso prazer em vir neste intercâmbio com você assim, mesmo que por estes pequenos momentos. Deus o abençoe, querido filho, e a todos os nossos queridos. Mamãe e seus amigos.

Sábado, 11 de outubro de 1913.

Na noite passada, em nossa visita, pudemos apenas lhe passar um resumo de nossa visita à casa de nosso instrutor, por causa do tempo escasso. Continuaremos agora, e relataremos algumas de nossas experiências naquela região. É uma região onde há muitas daquelas instituições, e a maioria devotada à melhor maneira de ajudar os da terra que estejam com dúvidas e perplexos pelos problemas que surgem nestes reinos além. Você poderá, pela meditação, ampliar nossas instruções se vir o local e nossa experiência ali, à luz de uma parábola. Assim, passamos para outros cenários, e os descreveremos tão bem quanto pudermos.

Nossos guias levaram-nos a um lugar fora dos limites da região da qual já lhe falamos, e descobrimos que o campo gramado é muito extenso. É uma das planícies do Céu onde as Manifestações dos Céus mais elevados acontecem de vez em quando. O clamor é dado e enormes multidões agrupam-se, e então algumas das glórias das mais altas esferas manifestam-se, tanto quanto seja possível nestes reinos daqui.

Percorremos este local até que, finalmente, começamos a subir, e encontramo-nos num planalto onde havia vários edifícios espalhados, uns mais amplos que outros. No centro havia uma construção enorme, e nesta entramos e nos encontramos num amplo e espaçoso hall, o único compartimento do lugar. Era de forma circular, e em torno das paredes havia gravuras entalhadas de um tipo muito interessante. Nós as examinamos e vimos que representavam os corpos celestes, um deles a terra. Mas não eram fixos, giravam em torno de eixos, metade para dentro e metade para fora da parede. Também havia modelos de animais, árvores e seres humanos, mas todos se movendo, a maioria presos em pedestais, em nichos ou alcovas. Perguntamos o significado de tudo e nos foi explicado que era uma instituição puramente científica.

Fomos levados a um balcão em um dos lados do espaço circular. Ele se projetava da parede, e assim podíamos ver a totalidade do local de uma só vez. Então nos avisaram que uma pequena demonstração seria feita para nosso benefício, a fim de

que pudéssemos ter uma idéia do uso para o qual foram dispostas estas peças.

Sentamo-nos ali esperando, e finalmente uma neblina azul começou a preencher o espaço central. Então um raio de luz percorreu o entorno do hall e parou no globo que representava a terra. Conforme ele pairou sobre ela, a esfera pareceu absorver o raio e tornou-se luminosa e, depois de um tempo, ao ser aquele raio absorvido, vimos que um brilho vinha de dentro do interior do globo terrestre. Aí um outro raio foi projetado sobre ele, de um tipo diferente e mais intenso, e o globo lentamente deixou o pedestal, ou eixo, ou seja lá o que fosse onde ele estava encaixado, e começou a flutuar para fora da parede.

Conforme ele se aproximou do centro do espaço, adentrou na neblina azulada e, imediatamente a este contato, começou a crescer até que se tornou uma enorme esfera brilhante com sua luz própria e flutuando no espaço azul. Era maravilhosa demais. Lentamente, bem lentamente, girou em torno de seu eixo, evidentemente da mesma forma que a terra faz, e pudemos ver os continentes e oceanos. Eles eram de forma plana como nos globos terrestres usados na terra. Porém, à medida que girava, as formas começaram a assumir um aspecto diferente.

As montanhas e as colinas começaram a se elevar, e as águas brotaram e fluíram torrenciais, e nesta hora vimos miniaturas de cidades, e cada detalhe das construções. Ainda mais detalhado tornou-se este modelo da terra, até que pudemos ver as próprias pessoas, primeiramente em multidões e depois individualmente. Será muito difícil que você entenda que, num globo de aproximadamente, talvez, oitenta a cem pés de diâmetro, pudéssemos ver os homens e os animais individualmente. Mas isso é parte da ciência desta instituição – permitir que estes detalhes sejam vistos individualmente.

Ainda mais distintas tornaram-se estas maravilhosas cenas, e, enquanto o globo girava, vimos homens apressados nas cidades e outros trabalhando nos campos. Vimos os espaços amplos das campinas, desertos, florestas e os animais rugindo nelas. E conforme o globo girava, vimos os oceanos e os mares, alguns

muito plácidos e outros revoltos e ruidosos, aqui e ali um navio. E toda a vida da terra desfilou diante de nossos olhos.

Assistimos a isso durante muito tempo, e nosso amigo que pertencia a este departamento falou conosco, estando ele embaixo do balcão onde nos sentamos. Ele nos contou que o que víramos era a terra da forma que estava naquele momento. Se desejássemos, ele nos mostraria agora a regressão das eras desde o presente até o início do ser humano como um ser inteligente. Respondemos que realmente ficaríamos felizes se víssemos mais deste fenômeno maravilhoso e belo, e ele nos deixou para ir, suponho, até o aparelho pelo qual controlava estas cenas.

Devo parar por aqui para explicar um tema que vejo presente em sua mente. O local não era escuro, mas iluminado em todos os lugares. Mas o globo em si brilhava com uma intensidade extra tal que, apesar de não ser uma sensação desagradável, obscurecia tudo que fosse exterior à nuvem azul, nuvem esta que parecia ser a circunferência da radiação refulgente emitida pelo globo.

Logo, então, as cenas começaram a mudar na esfera girando, e fomos levados de volta a milhares de anos na vida da terra, com as gerações dos homens, dos animais e da vida vegetal que existiram, desde o presente até a época em que os homens acabavam de sair da floresta para assentarem-se em colônias nas planícies.

Devo explicar aqui que a história não seguiu como os historiadores fazem. Estes fenômenos não foram de nações ou séculos, mas de aeons e espécies. Os períodos geográficos desfilaram diante de nós, e foi muito interessante observar aquilo que os homens chamam de Idade do Ferro e a Idade da Pedra, a Glaciação, as enchentes, e assim por diante. E aqueles de nós que conheciam o suficiente para segui-las, perceberam que estas idades foram arbitrariamente chamadas desta forma. A Glaciação, por exemplo, deve descrever corretamente o estado das coisas em uma ou duas regiões da terra, mas não significa que houve gelo em todos os lugares, como verificamos enquanto girou a esfera. Também percebemos que muito freqüentemente um continente estava em uma era, e outro em outra era, na

mesma época. A exibição terminou, entretanto, quando a terra já estava bem evoluída, e, como já disse, o advento do homem já era um fato consumado.

Quando já satisfizéramos nossos olhos por uns tempos, vendo a beleza desta jóia multicolorida e mutante, e percebêramos que ela era de fato a velha terra que pensávamos conhecer bem, e vimos que conhecemos tão pouco, o globo gradualmente tornou-se menor e flutuou de volta para o nicho da parede, e então a luz desapareceu dentro dele e ficou como um alabastro encravado, exatamente como havíamos visto no começo, como um ornamento.

Ficamos tão interessados naquilo que havíamos visto, que questionamos nosso bondoso guia, e ele nos contou muitas coisas sobre este hall. A esfera terrestre que acara de ser usada poderia ser colocada para servir a outros propósitos mais do que aquele que havíamos visto. Mas este uso foi selecionado por ser pitoresco para nós que não éramos conhecedores de ciências. Entre os demais usos estava o de ilustrar a relação entre os corpos celestes um com o outro e sua evolução até o presente estágio. Nesse uso, claro, o globo que acabamos de ver funcionando desempenharia seu papel apropriado.

Os animais nas paredes eram também usados para um propósito semelhante. Cada um seria vivificado por estes raios poderosos e trazido até o centro do hall. Quando estivesse pronto, poderia andar por si mesmo, como um animal vivo, o que de fato estaria, por certo tempo, e de uma certa forma restrita. Quando ele subia numa plataforma no espaço central, era tratado pelos raios amplificadores – como posso chamá-los, já que não sei o seu nome científico – e por outros que o tornariam transparente, e todos os órgãos internos do animal tornavam-se plenamente visíveis aos estudantes reunidos. Os que eram daquele departamento disseram que era uma visão muito bonita observar todo o âmbito dos sistemas ativos de um animal, ou de um homem, assim dispostos.

Também era possível promover uma mudança no modelo vivo, para que ele começasse a evoluir para trás – ou deveria dizer "involuir"? – até seu estado mais simples e primário, e

assim por diante. A história estrutural dos animais como um todo era mostrado neste processo ao vivo. E freqüentemente quando o primeiro período de sua existência como uma criatura distinta era alcançado, o processo revertia-se, e passava através de eras diferentes de desenvolvimento, desta vez em sua ordem e direção corretas, até que chegasse novamente a ser o que é hoje em dia. Também era possível para qualquer estudante se encarregar disso e continuar o desenvolvimento de acordo com suas idéias, e isto não só com os animais, mas com os corpos celestes e também com as nações e povos, que são tratados em outra ala, entretanto, adaptada especialmente para tal estudo.

Foi um estudante de um destes estabelecimentos, na mesma região, que construiu o globo no jardim das crianças, do qual já lhe falei.[4] Mas é, claro, uma forma mais simplificada, ou pelo menos assim nos pareceu, depois que visitamos esta colônia de belezas e maravilhas.

Isto tudo deverá ser suficiente por agora, apesar de haver muito mais além do que vimos enquanto estivemos lá. Mas não recomeçarei, senão vou ocupá-lo por tempo demais.

Você tem uma pergunta. Sim, eu estava presente na segunda-feira em seu Círculo de Estudos.[5] Eu soube que ela me viu, mas não consegui fazê-la ouvir-me.

Boa noite, querido. Estaremos juntos amanhã.

Segunda, 13 de outubro de 1913.

Nós tivemos mais uma experiência naquela colônia que eu gostaria soubesse. Foi sobre uma coisa que era nova para mim, e muito interessante. Estavam sendo mostrados para nós os estabelecimentos diferentes que formavam um completo conjunto, quando chegamos a uma espécie de pavilhão a céu aberto. Era composto principalmente de um domo circular alto, apoiado em elevados pilares, e os espaço interior era aberto. No centro da plataforma, à qual subimos por um lance de escadas que estava em torno de todo o prédio, havia uma espécie de altar quadrado, de quatro pés de altura e três pés de aresta na base. Ali

estava uma placa, algo como um relógio de sol, enfeitado com linhas, símbolos e figuras geométricas diferentes.

Sobre o centro do domo havia uma abertura que levava, como nos disseram, a uma câmara onde os instrumentos usados ali eram controlados.

Pediram-nos que ficássemos em torno do mostrador (desta forma eu o chamarei) e o nosso guia nos deixou ali e, saindo, subiu em cima do domo, entrando no compartimento acima de nós. Não sabíamos o que ia acontecer, e por isso ficamos encarando o disco.

Nesta hora o lugar mudou de aspecto, o ar pareceu mudar de cor e intensidade. E quando olhamos para cima de nós, vimos que a abóbada desaparecera, e entre os pilares estendeu-se o que pareceu ser uma textura em forma de cortinados. Eles eram de matizes variados, todos entrelaçados, e, quando olhamos em torno, pareceu que se separaram por cores e então tomaram formas mais definitivas. Isto continuou até que nos vimos numa floresta, cercados de árvores balançando-se gentilmente pela brisa.

Então os pássaros começaram a cantar, e vimos sua plumagem brilhante, à medida que voavam de uma a outra árvore. Gradualmente vimos a distância aumentar entre as árvores e pudemos enxergar a floresta por dentro. O domo havia sumido também, e o céu estava aberto sobre nós, exceto onde as árvores cobriam-nos como um dossel.

Voltamos ao altar e ao disco. Estavam ainda em seus lugares, mas as figuras e os signos do altar estavam agora brilhando com uma luz que parecia vir de dentro dele.

Então ouvimos a voz de nosso guia dizendo-nos, lá de cima, que observássemos e tentássemos ler a placa. Quase nada pudemos fazer a princípio, mas finalmente um do nosso grupo que era mais inteligente que os demais disse que os signos eram verdadeiramente representações dos vários elementos que compunham os corpos animais e vegetais dos reinos espirituais. É difícil explicar o modo pelo qual a conexão entre os dois

apareceu a nós. Mas uma vez desvendado, tornou-se claro que assim era.

Agora nosso guia ajuntou-se a nós mais uma vez, e explicou o uso do edifício. Pareceu que antes que os estudantes pudessem progredir bastante na ciência da criação, como é estudada aqui nesta região, eles devem penetrar no conhecimento dos elementos fundamentais com os quais lidarão. Isto, claro, é bem natural. Este prédio é um dos primeiros aonde eles vêm estudar; na mesa, ou mostrador, há uma espécie de registro dos elementos nos quais o estudante lá em cima, na câmara onde os instrumentos de controle estão, pode ver a combinação dos elementos que ele fez, e também a proporção de cada elemento pertinente a esta combinação.

Nosso guia era bem adiantado nesta ciência, e idealizou a cena da floresta com muita perícia. Conforme os alunos vão progredindo, capacitam-se gradualmente a atingir o resultado que esperam sem o aparato científico que no início foi necessário. Instrumento após outro são deixados para trás até que finalmente sejam capazes de dependerem somente de suas vontades.

Perguntamos ao nosso guia qual seria o propósito prático aplicado quando esse conhecimento fosse atingido. Ele nos respondeu que o primeiro uso era treinar a mente e a vontade do aluno. Este treino era excelente e muito extenuante. Quando o aluno se tornasse perito, mudaria para outro colégio nesta região, onde outro ramo da ciência era ensinado, então teria que passar por muitos outros estágios de treinamento. O verdadeiro uso deste conhecimento não lhe apareceria até que passasse por muitas esferas de progresso. Na mais alta destas esferas, ser-lhe-á permitido que acompanhe algum grande Mestre, ou Arcanjo, ou Poderoso (não conheço o título correto e exato) em uma de suas missões de serviço na Criação Infinita do Pai Único, e ali testemunhará o sublime processo de trabalho. Pensamos que poderia ser a criação de algum novo cosmos ou sistema, material ou espiritual. Mas este reino é tão acima do que estamos agora que temos apenas uma idéia genérica das obrigações destes Seres Elevados, e é para algumas eras de progresso daqui até lá, se

nossas estradas estiverem na direção deste sistema particular dos Céus. E as chances indicam que, para nós cinco mulheres que visitamos o lugar que estou descrevendo, nosso caminho progressivo leva-nos a outros rumos.

Mas amamos saber sobre coisas diferentes sobre as esferas diferentes de serviço, mesmo que estejamos destinadas a nunca sermos escolhidas para eles. Não poderemos ser criadoras dos *cosmos*, suponho, e há outras coisas da mesma forma necessárias, grandiosas e gloriosas, sem dúvida, nestes longínquos alcances além de nós, mais próximos do Trono e da habitação d'Ele Que é tudo em tudo para tudo.

Conforme retornamos através do amplo campo gramado, encontramo-nos com um grupo destes mesmos estudantes que haviam estado em outro colégio, para estudarem outros ramos de ciências. Não eram todos homens, alguns eram mulheres. Perguntei a elas se seus estudos seguiam a mesma linha que de seus irmãos, e elas responderam afirmativamente, mas acrescentaram que enquanto os alunos visavam principalmente a parte puramente criativa, a elas era permitido somar e contornar o trabalho com seu apelo de maternidade, e estes dois aspectos mesclados evidenciava a beleza do trabalho terminado – isto é, terminado tanto quanto possível, condicionado pelas limitações de suas esferas atuais. Porque aqui não eram esferas de muita perfeição nas realizações como eram, com o progresso, estas esferas mais altas.

Nesta hora voltamos para a primeira colônia onde encontramos nosso instrutor da região circular.

Por que não me dá seu nome?

Seu nome era Arnol,[6] mas estes nomes soam estranhamente aos ouvidos terrestres, e as pessoas estão sempre tentando descobrir-lhe algum significado, eis o porquê de ficarmos sempre constrangidos ao dá-los. Os significados são na maioria incompreensíveis a vocês, por isso diremos apenas o nome no futuro, como você assim deseja, e deixaremos assim.

Bem, isso economiza muito vocabulário, não é?

Sim, e se vocês tivessem entendido as condições sob as quais nós lhes passamos estas narrativas, provavelmente diriam que quanto mais longe, mais certa seria a rota. Lembrem-se de nossa experiência e dos ensinamentos da região de Arnol.

O que torna tão difícil a vocês darem seus nomes? Ouvi dizer desta dificuldade mais de uma vez.

Há também uma dificuldade na explanação desta dificuldade – do seu ponto de vista um tema tão aparentemente simples. Coloquemos desta forma. Você sabe que entre os antigos egípcios o nome de um deus ou deusa era muito mais que um nome, como entendido pelos duramente materialistas anglo-saxônicos, de cuja raça veio o questionamento: "O que há em um nome?" Bem, do nosso ponto de vista, e também dos antigos sábios do Egito, baseados nos dados obtidos deste lado do Véu, há muito em um nome. Mesmo na mera repetição de alguns nomes há poder real, e algumas vezes perigo. Isto sabemos agora, o que não sabíamos na terra. E aqui mantemos uma reverência diante da entidade "o Nome" que, para você, pareceria provavelmente boba. Todavia, é em parte por esta razão que os nomes não chegam a vocês tão fartamente como muitos investigadores bem fracos gostariam.

Também o mero enunciar e transmitir de alguns destes nomes é, quando estamos nesta região da terra, um fato de uma dificuldade maior do que vocês talvez julguem. É um tema, entretanto, que é difícil de explicar a você, e somente alguém será capaz de entender quando estiver familiarizado com a Quarta Dimensão que é alcançada aqui – este termo, também, usamos por falta de melhor. Faremos, a título de exemplo, a referência de dois ou três nomes e deixaremos o assunto.

Um foi a entrega a Moisés do Nome do Grande Oficial do Supremo Que o visitou. Moisés pediu seu Nome, e o obteve – e nem ele, nem ninguém mais até os dias de hoje foi capaz de dizer seu significado.

Aí o Anjo menor que veio a Jacó. Jacó pediu seu nome, e foi-lhe recusado. Os Anjos que vieram a Abraão e aos outros no Velho Testamento raramente deram seus nomes. Da mesma

forma no Novo Testamento, a maioria dos Anjos que vieram ministrar aos moradores da terra são chamados assim simplesmente; e onde o nome é dado, como no caso de Gabriel, é pouco entendido quanto ao seu significado mais íntimo.

Qual é o seu nome, mamãe? Quero dizer seu novo nome? É permitido dá-lo?

Permitido, sim, mas não prudente, querido. Você sabe que o daria se pudesse. Mas isso, por ora, devo omitir até de você, sabendo que entenderá meu amor, mesmo que meu motivo não seja muito claro.

Sim, querida, você sabe o que é melhor.

Algum dia, você também saberá, e verá que glórias esperam aqueles cujos nomes estão escritos no Livro da Vida do Cordeiro, frase que vale a pena se pensar nela, já que é uma verdade gloriosa e viva, e os que usam este Nome tão levianamente, certamente apreenderam pouco, ou quase nada.

Deus o abençoe, querido, e Rose e as crianças, Ruby mais uma vez me pede, na sua forma tão delicada, que diga que ela virá vê-lo logo mais, e espera que possa seguir seus comandos – esta é a palavra que ela usou, abençoada, ela que é tão graciosamente humilde, e amada por tantos quantos a conheçam. Deus o abençoe, querido. Boa noite.

Quarta, 15 de outubro de 1913.

Como começaríamos a explicar a alguém, que tenha uma pálida idéia de um mundo espiritual acima dele, a verdade da vivência além do túmulo, a realidade desta vida, e todo o seu amor e beleza? A princípio, você provavelmente iria torná-lo ambientado ao fato de sua atual e verdadeira existência como um ser imortal. Então, quando ele tivesse realmente captado a significação disto, de como afeta seu futuro, ele talvez estivesse aberto a umas poucas palavras descritivas sobre a vida em que ele se encontrará inserido e posto em contato, quando puser de lado o Véu e emergir na grande luz do Além.

Assim pensamos que se os homens pudessem apenas entender que a vida que agora vivem é vida sem dúvida, e não uma

efêmera existência, eles ficariam mais inclinados em levar mais em conta as palavras dos que provaram por eles mesmos a realidade desta vida eterna e individual, e também a bênção que espera pelos que na terra são capazes de lutar e superar.

Bem, não é pouco querer que os homens vivessem suas vidas na terra de tal forma que, quando atravessassem o limiar para o plano maior e mais livre, se soerguessem e continuassem seu serviço no Reino, sem delongas maiores ou menores em seu progresso. Vimos já a história de muitos, como é vista como extensão da de seu lado, e sentimos que não podemos enfatizar muito a importância da preparação e do autotreinamento quando a oportunidade aparece. Muitos deixam de lado as considerações sérias sobre isso, com a idéia de que quando chegarem aqui recomeçarão, e quando aqui chegam vêem que não haviam percebido no que implicava em recomeçar tudo.

Quem está escrevendo?

Ainda é sua mãe e seus amigos. Astriel não está aqui esta noite, mas estará conosco em outra ocasião. Faremos com que saiba quando for ele e seu grupo se comunicando.

Bem, continuemos. Já lhe falamos sobre a Ponte e o Abismo...

Sim. Mas o que mais sobre sua experiência nos domínios de Arnol, e sobre seu retorno à sua própria esfera? Não tem mais nada para me contar daquele episódio?

Nada mais a não ser que aprendemos muito, fizemos muitos amigos, vimos muitas coisas mais e agora transmitimos, e visitaremos o lugar novamente em breve. Agora, continuemos naquilo que gostaríamos de abordar, e que será talvez mais útil que se continuássemos em nossa descrição da Colônia daquela região.

O Precipício e a Ponte – traga de volta à sua mente o que já lhe falamos deles. Queremos relatar-lhe um episódio que testemunhamos naquele lugar onde a Ponte – como continuarei chamando aquele lugar – emerge para os planos mais elevados de vida e de luz.

Ali fomos enviadas para recebermos uma mulher que tinha sua chegada esperada, tendo já travado sua luta naquelas regiões apavorantes e escuras que ficam baixo da Ponte. Ela não viera pela grande estrada, mas através dos horrores da escuridão e da depressão daquelas regiões inferiores. Conosco viera um alto Anjo de uma esfera acima da nossa, que estava especialmente comissionado para esta tarefa. Era uma das Irmãs Angélicas que organizam nossos lares quando os socorridos são recolhidos.

Pode dar-me seu nome?

Bearn... não, não conseguimos transmitir-lhe. Deixe assim, e pode ser que consigamos conforme continuamos.

Quando lá chegamos, vimos que uma luz brilhava um pouquinho ali em baixo do caminho de pedra que descia para o vale, e soubemos que algum anjo estava ali observando. Aos poucos tornou-se mais escuro, e percebemos que estava afastando-se de nós, lá embaixo. Depois, passado algum tempo, vimos uma faísca distante no vale, e a ela houve uma resposta imediata através de um facho de luz de uma das torres da Ponte. Não é diferente do que você conhece como farolete, e de fato respondeu a um propósito similar. Foi direcionado para baixo e permaneceu aceso. Então Bea... – nossa Irmã Angelical – pediu-nos que ficássemos onde estávamos por um tempo, e seguiu pelo ar ao topo da torre.

Nós a perdemos na luz, mas uma das minhas companheiras disse que pensava tê-la visto voando ao longo do raio de luz direcionado para aqueles departamentos. Eu não a vi, mas depois vi que ela estava certa.

Devo parar por aqui para explicar que a luz não era para permitir que os espíritos vissem (já que podiam fazê-lo com seus próprios poderes), mas para dar força para o trabalho e proteção contra as influências maléficas que predominam nas região inferior. Foi por esta razão que o primeiro anjo enviou seu sinal, e foi compreendido pelos observadores na Ponte, e respondidos da maneira que lhe descrevi. O raio de luz é, de uma maneira que eu ainda não entendo, impregnado com poder de vida e força – é

a melhor descrição que sou capaz de dar – e foi enviado para ajudar aquele em quem estava a vontade de ajudar.

Aos poucos vimos os dois retornando. Ele era um Anjo forte, mas parecia fatigado, e soubemos depois que ele encontrara um grupo de espíritos muito malignos que fizeram o que podiam para retomarem a mulher de volta entre eles. Eis o porquê de ele ter precisado de ajuda. Ele andava de um lado e ela andava do outro lado da pobre alma torturada e judiada, a meio caminho de desfalecer. Por causa dela vinham vindo bem devagar, andando no raio de luz a caminho da torre da Ponte. Nunca havíamos visto tal coisa antes, exceto uma vez, e eu lhe contei o caso. Estou falando do Pavilhão de luz e a reunião de pessoas de cores muito variadas nas roupagens. Mas aqui, de certa forma, foi muito mais solene; havia angústia em meio à alegria, e lá, apenas alegria. Eles alcançaram a Ponte, e a socorrida foi levada a uma das casas e atendida, e ali ficou até que tivesse se recuperado para ser levada aos nossos cuidados.

Bem, há diversos pontos nesta narrativa que nos trouxeram novos conhecimentos, e alguns que confirmaram o que antes eu meramente supunha naquele tempo desta experiência. Alguns deles passo a relatar.

É um erro pensar que Anjos, mesmo do nível destes dois que foram para lá a fim de socorrer aquela pobre mulher, são incapazes de sofrer. Eles sofrem realmente, e freqüentemente. E é possível aos maliciosos feri-los quando estes se aventuram na região daqueles. Teoricamente não vejo por que os malignos prevaleceriam até tê-los sob seu poder. De tal intensidade, entretanto, são os poderes da luz e tão bem organizados, e tão bem vigilantes, que não ouvi que esta catástrofe tenha realmente acontecido. Mas a luta deles foi uma luta real, e fatigante também. Este é o segundo ponto. Mesmo estes elevados Anjos ficam cansados. Mas não se importam nem pelo sofrimento nem pela canseira. Pode soar como paradoxo, mas apesar disso é verdadeiro que seja uma alegria a eles terem sofrido quando alguma alma sofredora estava batalhando por ser salva.

Também aquele raio de luz – ou talvez eu poderia dizer "raio de poder e vitalidade" – era tão forte que se eles não tivessem

protegido a mulher através de uma certa cobertura de influência negativa, o raio teria machucado, porque seria um choque grande demais para alguém despreparado como ela.

Outro ponto é este. Aquele raio foi visto bem distante na região de treva, e ouvimos um murmúrio se aproximando, como se parecesse, de centenas de milhas de distância, vindos através do vale. Foi uma experiência estranha, já que o som foi o de muitas vozes, e algumas de raiva e ódio, e outras de desespero, e outras gritavam por socorro e clemência. E estes e outros gritos diferentes pareciam agrupar-se cada um em uma localidade particular, vindo de diferentes direções. Nós apenas podíamos entender um pouquinho, mas apesar disso, enquanto esperávamos pela socorrida, perguntamos para Beanix – (temo não poder fazer melhor que isso, por isso assim ficará. Nós a chamaremos de Beanix, mas não parece correto quando acabo de escrever.) – perguntamos a ela sobre estas lamentações e de onde vinham. Ela disse não saber, mas que havia provisão para seus registros, tanto coletivamente quanto individualmente, para serem analisados, e poderiam ser tratados cientificamente na ciência do amor, e então o socorro seria enviado segundo o merecimento dos que se lamentavam, e também da melhor forma que fosse necessária. Cada lamentação era uma evidência do bem ou mal em alguma alma humana naquela região, e receberia sua resposta apropriada.

Quando a mulher nos foi encaminhada, primeiramente a deixamos descansar e a circundamos com uma influência repousante e silenciosa, e então, quando ficou fortalecida o suficiente, nós a levamos a uma casa onde está sendo cuidada e atendida.

Não fizemos perguntas quaisquer, mas deixamos que ela falasse o pouco que pôde. Mas descobri que a pobre coitada tinha estado nas trevas por mais de vinte anos. Sua história de vida na terra eu já havia lido parcialmente, mas não o suficiente para fazer uma narrativa conexa. E não é bom relembrar tão vividamente aos que ela deixou na terra tanto tempo atrás. Eles usualmente têm que se esforçar para voltarem ao presente, vindos de experiência na vida espiritual, para entenderem-na e a

relação com o todo – causa e efeito, semeadura e colheita – tudo explicado.

Isto é o que basta por agora. Boa noite, querido, e as bênçãos de Deus e nossas orações estarão contigo. Possa Ele mantê-lo em Sua paz. Amém.

Capítulo IV
A cidade e o reino de Castrel

Sexta, 17 de outubro de 1913.

Quando chegamos à Casa aonde fomos encarregadas de levar nossa pobre irmã, agora tão abençoada, fomos avisadas de outra missão determinada para nós. Fomos convidadas a irmos para outro distrito em direção ao Leste... Você hesita novamente, mas é a palavra que queremos. Por Leste queremos dizer a direção de onde a Luz Brilhante é vista sobre as montanhas que bordejam a planície onde a Visão do Cristo e da Cruz foi-nos apresentada. Nós sempre nos referimos a esta direção como sendo Leste, porque nos lembra da Aurora.

Saímos, nos cinco, todas mulheres, e mantivemos diante de nós a descrição que recebêramos do lugar que estávamos agora buscando. Devíamos ir a uma grande cidade entre as montanhas, com uma grande cúpula dourada no meio dela, e a cidade em si é rodeada por uma colunata num terraço que cerca a Cidade por todos os lados. Andamos pela planície e depois fomos pelo ar, que requer mais esforço, mas é mais rápido, e, num caso como o nosso, mais conveniente porque nos permitiu ter uma visão da região.

Avistamos a Cidade e descemos diante do pórtico principal, por onde adentramos na principal via de acesso. Ela cortava reto por toda a Cidade e terminava em outra avenida no outro lado. Em cada lado desta ampla rua havia casas enormes, ou palácios, em amplos terrenos, residências dos principais oficiais daquele distrito do qual esta mesma Cidade é a Capital.

À medida que caminhamos em direção à Cidade, havíamos visto pessoas trabalhando nos campos, e muitos edifícios, evidentemente não residenciais, mas erigidos para algum outro propósito útil. E agora que estávamos dentro dos muros da Cidade podíamos ver a perfeição dos edifícios e da jardinagem. Cada edifício tinha um jardim típico para combinar com suas cores e forma. Seguimos adiante, esperando por alguma

sinalização quanto ao nosso destino e a nossa missão, já que nestas ocasiões uma mensagem é sempre enviada na frente, assim os visitantes são esperados.

Quando andamos um bom trecho, entramos numa praça bem grande onde cresciam lindas árvores em campos da mais verde das gramas, e fontes compunham em harmonia o conjunto; isto é só para dizer que havia talvez umas doze fontes, cada uma em seu tom, cada um delas composta de pequeninos jatos d'água dando sua nota. Elas eram manipuladas, em certas ocasiões, de tal forma que uma complicada peça musical poderia ser tocada com o efeito semelhante ao que é produzido por um órgão com muitos foles. Nestas ocasiões há grande quantidade de pessoas reunidas naquela praça, ou parque, como posso chamá-lo, tanto de cidadãos quanto daqueles que habitam fora dali, entre as colinas e pastos. Mas, quando chegamos, as fontes estavam tocando uma simples série de acordes, em perfeita harmonia, com um efeito delicioso.

Aqui permanecemos por um tempo, já que era muito lindo e repousante. Sentamo-nos ou deitamo-nos na grama, e nesta hora veio um homem em nossa direção, o qual sorria enquanto se aproximava, e soubemos que era aquele que nos aguardava. Levantamo-nos e postamo-nos diante dele em silêncio, já que não nos sentíamos à vontade para uma conversação, pois percebemos que ele era um anjo de um grau considerável acima de nós.

Por favor, descreva-o e dê seu nome, se possível.

Tudo a seu tempo, querido. Aprendemos a eliminar a impaciência por aqui, como sendo uma coisa que nos confunde sem acrescentar ímpeto ao tema em pauta.

Ele era alto – mais alto que a média humana na terra. Eu diria que ele teria sete pés e meio na medida terrestre. Eu estou consideravelmente mais alta do que quando estava com vocês, e ele era muito mais alto que eu. Usava uma túnica da cor creme, quase até seus joelhos, pernas e braços nus, e sem sandálias. Veja que estou respondendo o que você está questionando em sua mente. Não, ele não tinha nada na cabeça, a não ser a linda

cobertura de cabelos castanhos e macios, partidos ao meio e ondulados em torno da face e do pescoço. Usava um largo filete de ouro, no centro e nas laterais estavam engastadas três pedras azuis enormes. Ele usava um cinto de prata mesclado com um metal rosado, e seus membros cintilavam com um suave brilho. E estas características, junto a outras, diziam-nos de sua alta hierarquia.

Havia também uma calma benevolência e poder em seu semblante firme mas bondoso, que nos transmitia paz e confiança enquanto estávamos diante dele, mas também nos induzia a uma reverência que nos alegrávamos em prestar a quem realmente merecia, como ele.

Ele finalmente falou, silenciosamente, modulando sua voz para o nosso caso, como instintivamente soubemos. Pudemos, apesar disso, detectar seu poder reverberando naquela tonalidade. Ele disse, "Meu nome é Cast... " Desculpe. Estes nomes parecem ser a minha fraqueza. Eles sempre me deixam perplexa quando eu tento reproduzi-los aqui em baixo. Mas não importa seu nome por enquanto. "Eu sou C.," disse ele. "Vocês já escutaram seus Superiores falarem de mim, e agora nos encontramos pessoalmente. Agora, minhas cinco irmãs, venham comigo, e eu contarei o porquê de terem sido enviadas até esta Cidade e a mim." Então o seguimos, e no caminho conversamos bastante, e ficamos bem à vontade em sua presença.

Ele nos conduziu por uma avenida perpendicular à praça, e então saímos numa outra praça; mas logo percebemos que esta era particular, e aquele grande palácio, que ficava no meio do parque e em torno dele, era a residência de algum grande Senhor. Fomos levados através do parque até que nos aproximamos do grande prédio que ficava, como um grande templo grego, num platô que tinha um lance de escadarias em todas as suas laterais.

O prédio era imenso e estendia-se diante de nós, para a esquerda e para a direita, e tinha grandes arcos, entradas e pórticos, tudo recoberto por uma grande cúpula. Era a marca que vimos quando nos aproximamos da Cidade, somente que vimos que não era toda de ouro, mas dourada e azul. Perguntamos quem morava ali, e ele respondeu, "Oh, esta é a minha casa: isto

é, minha casa da cidade, já que tenho também outras casas nas paragens campestres, aonde vou de vez em quando para visitar meus amigos cujas funções estão naqueles distritos. Entrem, e receberão as boas vindas que merecem, vocês que vieram de tão longe para nos ver."

Ele falava bem simples. Vim a saber que a simplicidade aqui é uma das características de grande poder. Alguém pensaria que a maneira apropriada de anunciar alguém na presença de um grande nobre seria mandar servos para nos conduzir pelo Palácio, e então ele nos receberia em seu status. Mas aqui se encaram as coisas de modo diferente. Não haveria propósito em tal cerimonial por aqui, portanto foi dispensado. Nos casos em que o cerimonial é esperado ou desejado, ele é mantido, e algumas vezes com muita grandiosidade. Quando não é necessário, não é usado.

E foi assim que viemos até a Casa de Castrel, – agora você já tem seu nome tão bem quanto eu posso transmitir; e de quem falaremos mais em outra ocasião. Agora você tem que sair, portanto boa noite, querido, e todas as bênçãos a você e aos seus, destes lindos e brilhantes reinos.

Querido filho, boa noite.

Sábado, 18 de outubro de 1913.

Assim ele nos fez entrar, e descobrimos que o interior da casa era alto e muito magnífico. O saguão de entrada, no qual paramos, era circular de formato e aberto acima para a grande cúpula, a qual não ficava no centro da construção, mas um pouco recuada do pórtico da entrada. A rotunda era ricamente cravejada com pedrarias de cores variadas e cortinados de textura semelhante à da seda, a maioria da cor carmim profundo. Portarias levavam a longas passagens à nossa frente e também em nossos lados. Pombos esvoaçavam sob a cúpula, tinham evidentemente como entrar e sair. O material do que era feita a arcada do teto desta cúpula era de uma espécie de pedra semi-opaca, que permitia que a luz penetrasse filtrando uma nuance de um brilho suave. Quando olhamos por instantes acima de nós,

descobrimos que estávamos a sós, já que Castrel havia nos deixado.

Aos poucos, de uma passagem em nossa direita, escutamos gargalhadas e vozes alegres, e dali naquela hora saiu um grupo de mulheres com algumas crianças entre elas. Totalizavam umas vinte pessoas, e vieram até nós, e pegando nossas mãos em cumprimento de boas vindas, beijaram nossas faces, sorriram para nós e assim ficamos mais contentes que antes, se fosse possível. Então elas se afastaram, ficando a uma pequena distância, exceto uma delas que ficou ali. Ela veio em nossa direção e nos mostrou um recanto da parede, onde poderíamos nos sentar.

Então, ficando em pé diante de nós, ela dirigiu-se a cada uma de nós saudando-nos pelos nossos nomes, e disse, “Devem estar imaginando o porquê de terem vindo até aqui, e que Cidade e que lugar seria este a que foram enviadas. Esta casa onde agora estão é o Palácio de Castrel, como, sem dúvida, já sabem. Ele é o governador deste amplo distrito, onde têm lugar muitas ocupações, e muitos estudos podem estar em curso. Ouvi dizer que vocês já foram até a colônia da Música, e mais ainda, para outros departamentos, onde são estudados outros ramos da ciência. Nós estamos em contato com todos eles, e recebemos constantemente seus relatórios quanto ao progresso neste ou naquele ramo da ciência. Estes relatórios são estudados por Castrel e seus auxiliares, do ponto de vista da harmonia, como vocês chamariam. Coordenação expressaria melhor, entretanto, o que quero dizer.

“Por exemplo, um relatório chegará da Universidade da Música, e outro da Luz, e outro do estabelecimento onde a faculdade Criativa é estudada, e de outros ramos de serviços. Todos eles serão muito cuidadosamente examinados, analisados e tabulados e, quando houver necessidade, os resultados serão testados aqui, em um ou outro laboratório relacionado a esta Cidade. Vocês já viram alguns deles à medida que se aproximaram daqui. Eles estão espalhados sobre o campo, até uma grande distância. Estes não são tão detalhadamente completos como os que já visitaram em outras localidades, mas, quando algum novo aparato torna-se necessário, uma missão é

despachada para inquirir sobre sua construção, e eles retornam e constroem no local mais apropriado em relação aos outros departamentos deste distrito; ou talvez é acrescentado a outros aparatos que já existem em um ou outro dos prédios.

"Vocês entenderão, portanto, que um Super Governador como ele, que controla uma combinação de conhecimento tão variada, deve ser evoluído em sabedoria, e também é muito ocupado em seu trabalho. Este é o trabalho a que foram enviadas para verem, e, enquanto ficam conosco, terão grandes oportunidades de visitarem nossas estações externas. Não entenderão tudo, claro, ou talvez não muito, do lado científico do trabalho, mas será mostrado o suficiente para ajudá-las em seu trabalho futuro. Agora venham, e vou mostrar-lhes esta casa, se quiserem."

Respondemos que sim, e agradecemos pela gentileza. Então percorremos as partes principais daquela moradia magnificente. É a única palavra que encontro para ela. Em todos os lugares as cores mesclavam-se a outras, nítidas mas harmoniosas, e de tal forma que, em vez de serem fulgurantes, tinham algumas vezes um efeito estimulante e algumas vezes um suave efeito repousante. Jóias e metais preciosos e lindos ornamentos, vasos e pedestais e pilares – alguns erigidos apenas para enfeite, uns solitários, outros em grupos –, pendentes de material cintilante que, quando atravessávamos algum pórtico, voltavam ao lugar emitindo um murmúrio musical, fontes com peixes, pátios a céu aberto, nos quais cresciam grama, as mais belas árvores e arbustos floridos, de cores que não são conhecidas na terra.

Então subimos ao teto, e aqui havia novamente um jardim, mas de grande extensão, com grama, bosquetes, arbustos e fontes novamente. Era daqui que a maioria das mensagens e mensageiros eram avistados; e também havia aparatos para se manter correspondência com regiões distantes por uma espécie do que vocês talvez chamassem de telégrafo sem fio, mas realmente é diferente, já que as mensagens chegam na maioria de forma visível, e não em palavras.

Permanecemos nesta mansão por um período considerável, e visitamos a Cidade e também seus distritos em torno, distritos

esses que na terra teriam milhares de milhas, mas todos em contato constante com a Cidade e suas estações de comunicação, e com o Palácio central por si mesmo. Não teríamos tempo para contar-lhe tudo. Por isso, vou lhe transmitir apenas alguns detalhes, e deixarei que imagine o restante que, entretanto, sei que não conseguirá.

A primeira coisa que me confundiu foi a presença das crianças, porque eu pensava que todas as crianças estavam recolhidas em Casas especiais destinadas a elas. A senhora que nos recebeu era a Mamãe do local, e aquelas que a atendiam eram algumas de suas ajudantes. Eu perguntei a uma delas sobre estas crianças que pareciam tão felizes e bonitas, e tão à vontade num local tão grandioso. Ela me explicou que estas eram crianças natimortas, que jamais haviam respirado a atmosfera terrestre. Por esta razão, elas tinham características diferentes das que nasceram vivas, mesmo das que sobreviveram apenas alguns minutos. Elas também requeriam tratamento diferenciado, e eram capazes muito mais cedo de se imbuírem do conhecimento destas esferas. Então eram enviadas a alguma casa como esta, e eram treinadas até que tenham progredido na mente e evolução de tal hierarquia, de tal forma que possam começar seu novo curso de conhecimento. Então, fortes na pureza celeste e em sabedoria, são levadas até as professoras que estão em contato com a terra, e aprenderão o que não puderam aprender antes.

Isso me interessava muito, e então comecei a ver que uma razão pela qual fui mandada para cá era a de aprender estas coisas, para que pudesse ser despertada em mim a consciência do desejo de saber de minha filha que tinha passado para este lado desta forma, e por quem eu não esperava ser chamada de mamãe. Ah, a grande e dulcíssima emoção que se apoderou de mim quando percebi isto. Não ficarei neste assunto, mas confesso que por uns tempos lágrimas de alegria indescritível embaçaram meus olhos por mais esta bênção acrescentada às muitas já recebidas. Sentei-me na grama diante de uma árvore, e cobri minha face com as mãos, inclinando minha cabeça sobre meus joelhos, e ali fiquei desamparada, pelo estranho enlevo que

vibrou e preencheu todo o meu ser, até tomá-lo por inteiro. Minha querida amiga não falou comigo, mas sentou-se ao meu lado e colocou seus braços em torno de meus ombros, e deixou que extravasasse minha alegria.

Então, quando me recobrei, ela disse gentilmente, “Querida, eu também sou mãe, a mãe de um, da mesma forma que você encontrará aqui a sua. Por isso sei o que vai em seu coração neste momento, porque já passei por esta sua alegria de agora.”

Então levantei meus olhos para ver sua face, e ela leu a pergunta que não pude fazer, e, levando-me pelas mãos, ela me conduziu e, ainda com seus braços em meus ombros, ela me conduziu a um bosque onde ouviam-se crianças brincando, seus gritos alegres e risadas vindos por entre as árvores – e estava tão abalada por toda aquela alegria que me preencheu, como eu conseguiria me sustentar diante da alegria maior que viria?

Querido, não faz muito tempo que isso aconteceu, e ainda está tão claro em mim que acho difícil escrever através de você com a clareza que gostaria. Mas você deve perdoar-me se pareço tão prolixa, ou tão desconexa em minhas palavras. Eu não conhecia estas verdades, e quando me foram reveladas tão repentinamente, e todo significado – para mim – tremendo de tudo – bem, devo deixá-lo tentar entender. Basta dizer que encontrei naquele bosque aquilo que eu não sabia que possuía, e por estes lugares dádivas como esta são ofertadas mais rapidamente do que somos capazes de nos controlar para recebê-las.Devo acrescentar, antes que terminemos, o que deveria ter dito antes, mas estive sendo levada por minhas lembranças daquele momento tão doce. É isso: Quando crianças pequeninas chegam aqui, primeiramente elas são ensinadas nesta vida, e depois têm que aprender a experiência que lhes faltou na terra. Quanto mais treinamento tiverem na vida terrena, mais cedo são enviadas para completarem tudo. Os que são natimortos não tiveram treinamento terrestre nenhum. Apesar disso, são crianças da terra e, como tais, devem retornar e adquiri-lo. Não antes da hora em que seja seguro fazê-lo, entretanto, e apenas sob a guarda apropriada até que sejam competentes para seguirem sozinhos. O retorno deles às vizinhanças da esfera terrestre é

conseqüentemente adiada por mais tempo, e alguém que tenha vivido uma vida longa e ocupada na terra tem menos o que aprender da vida terrena quando chegar até aqui, e por isso passa para outros estudos mais elevados.

Claro, estes são os amplos princípios gerais, e, aplicando-se aos indivíduos, tem que se levar em conta suas características pessoais, e a regra será modificada e adaptada se o caso particular requer ou merece.

Mas tudo está bem para os que vivem e amam, e os que amam mais vivem a vida mais amorosa. Isto soa repetitivo, mas deixe assim, porque é a verdade. Deus o abençoe, querido. Boa noite.

Segunda, 20 de outubro de 1913.

Estávamos caminhando pela avenida principal daquela linda cidade numa viagem de inspeção. Queríamos entender por que estava disposta em tantas quadras, e qual seria a utilidade de alguns daqueles edifícios que percebêramos nos dois lados daquela ampla avenida. Quando chegamos à rua mais distante, vimos que a Cidade estava acima das planícies vizinhas. Nossa guia explicou que a razão para isso é que a visão daquelas torres deveriam alcançar o mais distante possível, e também serem vistas pelos que estavam nos assentamentos mais distantes daquela região. Esta era a Cidade Capital daquela região, e todos os fatos que aconteciam tinham seu foco aqui.

Em nosso caminho de volta visitamos vários destes prédios, e fomos gentilmente recebidas. Encontramos poucas crianças, outras que não as que estão na casa de Castrel. Aqui e ali havia, entretanto, grupos nas praças, onde as fontes tocavam e eram circundadas por espelhos d’água que recolhiam as águas que caíam. Elas eram coletadas numa corrente maior que partia de um lado da Cidade e caía na planície abaixo, uma cascata brilhante de muitas colorações e de um brilho cintilante. Ela continua atravessando a planície, uma correnteza bem larga suavemente fluindo sobre as areias, e vimos, aqui e ali, algumas crianças banhando-se nelas, jogando água em seus corpos lindos com imensa alegria. Não pensei muito nisto até que minha guia

fez com que notássemos que estas crianças eram encorajadas a banharem-se nestas águas, pois são carregadas eletricamente e dão força a elas, pois muitas delas vem para cá bem fraquinhas, requerendo este tipo de nutrição.

Expressei minha surpresa diante disso, e ela replicou, “Mas o que queria? Você sabe que, apesar de não serem de carne e sangue, mesmo assim nossos corpos são sólidos e verdadeiros como os que deixamos para trás. E você sabe que estes corpos do nosso estado atual correspondem ao espírito intimamente, muito mais acuradamente que os outros antes. Agora estes pequenos espíritos estão, na maioria, apenas começando a desenvolver e necessitam de nutrição corporal para ajudar nisso. Por que não?”

Por que não, sem dúvida! Evidentemente, eu era lenta para aprender tudo que a frase que eu já lhe transmiti implicava, “Terra aperfeiçoada.” Temo que muitos de vocês, quando vierem para cá, ficarão muito chocados ao verem quão naturais são todas as coisas, mesmo que mais bonitas que as da terra. Pois muitos esperam encontrar um mundo vago e sombrio por aqui, totalmente diverso da terra em todas as formas possíveis. E ainda assim, pense nisto, e com bom senso, o que traria de bom para nós um mundo como esse? Não significaria um progresso gradual para nós, mas uma transição brusca, e este não é o caminho de Deus.

As coisas por aqui, logo que chegamos, estão certamente muito diferentes de quando eram os velhos tempos, mas não tão diferentes para nos fazerem ficar pasmos de tão estranhas. De fato, aqueles que vêm para cá, depois de terem vivido na terra uma vida sem progresso, vão para uma esfera de características tão grosseiras que se torna, para eles, impossível de se diferenciar da própria terra. Esta é uma das razões pelas quais não conseguem perceber que mudaram de estado. Conforme se progride das esferas mais baixas em direção às mais elevadas, estas características gradualmente dão lugar a condições mais sublimadas, e quanto mais alto se sobe, mais sublime é o ambiente. Mas poucos, ou nenhum, passam para aquelas esferas onde não se vê nenhum traço terreno, ou onde não há nenhuma semelhança com a vida na terra. Duvido que, como regra,

alguém o faça. Mas a respeito disso não comentarei nada dogmaticamente, porque por mim mesma ainda não lá cheguei, nem visitei, a uma esfera onde não haja absolutamente nenhuma semelhança com a maravilhosa terra de Deus. Pois ela é linda, e temos que aprender sobre suas belezas e maravilhas por aqui, como parte de nosso treino. E, aprendendo isto, vemos que a terra é apenas uma manifestação exterior de nossa própria esfera, e em sintonia conosco e nosso atual ambiente, em várias formas bem íntimas. Se não fosse assim, não poderíamos estar nos comunicando com você neste momento.

Também... e eu meramente falo da forma que tudo aparece diante de mim, que não sou muito aprofundada nestes temas, não vejo como as pessoas que passam para cá vindas da terra poderiam chegar aqui se houvesse um enorme hiato entre nós, um gigantesco vácuo. Como poderiam atravessá-lo? Mas é simplesmente um raciocínio meu, e ele pode não conter nada. Somente de uma coisa tenho certeza: se as pessoas mantivessem em mente a Unidade de Deus e Seu reino, e o progresso gradual que, por Sua Inteligência, Ele ordenou que assim fosse para nós, então poderiam entender muito melhor o que é a morte e o que há além. Seria, posteriormente, absurdo para muitos, se lhes falassem que aqui nós temos verdadeiras casas sólidas, ruas, montanhas, árvores e animais e pássaros; e que os animais aqui não são apenas para ornamento, mas também têm sua utilidade; e que os cavalos, bois e outros animais são utilizados. Mas estes gostam do trabalho de uma forma que ficamos felizes ao observá-los. Observei um cavalo e seu cavaleiro que estavam caminhando pela rua certa vez, e imaginei qual dos dois estaria gostando mais da cavalgada. Mas temo que muitos não aceitem isso, então mudarei de tema.

Um dos prédios na ampla avenida era uma biblioteca, onde se mantinham os registros de estações externas. Outro era um laboratório onde alguns dos registros poderiam ser testados num experimento real. Outro era um saguão de conferências onde os mestres apresentavam os resultados aos que são do mesmo ramo de ciência e a outros. Outro ainda tinha uma história curiosa.

Ficava bem afastado da rua e era construído em madeira. Parecia mogno polido, com fios de ouro no cerne. Foi erigido há muito tempo, para ser uma Câmara de Conselho para o Diretor daquela época, bem antes de Castrel assumir o posto. Aqui costumavam reunir-se os estudantes, para que cada um pudesse demonstrar seus conhecimentos de forma prática.

Um jovem levantou-se, numa ocasião, e, indo ao centro do auditório, ficou ali e estendeu seus braços, encarando o Presidente. Enquanto permanecia ali, suas formas pareciam mudar e tornarem-se mais radiantes e translúcidas, até que ficou completamente envolto num largo halo de luz, e ali foram vistos muitos Anjos das mais altas esferas. Seu sorriso era enigmático, e nele o Príncipe estava tentando ler algo, mas não conseguia. Quando ele (o Príncipe ou Chefe) estava quase falando algo, entrou pela porta aberta um menino, e olhou surpreso em torno da grande platéia.

Ele parou na beira do círculo e olhou para a multidão de faces dos que ali estavam sentados em fileiras, uma após outra, em torno do círculo, e parecia abatido. Ele estava se voltando para ir embora novamente, quando viu aquele que estava no centro, agora cintilando em luz e glória. Imediatamente o pequeno garoto esqueceu todos à sua volta e, correndo tanto quanto puderam suas pernas, seguiu diretamente ao centro do círculo com braços abertos e um olhar de alegria em sua face.

Aquele que estava ali abaixou, então, seus braços e, abaixando-se, tomou o pequeno e o acomodou em seus ombros, e então, aproximando-se do Príncipe, gentilmente colocou o pequeno companheiro em seu colo e começou a andar para trás, em direção ao lugar onde estava anteriormente. Mas enquanto o fazia, sua forma começou a esmaecer e, antes que alcançasse o lugar que havia deixado, tornou-se quase invisível, e todo o espaço ficou vazio. Mas o menino ficou no colo do Príncipe, e olhou para sua face – era uma linda face – e sorriu.

Então o Príncipe levantou-se e, segurando a criança em seu braço esquerdo, reverentemente colocou a mão direita sobre sua cabeça, dizendo, “Meus irmãos, está escrito: *Uma criança os conduzirá*, e estas palavras vieram à minha mente agora. O que

vimos é uma Manifestação de nosso Senhor, o Cristo, e este pequeno é dos que são do Reino, como Ele disse. Que mensagem Ele lhe transmitiu, criança, enquanto esteve em Seus braços, e Ele o trouxe aos meus?”

Então, pela primeira vez o menino falou, e disse, com um toque infantil, e ainda muito tímido pela platéia enorme, “Se quer saber, Príncipe, devo ser bom e fazer o que me ensinar, e então Ele vai me mostrar, de vez em quando, coisas novas para sua Cidade e Reino. Mas não sei o que significa.”

Nem o Príncipe sabia, menos ainda os alunos. Mas ele os dispensou e levou o pequeno para a sua própria casa e pensou no assunto. Chegou à conclusão de que eram Elias e Samuel novamente, sem maiores comentários. De certa maneira, conforme raciocinou sobre tudo, ele interpretara corretamente. À criança foi permitido que brincasse nos laboratórios e nas escolas científicas, e que observasse o ouvisse. Ele nunca estava no caminho, nem aborrecia questionando ninguém. Mas às vezes, quando alguma tarefa de dificuldade extraordinária estava sendo levada a termos, aí então ele fazia algum apontamento, e quando o fazia, era sempre a chave da solução da questão. Também – e foi considerado, quando o tempo passava, o principal objetivo que Ele tinha ao dar aquela Manifestação – os estudantes aprenderam a simplicidade; isto é, que a solução mais simples que pudessem achar para algum problema em particular seria a que melhor serviria ao plano geral, em outras soluções.

Houve muitas outras lições que eles aprenderam da própria Visão; por exemplo, o fato de a Sua presença estar sempre entre eles, e que a qualquer hora Ele poderia se tornar visível, pois, quando Ele viera naquela época, Ele andara entre a assembléia dos estudantes. Também, os braços abertos lhes deram uma lembrança do auto-sacrifício, mesmo naqueles reinos felizes onde as glórias brilhavam sobre eles, como brilhou sobre Sua forma enquanto esteve ali. Mas quanto à Criança, ele cresceu como crescera Seu Divino Protetor, em sabedoria e estatura, e quando o Príncipe daquele tempo foi elevado a uma esfera mais alta, ele o sucedeu naquele alto escalão.

Bem, tudo isso foi há muito tempo atrás, e ainda está lá o antigo saguão. É mantido cuidadosamente e ornamentado interna e externamente com flores. Mas não é mais usado para conferências ou debates, mas para o serviço de reverência. Um dos artistas da Cidade fez uma pintura da cena, e ela foi posta atrás do Altar, como muitos na terra. E de vez em quando são rendidas graças ao Grande Pai de tudo, na santificada Presença de Seu Ungido Filho, e, em algumas ocasiões, o Príncipe, que ali esteve quando aquela Visão apareceu, descia das esferas mais altas com o menino, agora um grande Anjo-Senhor, e outros que estiveram no cargo desde aquele tempo; e os que ali se reúnem agora sabem que alguma grande bênção e uma Manifestação será dada. Mas apenas os que se ajustam por sua evolução estão presentes nestas ocasiões, já que a Manifestação poderia não ser visível aos que não alcançaram um certo estágio de progresso.

As esferas de Deus são maravilhosas por sua beleza de luz e glória, mas mais maravilhoso de tudo é a Presença de Seu Espírito através destes infinitos e eternidades, e Seu suave amor a todos, tão sábio e simples; e a você e a mim, querido, naquilo que Ele ordenou desta forma de cooperação entre os diferentes estados em Seu reino, para que possamos conversar juntos desta forma, você e eu, querido, através deste tênue Véu que pende entre nós.

Terça, 21 de outubro de 1913.

Sobre aquela Cidade eu poderia contar-lhe muito mais do que fiz. Mas tenho outros temas a tratar, entretanto vou transmitir-lhe apenas um item a mais de nossa estadia ali, e então passarei para outros fatos.

Estávamos habitando num chalé dentro dos campos do Palácio aonde as crianças sempre vinham nos ver, a minha pequenina entre eles. Eles pareciam ficar alegres ao nos visitar e ver a mãe do sua pequenina amiga e suas amigas visitantes, e jamais se cansavam de ouvir sobre outros lugares que visitáramos, especialmente as casas de crianças e escolas. Eles teciam guirlandas de flores e traziam para nós de presente, com o desejo escondido em suas mentes de que em retorno nós nos

juntássemos a eles em algum jogo deles. Sempre fazíamos isso, e você facilmente imaginará o quanto eu gostava dessas travessuras com estas queridas crianças daquele lugar calmo e feliz.

Estávamos uma vez jogando com eles um jogo que eles mesmos haviam inventado, uma espécie do joguinho *Jolly Hooper* que você brincava, e nós ganhamos de quase todos, quando os poucos que restavam em frente a nós repentinamente pararam de cantar e ficaram quietos, olhando para trás de nós. Todas nós nos viramos, e ali, parado na entrada de uma ampla alameda de árvores na entrada do bosque, estava nada menos que Castrel.

Ele ali estava, sorrindo para nós, e, apesar de seu aspecto tão majestoso, ali se estampava tanta bondade e humildade se mesclando com seu poder e força, que era adorável de se ver, e de se estar perto. Lentamente ele se aproximou de nós e as crianças correram até ele, e ele acarinhou uma ou outra na cabeça, enquanto vinha vindo. Então falou a nós. "Vocês vêem", disse ele, eu sabia onde poderia encontrá-las, e por isso não precisei de guia. Agora sou obrigado a cortar seu intervalo de brincadeiras, minhas irmãs visitantes, pois há uma cerimônia programada e vocês devem estar presentes. Por isso, meus pequenos, vocês devem continuar seus jogos sozinhos, enquanto estas crianças adultas vêm comigo."

Então elas correram até nós e nos beijaram alegremente, e nos prometeram vir para continuarmos nossos jogos tão cedo quanto nos liberassem.

Assim seguimos o Príncipe Castrel ao longo da avenida arborizada que formava um túnel de folhas sobre nossas cabeças. Andamos até o fim, e saímos em campo aberto, e aqui nosso guia parou e disse, "Agora quero que olhem para adiante e digam o que vêem!"

Nós, uma por uma das cinco, dissemos a ele que víamos uma planície ampla e ondulada, com muitos prédios aqui e ali, e, além, o que parecia ser uma longa cadeia de montanhas.

"Nada mais?" perguntou ele.

Respondemos que não víamos nada mais de importante, e ele continuou, “Não, suponho que esteja acima de suas visões por ora. Mas minha visão, vejam, é mais desenvolvida que a de vocês, e posso ver além destas montanhas. Agora ouçam, e vou contar o que vejo. Além daquela cordilheira, vejo outras montanhas ainda mais altas e, além delas, há picos ainda mais elevados. Em alguns deles há prédios, outros são nus. Estive também naquela região, e sei que entre estas montanhas que deste ponto são vistas com esforço, estão planícies e trechos de terreno tão imensos como este onde a Cidade é a capital.

“Agora estou observando a encosta de uma montanha, não no horizonte que vejo, mas além do alcance de sua visão, e vejo uma grande e gloriosa cidade, muito mais rica, muito maior e mais magnífica que esta. A principal avenida está de frente para esta direção, e diante dela há um amplo local aberto. Através desta avenida estão passando cavalos e carruagens com seus condutores, e outros cavalos com seus cavaleiros. Estão agora reunidos e vão começar. Agora o líder deles sai da multidão e vem para a frente. Dá uma ordem e a multidão de cidadãos levanta suas mãos e acena uma despedida. O Príncipe deles move-se em direção ao topo da rocha onde a cidade foi construída. Sai dali e continua num vôo aéreo. A carruagem dele lidera o caminho e os outros o seguem. E eles vêm vindo,” disse ele num sorriso, “nesta direção. Agora nós vamos a outro lugar, e testemunharemos a chegada deles.”

Nenhuma de nós perguntou a razão da visita deles. Não era porque tínhamos medo de fazê-lo. Penso que poderíamos perguntar a ele o que quiséssemos. Mas de alguma forma sentimos que, se tudo aquilo fosse para ser sabido por nós, teríamos sido informadas, e assim ficamos contentes em esperar. Mas ele disse, “Estão curiosas para saber a razão de sua chegada. Logo mais será permitido que vejam.” Então fomos com ele à muralha da Cidade, e ficamos ali olhando sobre a planície na direção das montanhas. Ainda não conseguíamos ver nada além do que já tínhamos dito.

“Digam-me,” disse ele, “qual de vocês será a primeira a vê-los.”

Olhamos distante e ansiosas, mas nada podíamos ver. Finalmente pareceu-me ver uma estrela começar a cintilar sobre as montanhas distantes, na profundeza do espaço. Justamente naquele momento uma companheira exclamou, “Penso, meu senhor, que aquela estrela não estava lá assim que chegamos.”

“Sim,” respondeu ele, “estava lá, mas não visível a vocês. Então você é a primeira a vê-la?”

Eu não ia dizer que já havia visto também. Devia ter dito antes. Mas ele continuou, “Penso que há mais alguém que vê aquela estrela. Não é verdade?” e ele virou-se para mim, sorrindo. Temo ter enrubescido e murmurado algo ininteligível. “Bem,” disse ele, “observem. As demais também poderão ver logo mais. Neste momento está distante várias esferas, e não espero que a visão de nenhuma de vocês consiga alcançar aquela região.” Então, virando para nós duas, inclinou-se cortesmente, e disse, “Senhoras, congratulo-me por sua evolução. Avançaram rapidamente a um grau mais elevado, e, se continuarem, sua esfera de serviços cedo será ampliada, acreditem-me.” Nós ambas ficamos felizes por esta declaração.

Agora a estrela brilhava consideravelmente, e à medida que observávamos, parecia ampliar-se e expandir-se, e isto continuou por um longo espaço de tempo. Então percebi que não era mais um disco redondo, mas assumia gradualmente outra forma e, finalmente, pude ver que forma tinha. Era uma harpa de luz, algo em forma de lira, parecia ser como uma jóia cravejada de muitos brilhantes. Mas conforme chegava cada vez mais perto, pudemos ver que era composta de cavalos e carruagens e homens, ordenados desta forma, cavalgando através do espaço em nossa direção.

Já podíamos ouvir as saudações de boas vindas das populações de outras paragens da Cidade e soubemos que eles também os tinham visto.

“Agora sabem a natureza da ocupação deles naquela Cidade.”

“Música,” sugeri.

“Sim”, ele respondeu, tem a ver com música. É o principal motivo da visita, de qualquer forma.”

Conforme se aproximaram, pudemos perceber que o grupo era de centenas de pessoas. Era lindo de se ver. Passaram pelos caminhos do céu, cavalos e carruagens de fogo – você conhece a frase familiar; acredite-me, não é bem entendida – com cavaleiros irradiando sua glória até muito longe deles, à proporção que cruzavam os caminhos nos céus. Oh, os cidadãos dos reinos superiores são todos maravilhosos demais para que possamos descrevê-los a você. O menos elevado em graduação de todos eles, era do mesmo nível que Castrel. Mas a sua própria glória era constrita e escondida, para que pudesse ser o Príncipe da Cidade e também um cidadão. Mas, conforme seus companheiros e pares aproximavam-se, percebemos que também ele começou a mudar. Sua face e formas brilharam com uma radiação cada vez mais cintilante até que, finalmente, brilhava com o brilho dos que vieram pelo céu. Eu podia entender, quando mais tarde pensei nisto, porque era necessário que ele se condicionasse para as esferas mais baixas onde trabalhávamos. Pois, se ele ficasse diante de nós agora, apesar de não ter atingido a intensidade plena de seu brilho natural, nenhuma de nós ousaria se aproximar dele, mas manteríamos uma distância, e deixaríamos que ficasse sozinho. Não teríamos medo, mas estaríamos desacostumadas – é a melhor forma que tenho para colocar tudo a você.

Os membros da jóia em forma de harpa cintilante finalmente sobrevoavam nossa região, e quando chegaram na metade do caminho entre nós e as cadeias de montanhas, diminuíram a velocidade e gradualmente mudaram a formação. Nesta hora o grupo parecia ter a forma de um ... . Então, descendo, chegaram ao chão no espaço diante do portão principal da Cidade.

Castrel deixou-nos por instantes e, quando desceram, nós o vimos indo a pé ao Portão da Cidade, seguido por seus principais homens. Ele estava vestido de luz – é quase tudo o que podia ver. Mas o diadema que ele usava brilhava mais intensamente do que jamais eu havia visto; assim como o cinturão. Ele se aproximou do líder e se ajoelhou diante dele. Este Anjo era ainda mais brilhante que Castrel. Desceu de sua carruagem e alcançou nosso Príncipe, levantou-o e o abraçou. O gesto era cheio de

graciosidade e também de amor, e, pelos segundos que eles estiveram juntos houve um completo silêncio dentro das muralhas. Mas quando se completou o abraço e as palavras de bênçãos foram pronunciadas – numa linguagem que não entendemos –, Castrel inclinou sua cabeça diante do outro e então, levantando-se, olhou para as muralhas da Cidade e elevou sua mãos, e a música e as vozes irromperam num glorioso hino. Eu já havia lhe contado sobre a música em outra região. Esta era muito mais sublime, já que o plano destes era mais evoluído que o outro. Então, eles também entraram na Cidade, seguidos pelos outros visitantes, cercados das saudações da população e o toque dos sinos e acordes da música instrumental e do cantar dos milhares sobre os muros.

Desta forma passaram pelo caminho que vai ao Palácio e, conforme entraram na alameda que saía da avenida principal, o Anjo Príncipe, nosso visitante, parou e, em pé em sua carruagem, voltou-se e, levantando sua mãos, abençoou as pessoas em sua língua própria, e então voltou ao caminho e ficou, com seus iluminados atendentes, fora de nossa visão.

Querido, tentei fazer o meu melhor para lhe passar uma pálida descrição daquele evento. Falhei miseravelmente. Foi muito mais glorioso do que pude descrever. Gastei tempo na descrição desta cena de chegada porque isso eu pude entender melhor do que a missão a que vieram. Isto é acima de mim, e concernente aos professores da Cidade e os grandes homens da região. Tudo o que pude saber foi que principalmente era concernente aos estudos mais avançados daquela Colônia ligados à música e à faculdade criativa. Não pude entender mais que isso. Mas talvez outros possam dizer mais do que eu sobre isso.

Aquela palavra que não pude transmitir era "planeta" – a segunda formação, quero dizer – não "planeta", mas "sistemas planetários". Não se era o sistema solar, do qual a terra é uma unidade, ou outro – algum outro sistema pensando melhor, mas não sei.

Isto é tudo, querido, por hoje. Está esperando por nossas bênçãos? Deus o abençoe, querido filho. Eleve seu olhar e mantenha seu ideais brilhantes, e creia que a glória mais gloriosa

que possa imaginar está para as glórias reais e verdadeiras desta nossa vida, assim como a luz da vela está para a luz do Sol.

Quarta, 22 de outubro de 1913.

Se todo o mundo fosse um grande diamante ou pérola refletindo ou irradiando a luz do sol e das estrelas distantes, quão brilhantes seriam seus arredores. Mas numa certa medida ele o faz, mas somente num grau bem limitado, por causa da falta de brilho de sua superfície. E conforme a capacidade de refletir da terra seja como o mais perfeito espelho que uma pérola pode ser, assim é a vida da terra para a nossa daqui nestes reinos de luz e belezas, o Eterno Presente de Deus.

À medida que olhamos sobre as vastas planícies e vales das terras Celestes, mal podemos lembrar do efeito da atmosfera da terra na relação que tinha com a nossa visão das coisas terrestres. Mas de fato lembramos de certas qualidades que aqui estão ausentes. A distância não é obscurecida, por exemplo. Ela fica esmaecida. Árvores e plantas não surgem só numa estação para depois morrerem. Elas desabrocham perpetuamente, e então, quando colhidas, ficam frescas por muito tempo, mas não murcham nem secam. Também elas, esmaecem ou desaparecem na atmosfera. Esta mesma atmosfera não é sempre branca. Nas vizinhanças da Cidade do Príncipe Castrel sente-se que há um brilho do sol dourado em tudo. Não é uma névoa, nem tolda, mas banha tudo com sua irradiação dourada sem invadir as variadas cores. Em outros lugares ela é de um rosa claro ou azul. E cada região tem seu matiz particular, ou sentido, na coloração, de acordo com a natureza das pessoas, seu trabalho e inclinação mental.

O matiz da atmosfera parece ser regido por este princípio, mas também é reflexo em sua ação sobre as pessoas. Especialmente, é este caso dos visitantes de outras regiões. Os mais elevados em evolução, ao virem a um novo trecho da região, são capazes de dizerem, só por isso, a característica geral e ocupação das pessoas dali. A influência, entretanto, muito rapidamente se estende a eles. Não os muda nas características, claro, mas realmente afeta seus sentidos, e é quase

instantaneamente percebido pela mudança de tonalidade de suas roupagens.

Desta forma, quando alguém visita um distrito estranho, bem rapidamente começa a sentir, interna e externamente, aquela sensação de irmandade e fraternidade que é uma das mais deliciosas bênçãos que encontrei. A todo lugar que se vá, encontra-se irmãos e irmãs. Tente pensar nisto e veja o que seria se fosse assim na terra. Então a saudação de Paz e Boa Vontade do Anjo sem dúvida seria realidade, e a terra seria a antecâmara da Casa Celestial.

Voltamos daquela Cidade perguntando a nós mesmos sobre a diferença que esta visita fez a nós mesmas, e o que aprendêramos. De minha parte, não era difícil de se ver que o fato real de minha garotinha era o suficiente. Ela é a dádiva que eu não esperava. Mas quando retornamos lentamente pela planície, vimos que recebêramos, cada uma, uma bênção especial.

Nós nos aproximamos da Cidade pelo ar, preferimos agora ir a pé através da planície até alcançarmos as montanhas. Enquanto caminhamos, conversávamos sobre o que presenciamos. Agora, eu poderia preencher muitas páginas com aquela conversa, e asseguro-lhe seria interessante. Mas o tempo e o espaço são para você, e aos editores, e mais valem para nós, e por isso vamos nos apressar naquilo que devo contar-lhe.

Nós chegamos em nosso plano exatamente quando nossa Mamãe Anjo também havia retornado de uma jornada à Ponte da qual já lhe falei. Ela desta vez trouxe com ela alguém que você conhece.

O nome, por favor!

Senhorita S. Ela atravessou uma experiência bem dura. Logo que ela chegou até aqui, foi levada a um lugar onde ela deveria progredir rapidamente. O caso dela causava perplexidade, porque tinha traços tão misturados que era muito difícil localizá-la com exatidão. Assim foi dada a ela uma chance e assistência de todas as maneiras. Mas, você sabe, livre arbítrio e a personalidade são coisas muito importantes por aqui, e jamais são derrogadas

quando a ajuda está sendo oferecida. Logo ela ficou inquieta, e foi visto que ela deveria seguir por si mesma. Então ela foi advertida e aconselhada e então levada à saída dos caminhos para que escolhesse sua própria estrada, como desejasse. Um guardião foi destacado para manter guarda constante para que, se precisasse de ajuda, a qualquer hora recebesse.

Bem, ela não pareceu saber aonde ir ou o que fazer, para achar o que queria – paz. Então vagou e ficou um bom período nas vizinhanças da Ponte. Somente quando aprendeu por si mesma que seus próprios desejos levavam de novo e de novo para os lugares onde a escuridão aumentava, e as pessoas, paisagens e sons eram de uma espécie que não emanava felicidade, mas terror, foi que finalmente vagou ao longo dos limites e, aos poucos, virou-se um pouquinho em direção à luz e foi gradualmente ajudada a retornar à Casa que havia deixado. Agora está progredindo lentamente, para ter certeza; mas com um coração suavizado, e mais humilde e confiante, e ela conseguirá vencer a seu tempo. É por isso que a vi tão pouco, e fui tão pouco útil a ela. Mas posso ajudá-la agora e depois, quando o tempo for passando. Talvez seja o porquê de ter sido trazida ao lugar onde estou, para passar um período mais ou menos extenso de serviço. Eu não a conheci na terra, exceto através de você, e sua amizade com seus filhos pode ser a ligação que poderá ajudá-la a receber a pequenina ajuda que eu puder dar.

Você vê, tudo aqui é levado em conta, mesmo as coisas que parecem tão casuais e transitórias na vida da terra. Tudo é registrado e vistoriado na relação de umas às outras, todas as conversas aparentemente casuais ou encontros fortuitos; um livro lido; um aperto de mão na rua, o primeiro e podendo nunca mais haver outro; um encontro com poucos amigos, da mesma forma, numa casa de amigos comuns e depois nunca mais um outro – tudo e cada item é registrado, considerado, coordenado e então usado quando, e se, a ocasião permitir. E assim pode ser este caso.

Seja, portanto, jamais omisso em pesar bem tudo o que faz e cada palavra que profere, não com ansiedade, mas pelo cultivo

do hábito do desejar fazer o bem, sempre e em todos os lugares irradiando bondade do coração, pois no Reino isso tem muito peso, e teça roupagens brilhantes para corpos radiantes.

Assim, querido, boa noite mais uma vez – um desejo que tem muita significação a você, diferentemente para nós, já que aqui tudo está bem para quem ama bondosamente, e a noite se ausenta sempre onde a Verdadeira Luz brilha sempre, e tudo é Paz.

Capítulo V
Ministério angélico

Quinta, 23 de outubro de 1913.

Talvez, se contássemos a você de nossos progressos nestas esferas celestes, nós o aborreceríamos, porque muitos detalhes devem ser tratados, e nada é passado para trás, nem pequenos fatos. Mas pode ser útil se completarmos o que escrevemos neste tema da última noite ao dar-lhe agora uns exemplos para ilustrar este ponto.

Recebemos, há pouco tempo atrás, uma mensagem da chegada de uma irmã na Ponte, que havia vindo do outro lado onde estão as regiões de treva, e eu e outra fomos mandadas para conduzi-la até esta Casa. Fomos rapidamente e encontramos nossa guardada nos esperando. Ela estava sozinha, já que seus atendentes a deixaram assim para que pudesse ter um período de meditação e reflexão antes de começar seus progressos para frente.

Estava sentada numa elevação com grama, embaixo de uma árvore cujos galhos se espalhavam como um dossel sobre ela. Seus olhos estavam fechados, e ficamos diante dela, esperando. Quando ela os abriu, olhou para nós durante um certo tempo, de forma inquiridora. Como nada falasse, finalmente disse a ela, "Irmã." Depois desta palavra, ela olhou para nós hesitando, então seus olhos encheram-se de lágrimas, cobriu seu rosto com as mãos, encostou sua cabeça nos joelhos e chorou amargamente.

Fui até ela e impus minhas mãos sobre sua cabeça e disse, "Agora você é nossa irmã, querida, e como não choramos, também você não precisa chorar."

"Como vocês sabem quem, ou o quê, eu sou?" replicou ela, e levantou sua face e tentou reprimir as lágrimas, havendo um toque de desconfiança em sua voz.

"Não sabemos quem é," respondi. "Sabemos quem foi. Sabemos que sempre foi uma filha do nosso Pai, e portanto, sempre foi nossa irmã. Agora você é uma irmã nossa no sentido

mais pleno. O demais, cabe a você. Você também é alguém que tem a face voltada para o Brilho do Sol de Sua Presença, ou alguém que, temendo a tarefa diante de você naquela direção, voltará de novo pela Ponte.”

Ela ficou quieta por instantes, e então disse, “Não vou. Tudo é terrível demais por lá.”

“Mas,” continuei, “você deve escolher, porque não pode continuar onde está. E vai vir pelo caminho ascendente – não vai? – e nós lhe daremos uma mãozinha fraterna, e daremos nosso amor de irmãs ao ajudá-la pelo caminho.

“Oh, imagino o quanto conhecem do que está adiante,” disse ela, e havia agonia em sua voz. “Lá chamaram-me de irmã também; chamaram-me de irmã ironizando, enquanto lançavam infâmias e torturas e – oh, não devo pensar mais nisso, ou ficarei louca de novo. Mas não sei como proceder, estou tão maculada, tão fraca e desprezível.”

Então vi que isso não ajudaria, então cortei sua fala. Contei a ela que, por ora, ela devia tentar esquecer estas experiências, até que a tivéssemos socorrido, então haveria tempo suficiente para enfrentar sua tarefa com seriedade. Eu sabia que a tarefa seria pesada e amarga; mas há somente um caminho para adiante, nada pode obstar; tudo deve ser visto e entendido como sendo exatamente o que é – cada atitude e palavra até o presente momento – a Justiça de Deus reconhecida, e o Amor de Deus em tudo – e este é o único caminho para frente e para o alto. Mas isto deve ficar um pouco de lado até que ela seja capaz de dar conta de tudo. E assim a reconfortamos e devagar a conduzimos.

Enquanto andávamos, ela começou a olhar em torno e perguntar sobre as coisas que via, e sobre que espécie de região havia adiante, e que tipo de casa era esta aonde ela estava sendo levada, e assim por diante. Contamos a ela tudo o que ela poderia entender. Falamos de nossa Mamãe Angelical que era encarregada do lugar, e das nossas companheiras de trabalho ali. No meio de nossa conversação ela parou repentinamente e disse que sentia que não poderia seguir mais adiante. “Por quê?”,

perguntamos. “Está cansada?” E ela respondeu, “Não, estou com medo.”

Vimos que alguma coisa estava em sua mente, mas não entendíamos bem como um todo. Havia alguma coisa que não conseguíamos captar. Então deixamos que ela falasse de si mesma, e depois compreendemos a dificuldade.

Parece que quando o guardião da outra extremidade da Ponte ouviu-a gritar por socorro, lá longe na escuridão, ele rapidamente direcionou um raio de sua luz na direção, e enviou um mensageiro para ajudá-la. Este espírito encontrou-a desmaiando ao lado de um rio lodoso cujas águas estavam quentes e fedidas, e trouxe-a até a Casa da Ponte. Aqui ela foi atendida, reanimada e trazida pela Ponte até o lugar onde a encontramos.

Parece que quando este trabalhador espiritual encontrou-a, ela sentiu sua presença mas não pôde ver ninguém por perto. Então ela gritou alto, “Maldito seja se me tocar!” pensando que fosse um dos antigos atormentadores e companhias da escuridão. Então ela não se lembrou mais de nada até que recuperou os sentidos de novo na Casa da Ponte. Enquanto andamos e conversamos sobre os trabalhadores destes reinos, a memória deste incidente voltou repentinamente em sua mente. Ela havia amaldiçoado um dos ministros de Deus, e estava com medo da luz, porque as palavras foram malignas. Verdadeiramente, ela não sabia a quem amaldiçoara, mas uma maldição é uma maldição seja lá contra quem for, e isso estava em seu coração.

Meus companheiros e eu nos consultamos rapidamente e chegamos à conclusão de que devíamos voltar. Os outros pecados desta pobre alma deviam ser tratados em outra hora. Este, entretanto, era contra um de nossos trabalhadores dos reinos de luz e amor, e vimos que ela não descansaria entre nós, e nossos serviços pouco adiantariam a ela até que este erro pudesse ser acertado. Por isso, voltamos à Ponte, e diretamente à Casa na outra extremidade.

Ali encontramos o espírito trabalhador que a havia trazido até aquele lugar, e ela pediu, e obteve, seu perdão. De fato, ele estava esperando por nós; pois era mais forte e mais evoluído

que nós, e era maior em sabedoria, e soube que ela faria tudo para retornar. Assim, à medida que nos aproximamos, ele veio a pé do caminho onde estava, vendo-nos chegar pela estrada e, quando ela viu sua face bondosa e o sorriso de perdão, ela logo soube que era a ele que buscava e, caindo de joelhos, obteve sua bênção.

Temo que esta mensagem desta noite não seja muito excitante. Eu a transmiti para mostrar-lhe como mesmo as coisas aparentemente simples devem ser consideradas aqui. De fato, acredito que alguma inteligência superior à nossa estava nos controlando todo o tempo; pois aquele pequeno incidente promoveu uma importante etapa no progresso daquela pobre mulher pecadora. Foi uma longa jornada de volta, e através da Ponte, estando ela muito fraca e desgastada. Mas quando ela viu o rosto daquele contra quem ela havia pecado, e ouviu suas palavras de amor e perdão, isto mostrou a ela, pela primeira vez, que seja lá o que ela tiver de enfrentar no futuro, será doce no final, e cada tarefa realizada trará em si sua própria bênção. E isso não é pouco para alguém como ela que teve muito para encarar, arrepender-se e envergonhar-se, angustiada pela lembrança do Grande Amor de Deus que ela havia insultado e negado.

O que ela está fazendo agora?

Isto não faz muito tempo, e ela está progredindo, mas vagarosamente. Há muito o que a prende lá atrás. Mas ela progride, apesar de tudo. Ela está em nossa casa, mas não lhe foi dado nenhum trabalho especial para fazer pelos outros. Ela será colocada eventualmente, mas não falta muito.

O pecado pode ser negativo em suas partes essenciais, mas é uma negação do Amor e da Paternidade de Deus, e é uma coisa mais terrível que a mera ofensa contra um mandamento. É a contaminação da verdadeira natureza e emanação da nossa vida espiritual interior, do Santuário do Espírito de Deus. E a limpeza de um santuário poluído é mais do que a limpeza de uma casa simplesmente. A intensidade da Luz da Presença neste estado espiritual mostra cada ponto ou mancha, e felizes são os que

mantém o Santuário limpo e brilhante, porque estes sabem o quão doce é viver e amar n'Ele.

Segunda, 27 de outubro de 1913.

Mais uma vez retomaremos nossa história da Vida Celeste, e esperamos poder contar a você um pouco mais do amor e das bênçãos que experimentamos nestes reinos brilhantes. Nossa Casa está situada na encosta de uma colina muito arborizada, numa clareira, e nossos pacientes – porque realmente o são – são cuidados aqui por nós, em paz e no silêncio, depois das experiências estressantes em uma ou outra parte daqueles planos onde a luz é difusa, e a escuridão parece verdadeiramente penetrar em suas almas. Eles chegam aqui mais ou menos exauridos e fracos, e só lhes é permitido seguir adiante quando se fortalecerem o suficiente para o caminho.

Você talvez gostaria de saber algo de nossos métodos por aqui. Principalmente, eles podem ser resumidos em uma palavra, Amor. Este é o princípio guia de todos os trabalhos. Alguns ficam tão felizes quando percebem o fato de que não procuramos julgar e punir, mas somente queremos ajudá-los, que ficam, por isso, desconcertados por não se sentirem familiarizados com o fato.

Uma de nossas pobres irmãs encontrou nossa Mamãe Angelical certo tempo atrás no jardim, e estava dando uma volta por uma alameda lateral para evitar o encontro com ela, não por medo, mas por reverência. Mas nosso Anjo brilhante foi até ela e conversou bondosamente com ela, e quando viu que já tinha uma certa liberdade para falar, fez então uma pergunta. "Onde está o Juiz?," perguntou, "e quando acontecerá o julgamento? Tremo só de pensar nisso, porque sei que minha punição será terrível, e gostaria de saber logo o pior e acabar logo com isso."

A isso, nossa Mamãe respondeu, "Minha criança, seu julgamento acontecerá quando desejar, e por suas próprias palavras posso dizer que já começou. Porque por si mesma sabe que seu passado é passível de punição, e este é o primeiro passo de seu julgamento. Quanto ao Juiz, bem, ela está aqui; já que você mesma é a juíza, e determinará a si mesma a punição. Fará

isso por si mesma, por seu livre arbítrio, revendo toda sua vida vivida e, como já confessou corajosamente um pecado após outro, desta forma progredirá. Muito de sua punição você mesma já infligiu a si mesma, naquelas regiões trevosas de onde acaba de sair. Aquela punição, sem dúvida, foi terrível. Mas já se foi e acabou, e o que tem a enfrentar agora não vai ser mais terrível. Tudo isso é passado. Doloroso, profundamente doloroso, temo que será. Mas através de tudo você sentirá que Ele a está conduzindo; e isto cada vez mais e mais, conforme você siga o caminho certo."

"Mas," continuou a inquiridora, "estou perplexa porque não vejo o Trono do Grande Juiz Que perdoará alguns e punirá outros."

"Você verá, sem dúvida, aquele Trono, mas não ainda. O julgamento no qual pensa é muito diferente do que imagina. Mas você não deveria ter medo e, à medida que progredir, aprenderá mais, e entenderá mais, sobre o amor de Deus."

Isto é o que espanta muitos que chegam até aqui. Eles esperam encontrar tudo arrumado para serem despachados da Sua Presença para a tortura, e não conseguem entender as coisas como elas são.

Outros, que cultivaram uma opinião boa sobre si mesmos, ficam muito desapontados quando lhes é destinado um lugar inferior, às vezes um bem inferior, e não foram imediatamente levados à Presença do Cristo Entronado para ser aclamado com o Seu dizer: "Fizeste tudo certo." Oh, acredite-me, querido filho, há muitas surpresas esperando por aqueles que chegam aqui, algumas muito felizes, e outras ao contrário.

Há pouco vi um escritor muito culto, que publicara muitos livros, conversando com um garoto, que na vida terrena foi um alimentador das fornalhas num gasômetro, e sendo instruído por ele. Ele estava feliz em estudar também, pois já havia aprendido a parte sobre a humildade; e era curioso que ele preferia se sentar aos pés deste jovem espírito a sair com seus velhos amigos aqui e confessar seus erros e sua vaidade intelectual em sua vida passada. Isto, entretanto, ele terá que fazer, mais cedo ou mais

tarde, e o jovem o está preparando para a tarefa. É extravagante para nós vermos que ele ainda carrega seu velho orgulho, quando sabemos tudo sobre ele, e seu estado passado e atual, sendo que o passado é inferior, e todo o tempo ele está tentando se convencer que esconde seus pensamentos de nós. Com esses tais, os instrutores têm exercitar muito suas paciências, o que é também um treino muito bom a eles.

E agora vejamos se podemos explicar uma dificuldade que está deixando perplexos muitos pesquisadores nas matérias da psique. Quero dizer da dificuldade que eles têm em entender porque não lhes damos as informações que desejam sobre um tema ou outro que tenham em mente.

Você deve perceber que quando chegamos aqui embaixo, não estamos em nosso elemento próprio, e somos cercados com limitações que agora nos são estranhas. Por exemplo, temos de trabalhar de acordo com as leis em voga no reino da terra, ou não poderíamos fazê-lo entender o que queremos fazer ou dizer. Freqüentemente, quando achamos alguém que tem sua mente fixa em alguma pessoa em particular, a quem ele deseja falar ou ouvir, ou algum tema especial sobre o qual ele deseja perguntar, nós somos limitados pelos meios restritos de que dispomos. Outros reservatórios de poder naquele inquiridor fecham-se, e somente são abertos a nós os que ele próprio deseja que estejam abertos. E estes freqüentemente não são suficientes para que trabalhemos com eles.

Então, novamente, a atividade de sua vontade encontra a nossa atividade no meio do caminho, como se houvesse, e há, um choque, e o resultado será ou confusão, ou nada. Quase sempre é melhor que nos permitam trabalhar do nosso jeito, confiando, e depois examinar criticamente o que transmitido. Se é desejada uma informação sobre algum ponto em particular, deixe que este ponto esteja em sua mente enquanto fluem suas ocupações diárias. Nós o veremos e daremos conta disto, e, se for possível, útil e legal, acharemos uma oportunidade e meios, mais cedo ou mais tarde, de responder a ele. Se você faz uma pergunta enquanto estamos nos manifestando de uma maneira ou outra, não a pronuncie, apenas exponha seus pensamentos diante

de nós, e deixe conosco, faremos o que pudermos. Não insista. Tenha a certeza de que se seu desejo for ajudar, faremos tudo o que pudermos.

E agora neste caso específico. Você esteve querendo saber sobre Ruby e outros. Você não insistiu e, por isso, pudemos usar livremente as condições e podemos dar-lhe algumas informações.

Ruby está feliz como sempre, e melhorando muito no trabalho que está fazendo. Eu a vi apenas recentemente e ela disse que poderá vir para falar a você ou Rose brevemente. Agora você está imaginando por que ela não teria vindo esta noite. Ela tem outros compromissos, e também temos que cumprir os nossos, de acordo com o planejamento. Uma das coisas que ela disse foi: "Diga ao querido papai que suas palavras às pessoas são transmitidas aqui, e algumas das coisas que ele diz a todos são discutidas entre nós, porque falam sobre aquilo que não aprendemos na vida terrena."

Isto me parece bem impossível. Transmiti direito?

Aí vem você, vê? O que pensa que estes queridos anjos crianças são, para que fale desta forma? Não entende que os estudos destes que vêm para cá bem jovens são principalmente sobre a vida e as condições de sua nova morada, e que somente pouco a pouco lhes é permitido completar seu conhecimento sobre a terra e a vida lá que, apesar de tudo, deve ser aprendida conforme eles vão progredindo? Então todos os meios são usados, com discrição, para ensiná-los. E que meio seria melhor, ou mais adequado, dos que você poderia usar, do que permitir que o pai seja o instrutor de sua própria criança? Não vou falar mais nada sobre isso. É suficiente. Pense nisto com bom senso e talvez esclarecerá mais a sua mente.

Bem, mas se o que diz é verdade, sempre temos que ter medo de se instruir as pessoas. Não se aborreça.

Querido filho, não, não me aborreço. Gratifica-me, pelo menos, ver em você um certo esclarecimento sobre as condições desta vida e de sua naturalidade, e surge uma daquelas suas tolas idéias nebulosas bem no meio de sua mente.

Você está certo, entretanto, ao pensar que devia ser cuidadoso em como dar instruções. Mas isso se aplica não só a você, mas a todos; e a todos os pensamentos, palavras e atos de todos. Tudo é sabido aqui. Uma migalha de conforto você pode ter, entretanto. Esteja certo de que quando algo injusto ou indigno é pensado ou falado, nunca é permitido que encontre caminho até uma esfera como a que Ruby está. Por isso fique à vontade, meu querido, e não tema expor suas idéias; porque algumas vezes o silêncio é menos bem vindo que um ensinamento errôneo, quando tal ensinamento for sincero.

E agora, boa noite, e nosso grande amor a todos. Deus o abençoe, querido filho, e mantenha-se verdadeiro e destemido.

Terça, 28 de outubro de 1913.

Seja lá o que for que tenhamos conseguido transmitir-lhe nestas mensagens, foi passado a você impressionando sua mente com nossos pensamentos e palavras. Ao fazermos isso, nós tomamos e fazemos uso do que vemos por aí, assim podemos colocar mais facilmente nossos pensamentos. Freqüentemente, entretanto, somos obrigados, por necessidade, de tirarmos seu espírito das vizinhanças da terra e oferecermos uma visão dos lugares que estamos descrevendo, e você descreve o que viu.

Não, realmente não tiramos você fora do corpo, porque você ficou consciente todo o tempo. O que fizemos foi prender e absorver sua atenção para que pudesse infundir poder à sua visão interior – a visão de seu corpo espiritual – e naqueles momentos você esteve bem pouco consciente de seu entorno. Você o esqueceu e ficou alheio a ele, então fomos capazes de transmitir-lhe, até certo ponto, o poder da visão à distância; e a isso acrescentamos os acontecimentos que testemunhamos nós mesmos.

Por exemplo, quando descrevemos a chegada da Harpa de Luz à Cidade de Castrel, mostramos a você como é a cidade, mas reconstruímos o acontecimento da multidão nas muralhas e o encontro fora dos portões, e todas as partes da cerimônia que quisemos que transmitisse. Isso é o que foi feito. Como foi feito, algum dia você entenderá, quando vier para cá.

Agora estamos tentando mostrar-lhe outra cena. E aqui podemos dizer que usamos a palavra “tentar” porque, apesar de que com um bom tema não falhamos, nós não somos onipotentes, e há muitas coisas que podem intervir para barrar nossos esforços e impedir o nosso sucesso.

Bem, dê-nos sua atenção por um pouco, e contaremos a você sobre uma cerimônia que testemunhamos quando um grupo de pessoas veio visitar nossa colônia para aprender sobre nosso trabalho. Você deve entender que nós visitamos as Casas dos outros e aprendemos sobre seus modos de vida, e ficamos sabendo o que podemos sobre os vários aspectos do trabalho que está acontecendo nas diferentes paragens.

Estávamos em pé perto do topo da colina, atrás desta Casa, observando sua chegada. Finalmente os vimos bem alto no céu, e bem distante sobre a planície. O céu atrás deles estava listado com linhas horizontais em cor de carmim, dourado e verde; e através disto soubemos de onde vieram e o tipo de seu trabalho. Eram estudantes de um estabelecimento distante, cujo principal ramo de conhecimento era o próprio uso de cerimonial e rituais, e seus efeitos sobre aqueles que participam.

Nós os observamos chegando através do caminho celeste, e então um grupo dos nossos, que estava esperando na planície, elevou-se no ar e foi ao encontro dos visitantes. Foi muito interessante vê-los se encontrando no ar. Bem alto nos céus, eles se aproximaram uns dos outros, e quando ficaram a uma curta distância, nosso grupo fez soar as boas vindas pelas trombetas, e então outros tocaram outros instrumentos e, enquanto tocaram, os demais cantaram uma canção de recepção.

Pararam, e então vimos que atrás deles estava uma carruagem e dois cavalos. Era bem parecida com as carruagens dos velhos tempos. Não há razão pela qual não devamos usar carruagens de construção moderna; mas não é necessário, os antigos carros abertos persistiram até hoje em dia. Os visitantes pararam ao se aproximarem, e então os dois grupos ficaram frente a frente, pairando no ar. Tente imaginar isto. Parecerá estranho a você, mas um dia você verá que é muito natural em nosso estado atual e, se estivermos evoluídos o suficiente, podemos não só ficar em

pé, mas também ajoelhar, deitar ou andar em pleno espaço, como se fora na sólida terra.

Então, o líder de nosso grupo e o Chefe dos visitantes aproximaram-se, adiantando-se aos demais. Cumprimentaram-se apertando-se as duas mãos, e beijaram-se nas faces e na testa. Aí, nosso líder tomou a mão esquerda do visitante na sua mão direita e o conduziu até a carruagem, quando então nosso grupo dividiu-se para dar passagem, curvando-se respeitosamente enquanto passavam. Quando os dois Chefes entraram na carruagem, seus seguidores também vieram de mãos estendidas e saudaram alegremente uns aos outros, como antes acontecera. E, então, todos voltaram-se em nossa direção e vieram numa caminhada lenta, descendo a pé até a base da colina.

Não posso fazê-lo ver o efeito de uma aproximação pelo ar. Tentei fazê-lo mais de uma vez, mas está fora do alcance de sua imaginação. Por isso posso apenas dizer que é muito lindo de se ver. O movimento destes espíritos elevados, como Castrel e Arnol, e outros de suas legiões, quando andam sobre o chão, não é apenas muito gracioso, mas é fascinante na beleza do movimento e seu porte. Mas no ar é mais que isso. A ação suave, graciosa, e deslizante, cheia de quietude, dignidade gentil, força e poder, é nobre e angelical. Assim estes dois vieram a nós.

Desceram e caminharam num caminho sinuoso até a Casa do Chefe. Ele governa aqui com nossa Mamãe Ajo, e não creio que haja muita diferença em seu tamanho ou evolução. Exceto num questionamento direto, o qual hesitamos em fazer, não é fácil dizer qual dos dois excederia o outro em pequeno grau, entre estes tão próximos, se não iguais em evolução. Tão grande é o amor e a harmonia entre eles, que o comando e a obediência parecem se fundir num empenho de servir risonho e cheio de graça, e às vezes não podemos distinguir a hierarquia dos dois, tão altamente evoluídos como eles são.

A residência do Chefe forçosamente relembraria a você um castelo medieval, construído no meio de uma encosta de uma montanha rochosa, circundado por árvores farfalhantes com folhagens multicoloridas – verdes, vermelhas, marrons e douradas – e infindas flores e gramados verdes.

Passaram sob o pórtico e, estando eles já lá dentro, não os vimos mais. Percebemos que a presença daquela legião radiante, estando ali dentro, iluminava as janelas do castelo como se repentinamente milhares de lâmpadas elétricas fossem acesas. E as luzes coloridas que víamos eram mais lindas ainda, já que não se misturavam formando uma só tonalidade mas, estando juntas, cada uma preservava seu matiz próprio, emanando através das frestas muitos fachos nas cores do arco íris.

Tenho mencionado freqüentemente os pórticos, mas observe que não falei de portões. Até aqui ainda não vi nenhum portão em nenhuma das aberturas que observei por aqui. Você leu no Livro das Revelações sobre a Cidade Sagrada e seus portais, mas pensei nisto porque me lembrei deles por causa destes portais que são, evidentemente, de cidades similares àquela que São João viu em Forma Presente, e duvido que aquela cidade tenha portões em seus pórticos. E isto pode ser o que ele queria dizer quando menciona que as portas não serão fechadas durante o dia e – relembrando que nas cidades que ele conhecera na terra, os portões não se fechavam durante o dia exceto em tempos de guerra, mas normalmente eram fechados durante a noite – ele acrescenta, a fim de explicar, que não há noite aqui neste mundo. Estes são apenas pensamentos meus, e podem não estar corretos, mas você pode reler esta passagem, refrescar a memória e decidir por si mesmo.

Não estive presente no festival dentro do Castelo, por isso não vou descrevê-lo, já que apenas escutei de outros, e prefiro contar-lhe sobre coisas que eu mesma presenciei, as quais posso transmitir mais vividamente. Foi um evento muito glorioso, entretanto, como se pode crer que acontece quando se agrupam tantos espíritos elevados com suas glórias.

Ah, bem, meu querido filho, você as verá todas, algum dia em breve, quando você e seus entes queridos estiverem aqui na boa terra de Deus, na qual Seu amor e Suas bênçãos caem como orvalho nas suaves pradarias, com a fragrância ao redor. Seria estranho se nós, que aprendemos que é mais abençoado dar que receber, procurássemos assoprar um pouco desta doçura através do Véu, para que os do seu lado possam aspirá-la também, e

experimentar quão doce e gracioso é o Senhor, e quanto abençoados são os que n'Ele repousam? Invoco Suas bênçãos a você e aos seus, agora e sempre. Amém.

Quinta, 30 de outubro de 1913.

Apóie sua cabeça na mão e perceberá que assim ficamos mais aptos a falar mais prontamente, ficando você mais capacitado a entender.

Deste jeito?

Sim. Ajuda tanto a você quanto a nós.

Como?

Porque há uma corrente magnética que vem de nós até você, e procedendo desta forma que sugerimos ela não se dissipa tão rapidamente.

Não entendo uma só palavra de tudo isso.

Pode ser que não. Há muitas coisas que ainda tem que aprender, querido, e o que dizemos agora é uma delas, pequenina por si, mas grande no contexto. Freqüentemente é com estas pequenas coisinhas que alcançamos o sucesso.

Agora, já que não estamos ansiosos demais para explicar os métodos que empregamos na transmissão destas mensagens, porque apenas podemos fazê-lo entender imperfeitamente, mesmo assim diremos isso: o poder que usamos pode ser melhor descrito como magnetismo e, através dele, estas vibrações de nossas mentes são direcionadas à sua. Sua mão colocada desta forma serve tanto como uma espécie de magneto, como reservatório, e nos auxilia. Mas não continuaremos nisto, iremos para algo que possamos ilustrar a você.

Em nossa vida no Eterno Presente nos esforçamos a ajudar tanto os que vêm a nós como também seus amigos ainda na terra. Indubitavelmente, as duas fases de serviço são inseparáveis, pois os que vêm para cá estão sempre tensos e, por isso mesmo, incapazes de progredirem até que saibam que os que deixaram para trás estão sendo ajudados por este lado. Assim, freqüentemente fazemos incursões ao plano terrestre por causa disto.

Na semana passada recebemos uma mulher que havia deixado seu marido e três crianças pequenas, e ela implorava para ir ver como eles estavam passando em casa. Ela estava tão ansiosa que finalmente a levamos, e chegamos exatamente na hora do jantar, quando todos estavam sentados para comer. O homem tinha acabado de chegar do trabalho e ia comer sua refeição antes de colocá-los na cama. As crianças eram duas garotas, de cinco e sete anos de idade, e um garotinho de dois anos. Estavam todos sentados em torno da mesa na cozinha, um aposento bem confortável, e o pai convidou a mais velha para render as graças. Isto foi o que ela disse, “Deus, por Jesus, abençoe-nos a todos, e a mamãe. Amém.”

A mulher foi até a menina e colocou sua mão sobre a cabeça dela, falando com ela, mas não conseguiu fazê-la a ouvir. Ficou perturbada com isto, e pedimos que ela esperasse e observasse. Aos poucos, a garota falou, depois de um longo silêncio, durante o qual ela e seu pai estiveram pensando naquela que havia passado para cá, e disse, “Papai, você acha que a mami sabe de nós agora, e da tia Lizzie?”

“Não sei,” respondeu ele, “mas penso que sim, porque me senti bem triste nos últimos dias, como se ela estivesse muito preocupada com alguma coisa; e pode ser sobre a tia Lizzie.”

“Bem,” disse a criança, “então não nos deixe ir. A senhorita ... cuidará do bebê, e posso ajudar quando chego em casa depois da escola, e então não precisaremos ir.”

“Vocês não querem ir?” disse ele.

“Eu não,” respondeu a criança. “Bebê e Sissi iriam, mas eu não quero ir.”

“Bem, pensarei nisto,” disse ele. “por isso, não se preocupe. Aposto que nos arranjaremos bem.”

“E mamãe ajudará, e os anjos,” persistiu a pequena menina, “porque ela agora pode falar com eles, e eles nos ajudarão se ela pedir.”

Nesta hora o pai nada mais acrescentou, mas pudemos ver seu pensamento, e lemos nele que se a pequena criança tinha tanta fé, ele deveria ter pelo menos uma fé igual, e aos poucos ele

refez suas idéias para tentar mudar e ver como as coisas ficariam. A partida de seus filhos não estava em sua mente, e ele ficou feliz em achar uma desculpa para mantê-los consigo.

Não posso dizer que a mãe ficou muito confortada com a visita dela. Mas no nosso caminho de volta conversamos sobre a fé daquela criança, e como se ela, reforçada pela do pai, formaria um poderoso meio de ajudar, ou estaríamos muito enganados.

Ao retornarmos, reportamos tudo à Mamãe Anjo, e imediatamente foram tomadas medidas para que esta família não se desfizesse, e a mãe foi levada a começar a sua evolução para que pudesse ajudar também. Então, uma mudança ocorreu com ela. Ela começou a trabalhar com muita vontade, e logo será permitido que ela pertença aos grupos que vão em jornadas em direção à terra de vez em quando, acrescentando o pequenino esforço dela ao serviço maior.

Mas agora devemos deixar este caso e contar-lhe outro. Pouco tempo atrás, um homem veio até a nossa colônia, recentemente vindo para este lado. Ele estava vagando, buscando algum lugar que lhe conviesse, e pensou que este estabelecimento parecia com o que ele queria. Você não pense que ele estava sozinho. Acompanhava-o, mas à distância, um guardião pronto a ajudá-lo se fosse necessário. O homem era de uma destas misturas curiosas que aparecem de vez em quando. Havia uma considerável luz e bondade nele, mas não podia ser usada para sua evolução para adiante, por causa de outras características que o tolhiam e detinham, e que ele não conseguia mudar.

Ele foi encontrado num caminho algo distante da colina onde fica nossa casa, por um dos trabalhadores de outra casa, e mais tarde foi parado e questionado, porque foi percebido um ar estranho e espantado em sua face. Quando foi parado, recebeu um sinal do guardião que estava a alguma distância, e que foi informado do problema, e por isso, tudo instantaneamente, foi equipado para lidar com tudo. Ele falou bondosamente, e a conversação seguiu assim:

A- Você não parece estar familiarizado com esta região. Posso ajudá-lo de alguma forma?

B- Não creio, apesar de ser muito gentil em se oferecer.

A- Sua dificuldade é tal que podemos lidar com ela por aqui, mas não tão completamente como gostaríamos.

B- Temo que não você não saiba a dificuldade que tenho.

A- Bem, parcialmente, sim. Você está espantado porque não encontrou nenhum de seus amigos por aqui, e imagina o porquê.

B- Certamente, é isso.

A- Mas eles o encontraram.

B- Não os vi; estive vagando por aqui para encontrá-los. Parece tão estranho. Sempre pensei que nossos amigos fossem os primeiros que viessem nos encontrar quando desencarnamos, e não consigo entender tudo.

A- Mas eles realmente o encontraram.

B- Não vi ninguém a quem conheci.

A- Isso está quase certo. Eles o encontraram e você não os reconheceu – não pôde reconhecê-los.

B- Não entendo.

A- Veja o que quero dizer. Quando você chegou aqui, imediatamente foi guardado por seus amigos. Mas seu coração, bom por um lado, e mesmo iluminado, estava endurecido e cegamente obstinado por outro. Esta é a razão de não ter reconhecido a sua presença.

O homem olhou longa e duvidosamente para seu interlocutor, e ao final indagou.

B- O que está errado comigo, então? Todos que encontro estão felizes e são gentis, e mesmo assim não pareço conseguir me agrupar em nenhum lugar, nem mesmo achar meu próprio lugar. Que está errado comigo?”

A- A primeira coisa que deve aprender é que suas opiniões podem não estar corretas. Falarei de uma que não é certa, para começar. Este mundo não é, como você tenta imaginar, um lugar onde as pessoas são todas boas ou todas más. Elas são bem como

eram na terra. Outra coisa: sua esposa, que veio para cá alguns anos atrás, está numa esfera mais elevada que esta em que você será colocado, quando finalmente atingir a verdadeira perspectiva das coisas. Ela não era mentalmente igual a você na terra, e não é assim agora. Mas você está num plano mais baixo que o dela, em linhas gerais e tudo sendo considerado. Esta é a segunda coisa que deve aceitar, e aceitar *ex animo*. Você não aceita isso, podemos ver em seu rosto. Mas terá de fazê-lo antes de poder progredir. Quando tiver aceitado, então provavelmente haverá permissão de se comunicar com ela. Agora não é possível.

Os olhos do homem ficaram toldados pelas lágrimas, mas ele sorriu bem doce e tristemente, enquanto colocou, ”Senhor, percebo que o senhor é um profeta.”

A- Bem correto, e isto me leva à terceira coisa que terá que aceitar, que é esta. Há um guardião sempre com você, sempre ao seu lado para ajudá-lo. Ele é um profeta, ou melhor, um vidente, como eu; e foi ele que colocou esta frase em sua mente, para que a repetisse para mim

Neste instante a face do forasteiro ficou grave e pensativa. Ele estava tentando obter a visão correta e verdadeira das coisas. Perguntou, “Então é a vaidade, portanto, a minha falha?”

A- Sim, mas a vaidade de uma espécie bem difícil. Em muitas coisas você é doce e humilde, e não sem amor, que é o poder maior de todos. Mas há uma certa dureza em sua mente, mais que em seu coração, que deve ser suavizada. Você tem uma rotina mental, e deve se livrar dela e olhar mais adiante, ou andará como um cego que pode ver – uma contradição e um paradoxo. Há fatos que você pode ver bastante claramente, e para outras você é totalmente cego. Aprenda que mudar de opinião diante das evidências não é fraqueza ou retrocesso, mas um sinal de mente honesta. Digo-lhe mais isto, se seu coração fosse tão duro quanto sua mente, provavelmente não teria vagado até aqui, nos campos ensolarados de Deus, mas até as regiões mais trevosas, mais além destas colinas, longe, além delas. Agora expliquei, tão bem quanto pude, seu caso bem complicado, amigo. O resto, compete a outro fazer.

B- Quem?

A- Aquele de quem já lhe falei; aquele que é encarregado de você.

B- Onde está ele?

A- Um minuto, e ele estará aqui.

A mensagem foi enviada, e o guardião postou-se ao lado de seu guardado que, entretanto, não era capaz de vê-lo.

A- Bem, ele está aqui. Diga-lhe o que quiser.

B. olhou cheio de dúvida e ansiedade, e então disse, "Diga-me, meu amigo, se ele está aqui, por que não posso vê-lo?

A- Porque nesta fase de atividade de sua mente você está cego. Esta é a primeira coisa que você tem que se aperceber. Você acredita em mim quando digo que você é, de alguma forma, cego.

B- Posso ver muito bem, e vejo plenamente as coisas, e o campo bem natural e lindo. Não sou cego por este lado. Mas estou começando a pensar que pode haver outras coisas tão reais como estas, e que não posso ver, mas verei um dia talvez, mas...

A- Agora, pare aqui, e deixe este "mas" aí. E agora olhe, enquanto pego na mão de seu guia.

Ele então pegou a mão direita do anjo guardião em sua própria, dizendo a B. que olhasse intensamente, e contasse se viu alguma coisa. Ele não tinha certeza, entretanto. Ele pensou que viu alguma forma transparente que podia ou não ser real, mas não estava certo disso.

A- Então pegue a mão dele nas suas. Pegue-a de mim.

O homem segurou sua mão e tomou a mão do guardião das mãos de A., e começou a chorar.

Se ele não tivesse progredido tanto para fazer esta ação, ele não teria visto seu guia, nem teria sido capaz de sentir seu toque. O fato de ter tomado suas mãos ao comando de A. mostrava que ele progredira durante a conversação deles, e imediatamente recebera a sua paga. O outro segurou sua mão num aperto firme por algum tempo, e durante este tempo B. o via e sentia-o mais firme e mais claramente. Então A. deixou-os juntos. Logo B.

poderia ver e ouvir seu guardião, e sem dúvida ele iria em frente agora, de progresso em progresso.

Isto lhe mostrará os casos difíceis com que às vezes temos que lidar. Luz e treva densa, humildade e dureza, orgulho obstinado, tudo misturado junto, e difícil de ser separado ou tratado com sucesso. Mas tais problemas são interessantes e, quando superados, dão muita alegria aos trabalhadores.

Ruby [7] manda seu amor e esta mensagem a seus pais:

“Acreditem-me, meus queridos, a prática de uma boa e bondosa ação, e o pensamento e a pronúncia de palavras bondosas por aqueles a quem amamos na terra são imediatamente telegrafados para cá, e nós as usamos para enfeitar nossos quartos, como Rene enfeita seus quartos com suas flores.”

Deus o abençoe, querido filho. Boa noite.

Nota: Com esta mensagem, as comunicações com a mãe do Senhor Vale Owen cessaram, e as mensagens continuaram por uma entidade espiritual chamada Zabdiel. Elas estão no Livro 2, *Os Altos Planos do Céu*.

Capítulo VI
As mensagens de Astriel

Terça, 7 de outubro de 1913.

Pela ajuda de outros, que agora estão aqui conosco pela primeira vez, vamos tentar transmitir-lhe um pouco de instrução sobre as verdades da Fé, como elas aparecem a nós, neste lado do Véu.

Quanto às verdades que os homens incorporaram nos Credos, temos pouco o que dizer, pois muito já foi falado, e mesmo que seja desmentido mais uma vez, os homens estão mal preparados para receber o que deveríamos dizer. Nós, portanto, preferimos, por agora, deixar que espiem por si mesmos estas verdades como as vêem por aqui, meramente observando, como de passagem, que todos os artigos são verdadeiros se interpretados corretamente.

Seguiremos, portanto, tratando de falar sobre as coisas que os homens não consideram muito atualmente. Tudo isto prenderá mais a atenção deles quando acabarem suas discussões sobre os aspectos da verdade que, afinal, são meramente aspectos, não a verdade fundamental em si. Se eles se dispusessem a ver as coisas na proporção correta, então muitos daqueles temas que absorvem tanto seu tempo ficariam entre as coisas que menos importam, e aí então ficariam mais capacitados para devotarem suas atenções às verdades mais profundas que estão estabelecidas tanto aqui, quanto entre vocês na terra.

Uma coisa que seria bom perceber é a eficácia da oração e a meditação. Você já recebeu alguma instrução a este respeito, e agora acrescentaremos algo.

Uma oração não é meramente um pedido de alguma coisa que se queira obter. É muito mais que isto, e, por ser assim, deveria receber mais cuidados do que tem recebido até então. O que vocês têm a fazer, para transformarem uma oração em poder, é deixar de lado o que é temporal, e dirigir sua mente e espírito ao que é eterno. Quando se faz isto, vê-se que muitos dos itens que

incluiriam na sua oração são excluídos pela incongruência de sua presença nela, e resultados maiores e mais profundos tornam-se o foco de seu poder criativo. Uma oração é realmente criativa, assim como o exercício da vontade, conforme foi visto nos milagres de nosso Senhor, tal como o Alimento dos Cinco Mil. E quando uma oração é oferecida com esta convicção, então o objeto é criado, e a oração é respondida. Isto é, o objetivo responde ao subjetivo de tal forma que uma criação real acontece.

Isto não acontece quando a oração foi dirigida de forma errada. Então a projeção da vontade sai pela tangente, e o efeito será proporcional aos poucos raios pelos quais o objetivo será tocado. Também, quando a oração está mesclada com pedidos indignos, ela será proporcionalmente enfraquecida, e também encontrará o desejo oposto ou regulador deste lado, como o caso requeira, e por isso o efeito não é obtido como se desejou.

Agora, isto pode soar bem vago, mas de forma alguma é vago para nós. Você deve saber que aqui há guardiães dispostos para as orações, e sua responsabilidade é analisar e selecionar as orações oferecidas pelos da terra, e separá-las em divisões e departamentos, e passá-las para serem examinadas por outros, e lidadas de acordo com seu mérito e poder.

Para que isto seja cumprido perfeitamente, é necessário que estudemos as vibrações da oração da mesma forma que seus cientistas estudam as vibrações do som ou da luz. Como eles são capazes de analisar, separar e classificar os raios de luz, também nós somos capazes de lidar com as suas orações. Da mesma forma que existem raios de luz que eles confessam não saber lidar com eles, assim também muitas orações trazem para nós aqueles matizes mais profundos que estão além do nosso alcance de estudo e conhecimento. Estas são passadas para os de maior hierarquia, para serem tratadas com sua maior sabedoria. E não pense que estas serão sempre encontradas entre as orações dos cultos. Elas estão entre as orações das crianças, cujas petições e visões são cuidadosamente consideradas aqui, da mesma forma que as das nações.

"Vossas orações e vossos donativos sobem como um memorial diante de Deus." Você se recordará destas palavras pronunciadas pelo Anjo a Cornélio. Elas freqüentemente passam sem serem entendidas pela descrição literal dessas orações e donativos, como eles aparecem ao Anjo e são repassadas adiante, provavelmente por ele mesmo e seus companheiros de trabalho, para os reinos superiores. É como se ele dissesse, "Suas orações e donativos chegaram até minha legião, e foram conscienciosamente consideradas pelos seus méritos. Nós as repassamos como merecedoras, e recebemos a notificação dos Oficiais acima de nós de que elas têm um mérito excepcional, e requerem tratamento especial. Por isso fui comissionado para vir até você." Estamos tentando colocar este caso tão enfaticamente quanto pudermos na linguagem de negociações oficiais para ajudá-lo a entender o quanto puder sobre as condições encontradas por aqui.

Se você examinar outros exemplos de oração na Bíblia à luz do mencionado, poderá ter relances da realidade como ela é vista por nós aqui, em nosso próprio plano. E o que se aplica às orações, pode também ser aplicado ao exercício da vontade, em direções não tão legítimas. Ódio, imoralidade, cobiça e outros pecados do espírito e da mente tomam aqui uma solidez que não é vista ou percebida em sua esfera; e eles também são lidados de acordo com seus méritos. E, ai!, estes que dizem que os Anjos não podem se entristecer, pouco sabem de nosso amor por nossos companheiros que ainda estão batalhando na terra. Se pudessem nos ver lidando com alguns destes maus usos das maiores dádivas de Deus, eles provavelmente nos amariam mais e nos exaltariam menos.

Agora nós vamos deixá-lo considerando este tema por si só, se achar que vale a pena, e, quando virmos que deseja continuar, entraremos em outro tema que pode ser de interesse e muito útil a você.

No topo da torre de sua igreja há um cata-vento em forma de galo. Você pensará que foi você mesmo quem decidiu a forma que ele teria. Não é assim?

Eu tinha me esquecido completamente dele até que você me relembrou. Entretanto, está certo. O arquiteto perguntou-me sobre isso, e eu hesitei entre um peixe e um galo, e eventualmente me decidi pelo último. Fico imaginando, portanto, o que teria a dizer sobre isso.

Sem dúvida. Veja, estas coisas são fúteis a você, mas há poucas coisas que são fúteis para nós. Agora, o fato da escolha de um galo para estar em cima de sua torre é conseqüência direta de certas atividades que estavam em sua mente há cinco anos atrás. Isto é um caso de criação. Muitos ririam disso, mas não nos importamos, pois nós, também, podemos rir, e algumas de nossas risadas deixariam vocês espantados, eu lhe asseguro.

O significado que você tinha em mente quando da sua escolha, aparentemente não muito importante, surgiu para que todos pudessem relembrar que São Pedro negou seu Senhor. Suponho que você queria expor como um aviso para que não se repetisse tal ofensa nos dias de hoje. Mas você não percebeu que aquela decisão aparentemente trivial foi registrada aqui e lidada com bastante seriedade.

Devo dizer-lhe que o prédio de uma nova igreja é um evento que causa muita atividade aqui. Há oficiais que são destacados para atender nos serviços e na guarda do prédio, e toda uma hoste de espíritos ministrantes são convocados dos diversos departamentos para um compromisso ligado com o novo local de reverência. Seus amigos clarividentes já viram alguns deles, mas, comparativamente, muito poucos. Cada detalhe é levado em consideração, não somente a respeito do caráter do ministro, da congregação, do coro e assim por diante, e o melhor dentre nós, isto é, o que mais se qualifica, é escolhido para ajudar você de acordo com as características que observamos; não somente estas coisas, mas a estrutura e os detalhes estruturais são considerados minuciosamente, especialmente onde entra o simbolismo, já que tem uma importância que não é sentida entre vocês como é entre nós. Assim aconteceu que o cata-vento foi considerado também, e eu o escolhi como exemplo porque a aparência trivial mostra-lhe que nada é esquecido.

Foi decidido que, como o galo foi escolhido preferencialmente aos outros símbolos, nós responderíamos a esta escolha, de acordo com o nosso costume, dando à igreja uma oferta especial apropriada em troca. E esta oferta foi o sino da igreja, pelo qual o menino do coro recolheu o dinheiro. Vocês não tinham o sino quando a igreja foi consagrada. A ave estava lá em cima, mas não podia soar sua advertência, como o original fez com São Pedro. E então nós lhe demos voz, e seu sino hoje soa – como fez esta noite. Ficamos felizes ao vermos que aquele que escolheu um, faz o outro falar dia após dia, pois ele é com certeza adequado.

Você acha que temos nossas fantasias aqui? Bem, talvez seja assim, e vocês ficaram muito gratos pelo sino, não ficaram, bom amigo?

Com certeza ficamos. E agradeço a você por sua mensagem gentil. Poderia saber quem é, por favor?

Somos ministros espirituais de uma esfera onde seus próprios amigos e sua mãe visitam de vez em quando, e ela nos contou sobre você e disse do quanto gostaria que nós o conhecêssemos pessoalmente e, se possível, transmitir-lhe alguma mensagem. Ela e seus amigos vêm até nós para serem instruídos. Falando de meu próprio plano, alguns membros de lá estão aqui comigo, eu diria que estamos felizes de virmos e por conhecê-lo. Mas conhecíamos você e sua igreja antes que sua mãe nos contasse.

Obrigado por sua gentileza. Seria permitido que eu perguntasse seu nome?

Permitido, sim, mas temo que não o conheça, nem o entenda.

Apesar disso, senhor, diga-me, se o desejar.

Astriel, que o deixa com suas bênçãos. ± [8]

Quinta, 9 de outubro de 1913.

Viemos novamente para cá, a pedido de sua mãe, e estamos felizes por termos mais esta oportunidade de falarmos a vocês desde este lado. Nunca imagine que ficamos atribulados ao virmos para a esfera terrestre, porque apesar de significar uma experiência de brilho ambiental menos intenso que no nosso

plano, mesmo assim é um privilégio que contrabalança tudo, e mais.

Se nós nos esforçarmos para ilustrá-lo sobre a química dos corpos celestes, talvez pudesse ser interessante e útil a vocês. Não queremos dizer o aspecto físico da ciência, como é entendida pelos cientistas astrônomos, mas o estudo mais profundo de sua constituição.

Cada estrela, como sabe, é por si mesma um centro de um sistema que abrange nele não somente os planetas em revolução em torno desta estrela, mas também as partículas de matéria que se espalham naquele sistema, mas que são sublimadas demais para serem conhecidas por qualquer sistema de química possível aos que habitam em corpos físicos, e em suas pesquisas são compelidos a usarem instrumentos materiais e cérebros materiais. Estas partículas estão entre o puramente material e o espiritual, e sem dúvida pode ser usado nos âmbitos material e espiritual. Porque os dois são meramente duas das muitas fases de um âmbito progressivo, e atuam e reagem uns nos outros, como o sol e seus planetas.

A gravitação é aplicável a estas partículas também nos dois lados, e é por meio desta força – como a chamaremos, por ser um nome conhecido, e também pouco entendido – que nós mantemos coesas estas partículas juntas e podemos, de vez em quando, vestir nossos corpos espirituais, ou tornarmo-nos visíveis à chapa fotográfica, e algumas vezes ao olho humano. Mas fazemos mais que isso, e num campo mais amplo. Se não fossem estas partículas, todo o espaço seria escuro, isto é, nenhuma luz poderia ser transmitida de um planeta, ou do sol, ou de uma estrela para a terra, pois é por causa da reflexão e da refração deles que os raios são visíveis. Não que sejam transmitidos, pois sua transmissão e a passagem dependem de outros elementos dos quais diremos apenas isto: não é o raio de luz, nem é a chamada onda de luz que são visíveis ao olho humano, mas a sua ação nestas partículas minúsculas que, ao impacto destes raios, tornam-se visíveis em ondas.

Seus cientistas têm muito a aprender ainda neste campo, e não é de nossa conta compartilhar aquilo que os homens podem

aprender através dos poderes que possuem. Se o fizéssemos, então o benefício derivado de sua escolaridade terrestre seria diminuído materialmente, e este é o porquê de sermos muito cuidadosos ao transmitirmos apenas o que os ajudará a progredir sem neutralizar os bons efeitos dos esforços pessoais e coletivos. Mantenha isto em mente, e talvez isto será tido como pertinente a qualquer coisa que julguemos conveniente explicar a você através de mensagens como esta.

As estrelas, então, emanam sua luz. Mas para que a emanem, primeiramente devem tê-la em si. E como não são personalidades auto constituídas, para que isso tenham, a elas deve ser dado. Quem o faz, e como é feito?

Bem, claro, é fácil responder "Deus, pois Ele é a fonte de tudo." Isto é verdade o suficiente, mas, como sabe, Ele emprega Seus ministros, e eles são inúmeros, e cada um com sua tarefa determinada.

As estrelas recebem seu poder de transmitir luz pela presença de miríades de seres espirituais sobre elas, todos ordenados e regulados em suas esferas, e todos trabalhando em conjunção. Estes têm a estrela a seu encargo, e é deles que a energia procede, a qual permite a estrela desempenhar seu papel determinado.

O que queremos que entenda é que não há coisas como forças inconscientes ou cegas em todo o Reino da Criação de Deus. Nem um raio de luz, nem um impulso de calor, nem uma onda elétrica procede de seu Sol, ou de outra estrela, mas são efeitos de uma causa, e aquela causa é uma causa consciente; é a Vontade de seres conscientes energizando numa direção certa e positiva. Estes seres são de muitos graus e de muitas espécies. Não são todos da mesma ordem, nem todos da mesma forma. Mas seu trabalho é controlado pelos que são superiores, e estes são controlados por poderes de um grau ainda mais elevado e sublimado.

E assim, estas grandiosas bolas de matéria, tanto gasosas, líquidas ou sólidas, tanto estrelas como planetas, são todas mantidas juntas, e suas forças energizadas e fazendo o efeito, não

através da operação de alguma lei mecânica, mas pela consciência de seres viventes por trás disto, trabalhando através destas leis. Nós usamos a palavra “conscientes” preferivelmente a “inteligentes”, porque o último termo não descreveria acuradamente todos os ministros do Criador. Como vocês entendem a palavra, sem dúvida descreveria apenas um número bem limitado. E poderia surpreendê-lo saber que aqueles a quem vocês aplicariam o termo estão entre os mais elevados e os mais baixos. Pois enquanto os trabalhadores mais baixos não são realmente seres inteligentes, os mais elevados são mais sublimes do que o termo implicaria.

Entre os dois, há esferas de seres que poderíamos continuar descrevendo como seres inteligentes. Repare bem que não estou falando agora nos termos que usamos aqui, e que vocês usarão quando chegarem aqui e estudarem, de alguma forma, as condições daqui. Estou usando a linguagem da terra, e fazendo empenho para colocar o tema sob o seu ponto de vista.

Agora você poderá, a partir do que já escrevi, ver quanto é íntima a relação entre o espírito e a matéria, e quando na outra noite falamos de sua própria igreja e da colocação de guardiães e trabalhadores, entre outras coisas, para o cuidado do edifício material, estávamos apenas falando a você sobre o mesmo princípio regente, numa escala diminuta. Apesar disso, é exatamente o mesmo princípio. O esquema que provê a manutenção de todos aqueles milhões de sóis e de seus planetas, também teve lugar no arranjo de certos grupos de átomos – alguns em forma de pedra, outros de madeira ou tijolo – que resultaram naquela entidade nova que chamaram de igreja. Eles foram mantidos próximos, cada átomo em seu lugar, pela emanação do poder da vontade. Eles não são colocados ali e deixados a sós. Se fosse assim, o edifício logo ruiria, caindo em pedaços.

E agora, à luz do que acabamos de escrever, pense naquilo que as pessoas chamam de “diferença de sensação” ao entrarem na igreja, ou num teatro, ou numa habitação, ou qualquer edifício. Cada um tem suas emanações apropriadas, e elas são conseqüência deste mesmo princípio regente que tentamos descrever. É espírito falando a espírito – os espíritos de

trabalhadores desencarnados falando, através de um médium de partículas materiais e seu arranjo e propósito, aos espíritos dos que entram naquele lugar.

Você ficou cansado, e achamos difícil impressionar você, por isso, com nossas bênçãos, deixaremos você agora, e se desejar, viremos novamente. Deus esteja com você, seus queridos e seu pessoal, em todas as coisas, e todos os dias.

Astriel. ±

Quinta, 16 de outubro de 1913.

Se, por acaso, dissermos algo que puder parecer estranho e irreal sobre esta vida nas esferas espirituais, você manterá em sua mente que há poderes e condições as quais na terra são apartados do conhecimento exterior dos homens. Estes poderes não estão totalmente ausentes de seu ambiente, mas são na maioria mais profundos do que o cérebro físico consegue penetrar. Podem ser sentidos ou pressentidos em algum grau pelos que são mais evoluídos espiritualmente – nada mais que isso. Pois os que se elevam espiritualmente acima do nível geral, estes tocam os limites das esferas que agora são supranormais ao cômputo humano. E nenhuma medida de capacidade mental ou de conhecimento pode atingir esta exaltação de espírito, porque tais coisas são discernidas espiritualmente, e somente assim.

Nós, que agora estamos presentes com você nesta noite, viemos a convite de sua mãe mais uma vez, para falar a você de seu trabalho e da vida como se apresenta a nós, e de como somos privilegiados por conhecê-lo. Isto, até o ponto que pudermos. Quanto ao restante, contamos a você de nossas limitações ao transmitirmos tais conhecimentos os quais, por esta razão, acabam ficando incompletos.

Você é o Astriel?

Astriel e outros amigos.

Primeiramente, meu irmãos, nós o saudamos na paz e no amor em nosso comum Salvador e Senhor. Ele é aqui, por nós, e Ele é aí, por vocês. Mas entendemos, agora, mais daquilo que não estava claro quando andávamos entre as brumas da terra. E

isto poderíamos dizer com toda a solenidade; deixe os que hoje em dia caminham entre vocês buscando o significado de Sua Divindade e a relação dela com a Sua Humanidade, que o façam sem medo e reverentemente. Pois que eles são guiados, mais do que pensam, a partir destes reinos. E que esteja sempre na mente dos que são sinceros, que eles não sejam irreverentes a Ele, Que é a Verdade, ao inquirir o que é a Verdade, da forma que Ele a revelou.

Apesar disso, amigo, vamos contar-lhe, com este mesmo destemor, e também com uma grande reverência, que aquilo que acontece sob o nome de Ortodoxia entre os Cristãos na Igreja da Terra não é uma apresentação justa e verdadeira, sob muitas formas, da Verdade, como viemos a conhecê-la aqui. Também vemos entre vocês muito despreparo para seguirem adiante, e falta coragem e fé na providência de Deus Que os guiará, se os homens seguirem, cada vez mais para uma luz mais intensa, a radiante luz cintilante, a que envolve os bravos para mostrar-lhes o certo e o sagrado caminho em direção ao Seu Trono. Deixe que isto relembre a você que o Trono somente será compartilhado pelos bravos que forem fortes para persistirem, e estes são os que foram valentes para cumprirem e suportarem, exemplificando aos que são seus companheiros menos corajosos e menos iluminados.

Agora continuaremos nossa instrução, e você a receberá até onde alcançar. Aquilo que sentir que não é capaz de receber, deixe, e talvez, conforme continuar em seu caminho, verá que tudo vai se encaixando pouco a pouco, até que entenda tudo.

Estivemos lhe contando principalmente sobre os corpos celestes e sua correlação uns aos outros. Agora falaremos alguma coisa sobre sua criação e sobre o aspecto que eles têm para nós, conforme os vemos pelo lado espiritual. Você entenderá que cada estrela ou planeta, e tudo que é material, tem sua contrapartida espiritual. Você realmente entende isto, sabemos, e vamos colocar o que temos que dizer sobre este conhecimento.

Os corpos celestes são a expressão material de idéias originárias dentre aqueles mais hierarquizados nas esferas Celestes do Poder Criativo. Todos eles e cada um deles são efeitos dos pensamentos e dos impulsos procedentes destas

pensamentos e dos impulsos procedentes destas esferas. Quando um mundo está em processo de criação, aqueles Seres Elevados energizam constantemente e projetam para a matéria que se forma a sua influência espiritual e, para dizermos desta forma, seu caráter. Desta forma, apesar de os planetas de seu sistema serem todos conformes a um grande esquema de unidade, eles são diversos em suas características individuais. Estas características correspondem ao caráter dos Grandes Senhores em Cujo encargo elas geralmente estão. Os astrônomos estão certos quando dizem que certos elementos que formam a Terra são encontrados em, digamos, Marte e Júpiter, e no próprio Sol. Mas eles errariam se dissessem que são encontrados na mesma proporção, ou numa combinação similar. Cada planeta difere nestes fatores de seus companheiros, mas estão todos em conformidade com um projeto mais amplo, que os governa como um sistema. O que é dito aqui pode ser aplicado num âmbito mais amplo de coisas. Considerando o reino Solar como uma unidade, ele não é idêntico, nem em composição de elementos nem na constituição planetária, aos outros sistemas. Cada um difere de seus pares também.

Agora, já explicamos a razão para tanto. Vem da mente individual do Senhor Diretor do sistema em particular. Abaixo dele estão outros grandes Senhores que trabalham em uníssono com sua idéia regente única. Mas estes também têm liberdade naquilo que está a seu encargo, e assim por diante até coisas mínimas da criação – as flores, árvores, animais e a formação da face do planeta. É por causa desta variação na criação e no controle que vocês têm tanta diversidade nos detalhes; e por causa dos limites da restrição ao exercício daquela individualidade livre que vocês têm a unidade que encontram interpenetrada em cada departamento e sub-departamento da criação.

Abaixo destes supervisores há miríades de ministros menores, de diferentes graus decrescentes, até que algumas das mais baixas ordens mal podem ser chamadas de pessoas, já que se inserem nas espécies mais baixas de vida, que vocês denominariam sensitivas, para distingui-las dos que, como nós,

possuem não só inteligência, mas também a independência de julgamento que conhecemos como livre arbítrio.

Você está falando de fadas, gnomos e elementais em geral, dos quais alguns autores nos contam?

Sim, eles são reais e, na maioria, benevolentes; mas estão longe, abaixo na esfera humana, e por isso são menos conhecidos que os mais elevados graus de ministério, como os espíritos dos homens, e os que atingiram o grau angélico.

Agora, um pouco a mais sobre a terra em si. Os geólogos contam como algumas rochas em sua formação são aluviais e outras ígneas, assim por diante. Mas se você examinar cuidadosamente algumas delas, verá que elas exalam um certo vapor, alguém diria uma influência magnética. Este é o efeito da inspiração original delas, a partir daqueles que a formaram originalmente. E estas características são merecedoras de estudos mais profundos do que tiveram até então. A composição química tem sido, mais ou menos, averiguada. Mas as influências mais sutis procedentes das partículas eternamente vibrantes têm sido negligenciadas. Mesmo assim, quando se relembra que nenhum pedaço de rocha ou pedra está inerte, pois todas as suas partículas estão em movimento ordenado e constante, damos apenas um passo adiante para então perceber-se que, para que este movimento seja mantido, deve estar presente uma grande força e, por trás desta força, a personalidade daquele de onde isto é a expressão.

Isto é verdade, e a influência maligna que algumas gemas realmente exercem naqueles cujos sentimentos em direção a elas não são bem governadas, é uma evidência disto. Por outro lado, você ouviu falar de gemas da sorte, que é uma expressão que demonstra uma vaga noção da verdade fundamental. Elimine toda a idéia de acaso destes temas, e substitua por um sistema ordenado de causa e efeito, e lembre-se da conseqüência da ignorância ao se transgredir todas as leis naturais, e você verá que pode haver algo naquilo que estamos tentando explicar.

Para dar mais ênfase, limitamos nossas considerações à criação mineral, mas a mesma verdade pode ser adaptada ao reino vegetal e também ao animal. E disto não falaremos nesta

vegetal e também ao animal. E disto não falaremos nesta noite. O que dissemos foi dito com o objetivo de mostrar que há um campo para os que têm mente científica, e para os que não temem seguir mais adiante do que os cientistas se permitiram até aqui.

O todo pode ser resumido em poucas palavras; se aceitas, então a conclusão a que levamos deve, necessariamente, ser aceita também. Toda a criação material não é nada em si e por si. É apenas a expressão, num plano mais baixo, das personalidades de planos mais elevados; os efeitos dos quais suas vontades são as causas. Como um homem deixa impresso o seu caráter em seu trabalho do dia a dia, assim os grandes Senhores Criativos e seus ministros deixaram as impressões de suas personalidades nestes fenômenos materiais.

Nada está parado, tudo se move constantemente. Este movimento é controlado e ordenado, e isto é uma garantia da energização constante da personalidade. Como os graus menos elevados de serviço são dependentes dos Senhores mais elevados para sua existência e continuidade, assim estes últimos são dependentes dos de maior grau de sublimidade, assim como eles são da Energia Suprema Única, o Ser de Existência Própria, Cuja Vontade é a nossa vida, e Cuja Sabedoria é mais maravilhosa do que podemos expressar em palavras ou pensamentos. Reverenciemos Àquele onde tudo é, reverência de nós que, em Cristo nosso Senhor e Salvador, habitamos n'Ele, e Ele em nós. Amém. ±

Sexta, 24 de outubro de 1913.

Viemos esta noite com nossos amigos, sua mãe e as companhias dela, a convite dela novamente, para transmitirmos a você uma mensagem de ajuda amiga e de conselho. E pensando sobre o que mais poderia lhe interessar, concluímos que se fosse para dizermos algo a você sobre os poderes que velam pelo mundo, deveríamos, talvez, levá-lo, e os que estão querendo segui-lo, um pouquinho mais adiante, em direção ao grande corpo de conhecimento que aguarda a sua pesquisa, quando tiverem deixado de lado aqueles entraves da vida terrena, ficando

livres ao progresso em direção às glórias maiores do reino do espírito.

Quem está escrevendo isto, por favor?

Somos os que já estivemos aqui antes, amigo; Astriel, como você me conhece, e meus companheiros de trabalho da Décima Esfera de evolução. Podemos continuar, então?

Por favor, e agradeço pela sua cortesia em descerem até aqui, até este reino escuro, como lhes parece.

Você diz, "Descer até aqui," e isso expressa muito bem a condição das coisas do seu ponto de vista. Apesar de não ser completo, nem perfeito. Pois se o planeta no qual você vive sua vida atual é dependente de espaço, então "cima" e "baixo" são termos que devem ser bem restritos em seu significado. Você já anotou isso em sua escrita, ou, aliás, foi pressionado a anotar.

Quando dizemos "os poderes que zelam o mundo", não queríamos, claro, localizar estes poderes em um lado do planeta, mas implica em um envolvimento total da guarda que os poderes celestiais mantêm sobre esta esfera que é chamada de terra. Estes poderes são residentes nas zonas das quais a terra em si é o centro, e elas estão em círculos concêntricos em torno dela. As zonas inferiores são as próximas da superfície do planeta, e progridem em poder e glória à medida que a distância aumenta. Mas, o "espaço" deve ter seu significado ampliado quando se aplica a estas esferas, pois a distância não tem o sentido obstrutivo para nós, como tem para vocês.

Por exemplo, quando estou na Décima destas zonas, minha cognição é limitada, mais ou menos, pela Décima zona, quanto aos seus limites exteriores ou superiores. Posso, às vezes e com permissão, visitar a Décima Primeira zona, ou mesmo ir mais alto, mas residir naquelas regiões superiores não me é permitido. Por outro lado, as regiões inferiores à Décima não são impossíveis para mim, já que a zona onde habito, sendo uma esfera, inclui dentro dela, mesmo sendo considerada geometricamente, todas as nove esferas inferiores. Assim, podemos, para ilustrar e entender, colocar desta forma: A Terra é o centro sobre o qual muitas esferas estão, e está incluída nestas esferas todas. E os residentes da vida terrestre estão potencialmente em contato

residentes da vida terrestre estão potencialmente em contato com todas as esferas, e realmente estão, na proporção de sua altitude considerada espiritualmente – espiritualmente, porque estas esferas são espirituais, e não materiais.

Mesmo a esfera material da terra é somente assim fenomenicamente, pois é a manifestação em matéria de todas estas zonas de poder espiritual que a envolvem, e de outras também, de outro grau que a interpenetram. Deixe isto de lado, pelo menos por agora, e considere o tema da forma que o descrevemos.

Você vai agora ter uma idéia do que significam aspiração, oração e culto. Eles são os meios de comunhão com o Criador e os que são Elevados e Sagrados e Que habitam na mais alta, ou mais externa, destas esferas (para se colocar numa forma que você entenda), e incluindo dentro d'Ele e d'Estes todas as zonas inseridas na Zona mais elevada, ou esfera.

E assim a terra é envolta, inclusa e afetada por poderes espirituais, de variados graus e espécies, confiados pelo Criador – Deus – a todos estes ministros de todas as esferas que estão em torno dela.

Mas conforme se progride para adiante, alcança-se um estágio complicado de compromissos. Pois não é só a terra somente, mas cada planeta no Sistema Solar tem como um complemento de zonas espirituais ou esferas. Assim, à medida que se afasta cada vez mais da terra, chega-se a um reino onde as esferas da Terra e dos planetas mais próximos interagem uns com os outros. Como cada planeta funciona com um assessoramento semelhante, então a complexidade torna-se multiplicada, e você começará a ver que o estudo destas esferas não é tão simples como algumas boas pessoas entre vocês pensam que é, e que demandam de nós as informações quanto ao significado de tudo.

Desenhe um diagrama do Sistema Solar, com o Sol no centro, e os planetas aproximadamente em seus respectivos lugares em torno dele.. Então comece com a terra e circunde-a com, digamos, uns cem círculos. Faça o mesmo com Júpiter, Marte, Vênus e os outros, e trato do Sol da mesma forma, e terá uma

pálida idéia de nosso trabalho e de seu interesse empolgante, mas de profundas variações de significado, que incluem em nossos estudos as Esferas de Deus.

Nós ainda nem alcançamos o limite de nosso problema. Porque o que se aplica ao Sistema Solar deve ser aplicado também a cada estrela e seus planetas. Então, cada sistema, tendo sido considerado em separado, cada um e todos devem ser estudados em sua correlação com os demais. Pense nisto uns instantes e entenderá, penso eu, que não haverá falta de uso para as suas energias mentais quando chegar aqui.

Agora, algumas vezes nos perguntam quantas esferas há. Bem, tendo explicado o que acabamos de explicar, não entenderei se você nos questionar desta forma. Se tivesse feito a pergunta, nós, que somos apenas da Décima destas esferas, teríamos que responder: Não sabemos, e temos muita dúvida se nossa resposta a você seria diferente se tivesse feito a mesma pergunta a um milhão de milhões de aeons adiante desta nossa época, e tendo nós progredido todo este tempo.

E agora, amigo e espírito companheiro, desejaríamos pedir que considere um outro aspecto deste tema. Dissemos que estas esferas são esferas de poder espiritual. Bem, dois mundos afetam-se entre si através do que seus cientistas chamam de gravitação. Também, duas esferas de poder espiritual, entrando em contato, não deixam de agir e reagir umas às outras. Referindo-nos ao seu diagrama mental do Sistema Solar, você verá que a terra é, necessariamente, atuada por uma enorme número de esferas, e que um grande número delas são do Sol e de outros planetas.

Sim, amigo, há, afinal de contas, um fundo na idéia astrológica, e talvez seus cientistas fazem bem em ficar bem distantes disso, porque pode não ser bem entendido, e poderia se tornar perigoso, quanto aos que não entendem o que é poder espiritual. É real e tremendo, e cada esfera destas é reforçada ou modificada pelas outras. O estudo disto deveria ser encetado com a maior reverência e devoção, porque estes são reinos aonde os Anjos de mais alta hierarquia vão tranqüilamente, e nós de hierarquia menor olhamos e imaginamos a Sublimidade daquele Ser Que unifica tudo isto em Si, e Que não tem Nome que possa

unifica tudo isto em Si, e Que não tem Nome que possa ser transmitido a nós, que somente podemos ir até uma pequena parte do caminho e então nossos braços nos são encurtados, nós que apenas podemos ver um pouquinho do caminho e, aí, a luz adiante fica escura, tal é a intensidade dela.

Mas testificamos a vocês, amigo, e aos que pensarão reverentemente nas coisas que não podem entender, que se a admiração nos dá um tempo de pausa e, quando continuamos novamente, não perdemos a sensação da Presença d'Aquele Cuja respiração é amor, e Cujo incentivo é tão gentil quanto o toque de uma mamãe em seu pequenino bebê. Assim nós, como vocês, tomamos a Sua mão e não tememos, e a música das Esferas nos envolve conforme saímos de uma glória para as outras adiante. Siga sempre este caminho, nosso irmão n'Ele. Não esmoreça nem enfraqueça na estrada, porque as brumas se esvaem à medida que se avança, e a luz se intensifica naquela luz mais adiante, que nos impele para o desconhecido, e que jamais é temida. Assim caminhamos gentil e humildemente, como fazem as criancinhas, entre as glórias dos planetas e dos céus dos sóis, das esferas e do amor de Deus!

Amigo e irmão, dizemos boa noite a você, e agradecemos por permitir cumprirmos esta tarefa. Que ela seja útil, muito ou pouco, para poucos ou muitos que buscam a verdade. Boa noite mais uma vez, e esteja certo de nossa abençoada ajuda. ±

Sábado, 25 de outubro de 1913.

Continuaremos, se permitir, nossa mensagem de ontem sobre aquelas esferas de poder que afetam a terra.

Ainda concernente ao sistema Solar, diremos que se considerando o que já dissemos, verá que não mencionamos ainda todas as complicações que entram no estudo destas esferas. Pois não somente as zonas em círculos concêntricos sobre todos os planetas e o sol misturam-se com todo o resto, mas também a combinação relativa está continuamente mudando, ao mudarem as posições destes corpos, e com sua conseqüente proximidade, ou distanciamento, uns dos outros. Por isso é bem correto literalmente dizer que em dois segundos quaisquer do tempo a

influência deles imposta sobre a superfície da terra não é a mesma.

Nem é idêntica qualquer combinação de suas influências em seu efeito ou intensidade sobre toda a terra ao mesmo tempo, porém difere nas diferentes localidades. Deve ser levado em consideração em nossos cálculos a corrente de irradiação chegando a este sistema Solar vinda dos sistemas de outras estrelas. Todas estas coisas devem ser consideradas, porque está na mente ainda que estamos falando de zonas e esferas de seres espirituais cujos poderes estão energizando continuamente, e cuja vigilância não falha.

Isto, então, é um simples esboço das condições que se obtêm entre os sistemas planetários cuja manifestação exterior é visível ao olho e ao telescópio do astrônomo. Mas o que se observa desta forma é apenas uma pequenina partícula quando comparada com o todo. É apenas um chuvisco que refresca o viajante, quando ele se põe na proa do navio, e espalha em gotinhas de névoa em torno dele. Ele vê as minúsculas gotas de água flutuando e refletindo a luz em torno delas, e diz que são inúmeras. Mas se fossem, que diremos do oceano de onde elas vieram, onde estão e aonde retornarão?

O que aquela pequena nuvem de orvalho é para o oceano, o céu recoberto de estrelas, da forma que é visto da superfície da terra, é para o todo. Da mesma forma que as profundezas do oceano se apresentam aos olhos daquele que olha do lado da amurada do navio, assim mesmo são as profundezas do espaço, e tudo que o espaço contém, para a inteligência humana.

Agora raciocinemos um pouquinho mais adiante. Espaço, em si, é apenas um termo usado para descrever o indescritível. Ele não tem, portanto, um significado definido. Um de seus poetas começou um poema sobre o espaço e desistiu, desesperado. Prudente, porque se ele desejasse fazer justiça ao tema, continuaria aquele poema para sempre.

Por que, o que é o espaço, e onde estão os limites dele? É ilimitado? Se é, não há centro. Onde, então, habita Deus? Ele disse estar no Centro de toda a Criação. Mas o que é a Criação?

Uma criação que tem relação com o espaço, ou uma criação que é invisível?

Agora, é inútil, para todos os propósitos práticos, especular coisas que não entendemos. É bom raciocinarmos sobre estas coisas algumas vezes, para que descubramos nossas próprias limitações. Feito isto, falemos de coisas que, de certa forma, podemos entender.

Todas estas zonas das quais acabamos de falar são habitadas por seres de acordo com sua evolução, que progridem de uma esfera para outra mais elevada, à medida que acumulam, em si mesmos, conhecimento. A partir do que já escrevemos, você verá que, conforme se avança das mais baixas para as mais elevadas esferas, chega-se a uma região de esferas que são interplanetárias, visto que contém em sua circunferência mais de um planeta. Avançando ainda, chega-se a um estado onde as esferas são de tal diâmetro que são interestelares, isto é, abarcam em sua circunferência não apenas mais de um planeta, mas mais de uma estrela, ou sóis. Todos eles são cheios de seres, de acordo com seu grau de sublimidade, de santidade e de poder, cuja influência se estende a todos, tanto espirituais, quanto materiais, dentro da esfera ao qual se atêm. Nós apenas avançamos, veja, de planeta para estrela, e de estrela para estrelas agrupadas. Além disso estão esferas ainda mais colossais, e mais tremendas. Mas delas, nós, nesta Décima esfera, sabemos muito pouco ainda, e nada certo.

Mas você poderá perceber levemente, por um enorme esforço de seus poderes imaginativos, o significado que tínhamos em mente quando escrevemos na última noite sobre Ele, Cujo Nome não é conhecido e impossível de se conhecer. Assim, quando veneram o Criador, vocês não têm, suponho, uma idéia definida da Ordem do Criador que pretendem. É fácil dizer que significa o Criador de tudo. Mas o que querem dizer com *tudo*?

Agora, saibam disto – porque até aqui, pelo menos, progredimos para saber – vocês acertam ao venerar o Criador e Pai de tudo, seja lá o que signifique – se querem dizer que é alguma coisa definida por esta palavra tão inclusiva. Ainda, sua reverência passa primeiro pelas esferas mais baixas, e através

delas para as mais altas, e algumas venerações vão mais além, nas esferas mais altas que as outras venerações vão, de acordo com o merecimento e poder inerente. E algumas vão muito longe de fato. Longe, acima de nós, está a esfera Crística de gloriosa intensidade de luz e beleza incalculável. Sua reverência, então, vai a Deus através d'Ele, isto é, através d'Aquele Que veio para a terra e manifestou o Cristo aos homens.

Agora, tudo o que dissemos é verdade, mesmo que expressa inadequadamente por causa das limitações, nossas, dos que estamos falando com você, e suas, pelo seu estado terreno. Pois você entenderá que quando falamos de passagens através destas esferas, estamos realmente usando frases de caráter local, como de uma jornada de uma localidade através de outra em direção a uma terceira. E temo, meu amigo, que posso fazer muito pouco agora, a não ser relembrá-lo que estes estados dos quais estivemos pensando são melhor descritos como esferas, não como zonas. Pois, repito, as mais elevadas incluem nelas mesmas todas as inferiores, e aquele que se move em qualquer uma delas está presente em todas as inferiores à dele. Por esta razão, não é sem alguma verdade que falamos d'Ele Que é tudo, e em tudo, e através de tudo; e da Onipresença de Deus.

Agora, achamos que trabalhamos este tema por muito tempo e devemos parar de nos esforçar em colocar no pequeno cálice do conhecimento e sabedoria terrestre para entendam a vindima destes amplos parreirais dos céus. Uma coisa basta que saibamos, vocês e nós: o Agricultor e o Viticultor, ambos, estão certos de seu poder e de sua sabedoria ao lidarem conosco. Nossa jornada é em direção a eles, e devemos fazer o que temos pela frente, completamente, e bem acabado, e então alcançarmos a próxima tarefa, na ordem. Quando esta estiver bem terminada, então outra estará esperando por nós. Jamais devemos achar que chegamos ao fim, penso. Pois quando se progride, chega-se a se sentir mais e mais a possibilidade de ser verdadeira a frase "para sempre," "mundo sem fim." Mas duvidamos que você já o fez, amigo, e pronunciamos isso muito cortesmente.

E agora nós os abençoamos, e o deixamos na esperança de podermos voltar, porque é bom, e há doçura nisto, inclinarmo-

nos para sussurrar em ouvidos desejosos de algumas das glórias menores dos Reinos Celestiais. Esteja certo, amigo – e conte a outros que ouvirão – que esta vida que os espera não é meramente um sonho incorpóreo numa região do crepúsculo, em algum lugar além do limite do real e verdadeiro. Não, é extenuante e intensa, esta nossa vida. Ela é cheia de serviços e esforços coroados, um após outro, com sucesso; de impulso paciente para frente, e de desejos indômitos sintonizados uns aos outros num serviço fraterno pelo Senhor do Amor, Cuja Vida sentimos e inspiramos, mas a Quem não vemos, e Cuja Residência é sublime demais para que a conheçamos.

Lançamo-nos à frente, e freqüentemente tomamos a mão de alguém um pouquinho atrás de nós, e com a outra seguramos a roupagem de alguém um pouquinho mais à frete. E assim seguimos, meu irmão; e também vocês, e outros que trabalham com você. E se estamos um pouquinho à frente, bem, há muitos que se arrastam lá atrás. Tomem as mãos deles nas suas, e gentilmente, lembrando de sua própria relativa fraqueza, e se a tarefa for pesada demais para você, não solte aquela mão que segura, mas alcance outra lá em cima – e aqui está a minha e a de muitos outros conosco. Você não falhará, por isso mantenha puras e brilhantes a sua própria visão e a sua vida. Não somente isso, aquela Visão ficará mais gloriosa, pois não está escrito, amigo, que os que são puros de coração verão a Deus?

Sexta, 31 de outubro de 1913.

Os que dizem que viemos à terra para ajudar estão corretos. Mas os que esperam que ajudemos num grau tal que seus esforços próprios não sejam necessários, estes estão errados. Não nos é permitido ajudá-los diminuindo o valor da escolaridade da terra. E apesar de parecer tão razoável que quase chega a ser uma verdade banal, mesmo assim há muitos que esperam que façamos o que eles mesmos podem fazer, e isso não numa medida ordinária, mas quase, como se fosse, miraculosamente.

Quem está escrevendo, por favor?

Estamos com sua mãe – Astriel e seus amigos.

Obrigado. Reparei que o vocabulário não era como o de minha mãe e de suas companhias.

Não, suponho que não seja. Em parte, claro, porque temos características diferentes, diferentes esferas, e também sexos diferentes, que não deixa de ter sua característica peculiar aqui, da mesma forma que aí. E em parte, também, porque somos de um período diferente do de sua mãe e de suas amigas.

Você quer dizer que viveu na terra há bastante tempo atrás?

Sim, amigo, na Inglaterra, quando George, o Primeiro, era o rei, e alguns de nós antes disso ainda.

Sobre si mesmo, Astriel – que é, suponho, o líder de seu grupo – poderia por gentileza dizer-me alguma coisa?

Certamente. Mas você não percebe que é mais confuso dar-lhe estes detalhes terrenos do que parece. Direi o que posso, entretanto. Vivi em Warwick, e fui professor numa escola ali – diretor. Não posso precisar o ano exato em que passei para cá, a menos que o procure, e realmente não tem muita significação.

Agora poderemos falar sobre o que está em nossas mentes? Podemos ajudar, mas discretamente. Quando as pessoas supõe que devamos ajudá-los na investigação científica, por exemplo, eles certamente se esquecem de que Deus deu-lhes as mentes próprias para serem usadas a Seu serviço. E para este fim eles são deixados a tentarem seu caminho natural, e quando tiverem realizado o que puderam, nós sempre apontamos o caminho para adiante e os ajudamos no conhecimento adiantado.

Poderia dar-me um exemplo deste ponto?

Lembro-me de que uma vez eu estava impressionando um homem que investigava as leis da psicologia quanto às visões e sonhos. Ele queria descobrir qual era a causa de certos sonhos serem proféticos – a conexão entre o sonho em si e o incidente que é profetizado. Ele apelou por mim, e eu disse-lhe que deveria continuar suas investigações e usar sua própria mente, e, se tudo estivesse bem, ser-lhe-ia dado o entendimento.

Naquela noite eu o encontrei, quando ele adormeceu, e o conduzi a um de nossos observatórios onde fazíamos experiências com o objetivo de retratar, em forma visível, os

eventos que aconteciam naquele momento, isto é, eventos que aconteceram pouco tempo antes, e os que acontecerão logo mais, no futuro. Não podemos seguir longe para trás nem longe para frente naquele estabelecimento em particular. Isto é feito pelos que estão nas esferas mais elevadas.

Acertamos os instrumentos para lançar numa tela uma paisagem da vizinhança do lugar em que ele vivia, e pedimos que ele observasse intensamente. Um item particular era a chegada na cidade de algum personagem importante com uma grande séquito. Quando a demonstração acabou, ele nos agradeceu e nós o conduzimos de volta aos seu corpo terrestre novamente.

Ele acordou nesta manhã com uma sensação de que havia estado em companhia de certos homens que faziam experiências em algum ramo da ciência, mas não conseguia rememorar o que acontecera. Mas à medida que continuou seu trabalho naquela manhã, a face do homem que ele vira na projeção veio à sua mente, vividamente, e ele então relembrou vários trechos de sua experiência sonhada.

Ao abrir os jornais alguns dias depois, ele viu uma notícia sobre uma visita daquele personagem programada para esta cidade e para o mesmo distrito. Então ele começou a raciocinar sobre os fatos por si mesmo.

Ele não se lembrou do observatório, nem das figuras na tela que havíamos mostrado a ele. Mas ele lembrou o rosto e o séquito. Então raciocinou desta forma: quando os corpos dormem, nós mesmos, pelo menos algumas vezes, vamos à esfera de quatro dimensões. É esta Quarta Dimensão que permite aos que ali habitam ver o futuro. Mas retornando a este reino de três dimensões, não podemos carregar de volta conosco tudo o que experimentamos quando estivemos nos reinos das quatro. Apesar disso, realmente conseguimos manter alguns itens que sejam naturais nestes reinos mais baixos, como a face de uma habitante terrestre e um séquito em procissão.

A conexão, então, entre um sonho premonitório e os eventos por si mesmos é a relação de um estado de quatro dimensões e

um estado de três. E o primeiro, sendo de maior capacidade que o último, cobre a qualquer momento um âmbito mais amplo de visão, quanto ao tempo e a seqüência dos eventos, do que o último cobre.

Agora, através deste uso de suas próprias faculdades mentais, ele atingiu um avanço em conhecimento tão grande quanto o que eu teria dado diretamente, e assim fazendo, ele também avançou em treino mental e poderes. Porque apesar de que sua conclusão não foi das que passariam por aqui sem retificação em vários pontos, mesmo assim estava amplamente correta, e de muita ajuda para todos os propósitos intelectualmente práticos. Eu não teria infundido nele mais do que ele achou por si mesmo.

Este, então, é o método de nosso trabalho, e, quando as pessoas acham que é falho e impacientemente que seja este método alterado para se adequar às idéias deles sobre o que seria a maneira correta, bem, nós os deixamos por si mesmos e, quando suas mentes ficarem mais humildes e receptivas, retornamos e continuamos.

E agora, amigo, deixe-nos contar-lhe o procedimento imediato em seu próprio caso. Você algumas vezes imagina por que não fazemos estas mensagens mais vívidas, como assim você mesmo coloca, para que você não tivesse dúvidas ou dificuldades em acreditar que vêm de nós a você. Bem, pense em tudo à luz do que dissemos, e verá que, de vez em quando, transmitimos a você apenas o que é necessário para ajudar você a se ajudar. Seu treinamento, lembre-se, ainda continua, você ainda não chegou ao fim, nem vai, enquanto estiver na vida terrestre. Mas se continuar confiante e esperançoso, verá as coisas mais plenamente esclarecidas. Aceite o que não é contraditório em si mesmo. Não procure tanto provar ou não comprovar, mas busque mais a consistência destas mensagens. Nós não transmitimos a você coisas demais, mas tudo o que necessita para ajudá-lo. Seja crítico, certamente, mas não descontrolado. Há muito mais verdades que mentiras em torno de você e sua vida. Busque mais a verdade e a encontrará. Previna-se contra o falso, mas não seja supersticiosamente temeroso. Quando você toma um caminho numa montanha, sua mente está alerta em duas direções – para o caminho certo e a

alerta em duas direções – para o caminho certo e a salvo, e contra os lugares perigosos. Mesmo assim, você dá mais atenção ao positivo que ao negativo, e corretamente, ou seguiria muito vagarosamente em sua jornada. Então caminhe sem escorregar, mas também siga em frente sem medo, porque são os que temem que perdem a lucidez, e mais freqüentemente se acidentam.

Deus esteja com você, amigo. Sua Presença é gloriosa aqui, e brilha através das brumas que envolvem a terra, e esta radiação pode ser vista por todos – exceto pelos cegos, e estes não podem ver.

Nota: o leitor provavelmente sentirá que o término desta série é abrupta. Eu também achei, e quando da sessão seguinte Zabdiel [9] assumiu o relato, questionei quanto a isso. Sobre isso, a conversação seguiu assim:

O que aconteceu com as mensagens que recebia de minha mãe e de suas amigas? Acabaram? Elas estão incompletas – não há uma conclusão apropriada para elas.

Sim, elas ficarão muito bem como foram dadas a você. Lembre-se de que elas não tinham que ter uma forma de história completa, ou uma novela. São fragmentadas, mas não de pouca utilidade aos que as lerem com mente correta.

Confesso que estou um pouco desapontado no final. Foi abrupto. Ultimamente foi dito algo sobre a publicação. É seu desejo que elas sigam como estão?

Isto deixaremos por sua vontade. Pessoalmente, não vejo por que não deveriam. Posso dizer-lhe, entretanto, que estes escritos que ultimamente fez, como os primeiros escritos que recebeu de nós, são preparatórios para um avanço para adiante – o qual agora proponho a você.

Esta foi toda a satisfação que obtive. Assim pareceu não haver alternativas, apenas cuidar do recebido como preliminar para futuras mensagens G. V. O.

FIM

Notas:

---

[1] As palavras e comentários do Rev. Vale Owen estão em itálico.

[2] Uma pessoa da congregação de *All Hallows*, Oxford, havia me dito que uns poucos dias atrás ela tinha visto uma pomba pairando sobre o altar durante a celebração da Comunhão Sagrada.

[3] As mensagens de Astriel foram transmitidas em datas variadas, as quais, entretanto, não foram em seguida. A razão pela qual foram transmitidas desta forma não é aparente. O efeito, porém, foi o corte das comunicações da mãe do Sr. Vale Owen de tal forma que interrompiam a continuidade das mensagens dela e também quebravam a seqüência das do próprio Astriel. Elas foram, portanto, coletadas e postas num capítulo em separado, no final do livro.

[4] Veja capítulo II.

[5] A referência ao Círculo de Estudos pede uma nota de explanação. Foi na segunda-feira anterior. Sentei-me no Santuário, entre as grades, e os membros encaravam-se uns aos outros nas cadeiras do coro. A senhorita E. sentou-se à minha direita no final do Santuário da manjedoura. Ela depois havia me contado que, quando eu assumi o debate, viu minha mãe vindo do altar até chegar atrás de mim, com os braços abertos e o rosto expressando uma saudade imensa e amor. Estava bem brilhante e linda, e seu corpo parecia tão materializado quanto o de qualquer um dos presentes. A senhorita E. achou que ela ia me tomar em seus braços, e estava tão vívida que ela esqueceu, por momentos, que a forma não era de carne e sangue, apesar de não ter sido vista pelos outros. Ela esteve por gritar, quando rapidamente se recompôs, tendo que disfarçar sua exclamação. Era sobre isto que desejei fazer uma pergunta.

[6] Arnel, aqui mencionado pela primeira vez, comunicou-se eventualmente através do reverendo George Vale Owen numa

série de mensagens que estão colocadas em *O Ministério do Céu* e em *Os Batalhões do Céu* (Livros 3 e 4 desta série), porém ali com o nome de Arnel, como será oportunamente explicado.

[7] Esta mensagem de Ruby parece se referir às caixas de flores que enviamos para nossa filha, que estava longe, na escola. G. V. O.

[8] Astriel sempre concluía suas comunicações com o sinal da cruz.

[9] Estas mensagens continuaram mais adiante. A Segunda parte foi transmitida por Zabdiel (da mesma esfera de Astriel), e são mais ou menos do mesmo tamanho que a primeira parte. Foi publicada em *Os Altos Planos do Céu*.